

REVISTA

PORQUE AMAMOS  
LIVROS

conexão

# Literatura

Novembro/2020

nº 65



# MAURO FELIPPE

AUTOR DO LIVRO PALAVRAS TÊM VIDAS

**E MAIS**

ENTREVISTAS COM ESCRITORES  
CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# SUMÁRIO

NOVEMBRO DE 2020

Editorial: Por Ademir Pascale, pág. 03  
Especial: Mauro Felipe, autor do livro Palavras Têm Vidas, pág. 04  
Dicas de livros, pág. 09  
Literatura: Gramiro de Matos, o tropicalista invisível, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 10  
Literatura: Romance: A música do seu coração - Cap. 9: Tenha fé em Deus, tenha fé na vida, por Raimundo Colares Ribeiro, pág. 14  
Poemas, por Rozz Messias, pág. 20  
Literatura: O Universo sombrio de Stephen King, por Rafael Botter, pág. 22  
Artigo: Professores do Brasil - Português Amoroso, por Mayanna Velame, pág. 25  
Poesia: Como Clarice, expus minha alma no papel, outra vez, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 28  
Resenha Crítica: Contemplação e poesia na "Teoria das insignificâncias e outras teorias das desimportâncias", de Eduardo Martins: Percurso e Legado, por José Flávio da Paz, pág. 29  
Entrevista com o autor André Soska, pág. 34  
Entrevista com o autor Antonio Ferreira, pág. 38  
Entrevista com o autor Erick Mathews, pág. 42  
Entrevista com a autora Gabriela Edel, pág. 46  
Entrevista com a autora Juliana Feliz, por Casa Projetos Literários, pág. 50  
Entrevista com o autor L. J. Freitas, pág. 55  
Entrevista com a autora Marcia Rosenberger, por José Flávio da Paz, pág. 61  
Entrevista com a autora Mariana Pio, pág. 70  
Entrevista com o autor Osmar S. Junior, pág. 74  
Entrevista com a autora Rozz Messias, pág. 77  
Entrevista com o autor Thélío Queiroz Farias, por Casa Projetos Literários, pág. 80  
Conto: "Uma aventura dracônica apaixonante", por Marcos Pereira dos Santos e Margarete Rocio Rodrigues, pág. 83  
Conto: "O Marinheiro Veloz", por Massilon Silva, pág. 91  
Conto: "Constantin", por Míriam Santiago, pág. 95  
Conto: "Projeto Mullah de Tróia XXIX", por B. B. Jenitez, pág. 100  
Conto: "A solidão de uma rainha", por Roberto Schima, pág. 104  
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 134

## EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

Mayanna Velame e Rafael Botter - Colunistas

## CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html)

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html)

Layout da Capa e Arte: Ademir Pascale. Foto: Mauro Felipe (arquivo pessoal)

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição.

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html)

Para entrar em contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)  
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



ademirpascale



# EDITORIAL

Mauro Felipe, autor que vem ganhando notoriedade no meio literário, é destaque da nossa edição. Confira nas próximas páginas um especial que fizemos sobre o seu excelente livro *Palavras têm vidas*.

Textos interessantes preenchem essas páginas com crônicas, contos e poemas.

O leitor também poderá conferir várias entrevistas com escritores, além de dicas de livros.

Para saber como participar da nossa edição de dezembro (a última do ano), seja com conto, crônica ou poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!

— *conexão* —  
**conexão**  
**LITERATURA**

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



**Ademir Pascale**  
Editor-chefe

O livro é um mestre que fala mas que não responde.

— Platão

As palavras têm vidas.  
Umas fazem nos saltitar.  
E quando menos tranquilas.  
Mas atraentes ficam.  
Fazem os olhos brilhar.

# PALAVRAS TÊM VIDAS

MAURO FELIPPE





## MAURO FELIPPE REÚNE, NA ANTOLOGIA PALAVRAS TÊM VIDAS, O SUCESSO DE SUAS QUATRO OBRAS: HUMANOS, NOVE, ÓCIO E ESPECTROS. LANÇADO PELA EDITORA COERÊNCIA

### Literatura

O livro combina os melhores versos do poeta catarinense e marca a nova fase do escritor. Mauro é conhecido por escrever poemas e aforismos que imprimem a realidade humana, seja no caos das adversidades ou pela doçura das crianças. A combinação surgiu a partir de mais de 500 textos do autor e segue a mesma linha dos demais títulos já publicados: um habilidoso jogo de palavras, envolto à críticas ácidas e reflexões acerca da complexidade da mente humana. Trata-se de uma obra para todos que desejam extrair o universo que só a literatura é capaz de proporcionar. Antes mesmo de ter sido apresentada ao grande público, a obra já foi endossada por críticos literários e nomes consagrados da literatura. Entre eles, o escritor e o jornalista Fernando Jorge, que assina o prefácio da obra. “Na larga visão espiritual de Mauro Felipe, as palavras têm sangue, pulsações cardíacas, almas sonoras, frêmitos de vida ardente (...). Mauro vê nos vocábulos o fiel espelho do nosso íntimo, dos nossos raciocínios, das nossas emoções”, pontua Jorge.

O próprio Mauro admite que jamais havia pensado em lançar uma antologia, assim como nunca cogitou em escrever o primeiro, segundo, terceiro e quarto livros. “É mais um sonho que flui e se concretiza em minhas mãos, que provam que aquelas Palavras, antes lançadas timidamente, ‘Têm Vidas’”, define.

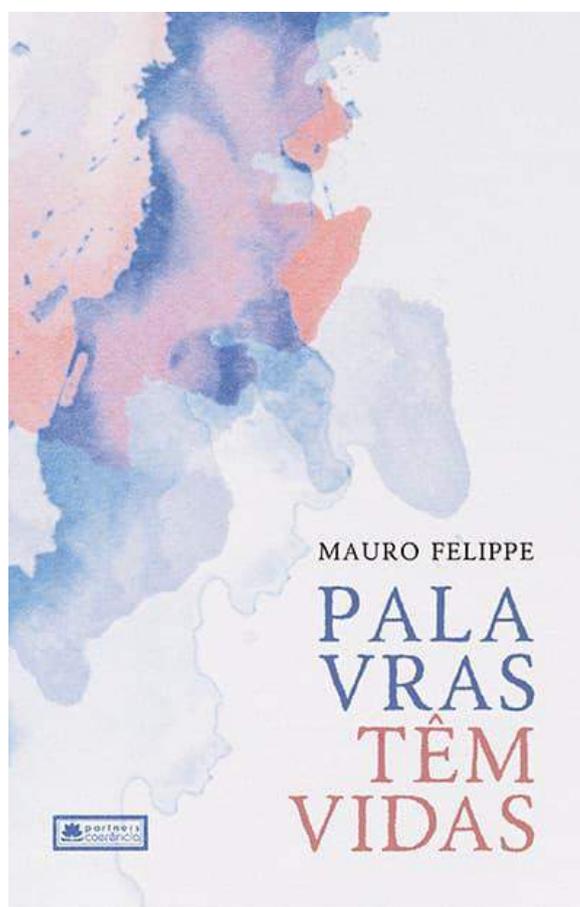
As ilustrações ficaram por conta do desenhista, também catarinense, Rael Dionísio. Elas têm o poder de traduzir os textos em desenhos, criando um outro ponto de reflexão a pedido de Mauro, às vezes abstratos, outros surrealistas, mas sempre com grande simbolismo.

As palavras têm vidas.  
 Umas fazem nos saltitar.  
 E quando menos tranquilas.  
 Mas atraentes ficam.  
 Fazem os olhos brilhar.



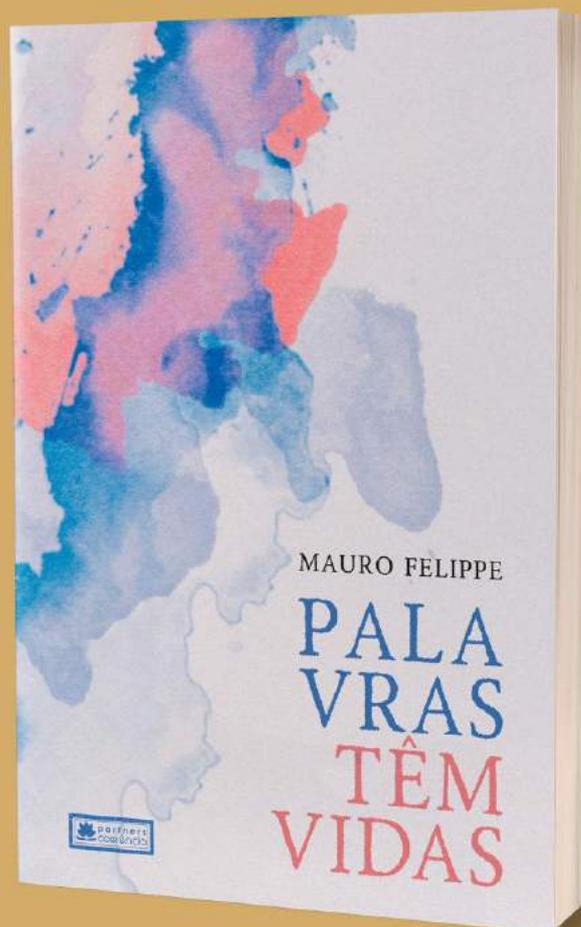
#### SINOPSE:

Mauro Felipe, poeta catarinense, reúne os maiores sucessos de suas quatro obras, “Humanos”, “Nove”, “Ócio” e “Espectros”. Nessa antologia sem igual, permanece o jogo com as palavras, as críticas, as reflexões e as provocações. Endossada por críticos literários e nomes consagrados da literatura brasileira, como o escritor Fernando Jorge, a nova obra também marca a nova fase desse nobre e humilde escritor, que faz das suas poesias uma forte união de versos que imprimem a realidade da humanidade, seja no caos das adversidades ou pela doçura das crianças. Um título para todos que desejam ter acesso ao universo que só a literatura é capaz de criar.



#### Ficha técnica:

Título: Palavras Têm Vidas - Autor: Mauro Felipe - ISBN: 978-85-5327-179-5 - Editora: Coerência - Páginas: 224



#### **Sobre o Autor:**

**Mauro Felipe é natural de Urussanga, Santa Catarina. Advogado, já chegou a cursar Engenharia de Alimentos antes de se decidir pela carreira em Direito. Autor das coletâneas poéticas “Nove”, “Humanos”, “Espectros” e “Ócio”, já preencheu diversos cadernos em sua infância e adolescência com textos e versos, dos simples aos elaborados — a predileção pelo segundo evidente em sua escrita. As temáticas de suas obras são extraídas de questões existenciais, filosóficas e psicológicas, compreendidas em seu dia a dia, sendo que algumas advêm dos longos anos de advocacia, atendendo a muitas espécies de conflitos e traumas. Por meio da literatura, pretende viver dignamente e deixar uma marca positiva no mundo, uma prova inequívoca de sua existência como autor.**

#### **Redes Sociais:**

**Site: [www.maurofelippe.com](http://www.maurofelippe.com)  
Facebook: [maurofelippeautor](https://www.facebook.com/maurofelippeautor)  
Instagram: [maurofelippe](https://www.instagram.com/maurofelippe)  
Youtube: [Mauro Felipe](https://www.youtube.com/maurofelippe)**

**PARA ADQUIRIR O LIVRO, ACESSE:  
AMAZON - LIVRARIA CULTURA - SUBMARINO**

**DEMAIS LIVROS DE MAURO FELIPPE:  
<http://maurofelippe.com/br/livros>**

# CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



Acesse o nosso site e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

Facebook: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

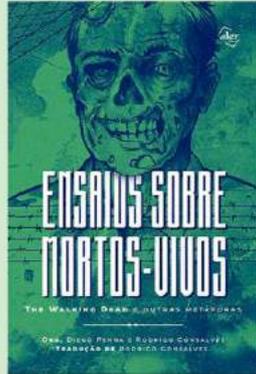
Instagram: @revistaconexaoliteratura

# DICAS PARA LEITURA



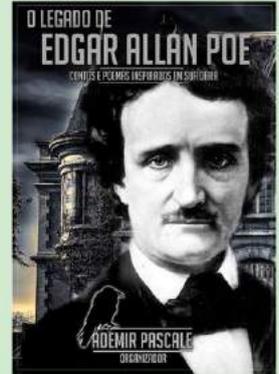
**Histórias para ler e morrer de medo**  
Ademir Pascale (org.)

Acesse



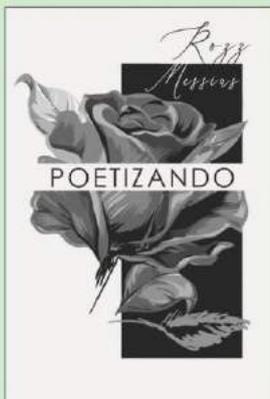
**Ensaio sobre mortos-vivos**  
Diego Penha e Rodrigo Gonsalves

Acesse



**O Legado de Edgar Allan Poe**  
Ademir Pascale (org.)

Acesse



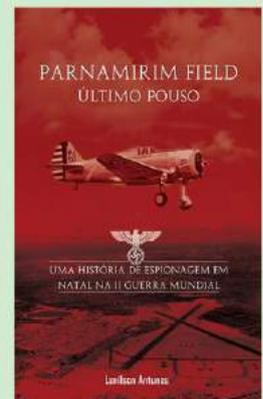
**Poetizando**  
Rozz Messias

Acesse



**O Refúgio**  
Mick Kitson

Acesse



**Parnamirim Field**  
Lenilson Antunes

Acesse

“É prova de alta cultura dizer as coisas mais profundas, do modo mais simples.”  
– Ralph Waldo Emerson



# GRAMIRO DE MATOS, O TROPICALISTA INVISÍVEL

## POR GILMAR DUARTE ROCHA

### Literatura

---

— **E**u tenho um primo que é escritor e que faz questão de ser chamado de Gramirão-ão-ão — disse-me, nos tempos de faculdade, o meu saudoso primo César Augusto Matos, sabedor da minha sina e do meu gosto precoce por literatura, ainda na condição de leitor à época.

— Como?

Questionei, assustado, pois, além de nunca ter ouvido alguém com esse nome de cacique tapuia, tampouco ouvira falar de escritor de pseudônimo extravagante.

A rigor, ele estava se referindo a Ramiro de Matos, cujo nome herdara de seu avô, fundador da cidade de Iguai, Bahia, situada no limite da região do cacau. Ramiro, o escritor, que acrescentara um G ao início do seu nome, em homenagem ao poeta barroco Gregório de Matos, começou a escrever e publicar no fim da efervescente década de sessenta. A sua obra, por força e magia do período psicodélico e criativo, terminou confluindo, naturalmente — ainda mais na condição de baiano —, com o movimento cultural contemporâneo chamado tropicalismo e que teve a sua ponta do iceberg refletida no lado musical, mais explicitamente nas obras dos artistas Caetano Veloso, Gilberto Gil e Tom Zé.

A rigor, o tropicalismo, apesar de ter tido em suas hostes artistas plásticos do naipe de Hélio Oiticica e Rogério Duarte, nasceu manco do lado literário, pois o movimento intendia avançar fronteiras além da música, em clara inspiração ao movimento modernista de 1922, como atestou diversas vezes o próprio Caetano Veloso, que recebeu uma espécie de iluminação para compor as suas obras de vanguarda, após assistir à peça “O rei da vela”, dirigida por José Celso Martinez e inspirada na obra de um dos pais do modernismo, o escritor Oswald de Andrade.

Um pouco mais tarde, talvez um ou dois anos depois da explosão do tropicalismo, a literatura finalmente veio se juntar àquela conjuração cultural, com a adesão de Gramiro de Matos e seu amigo e conterrâneo Waly Salomão (1943-2003), mais o poeta piauiense Torquato Neto (1944-1972), que já houvera participado do tropicalismo, como letrista, compondo versos para músicas de sucesso da dupla Caetano e Gil, em destaque para as canções “Marginália”, “Geleia geral” e “Mamãe, coragem”.

Gramiro de Matos, criativo, febril e irrequieto, espantou o mundo literário brasileiro com criações surreais e alucinadas, como o inclassificável “Urubu-rei”, Editora Gernasa, 1972, uma mistura de poesia concreta, arte beat e breviário de hospício, como exemplo o trecho:

e o gongo comeu a mão miau miau comeu o gongo  
a mão a mão a mão a mão a mão a mão o gongo comeu  
o gongo comeu o gongo comeu o gongo comeu o gongo  
comeu comeu comeu comeu comeu comeu comeu o gon-  
go o gongo o gongo o gongo o gongo ogongo ogongo  
miau miau miau miau a mão amão a mão de você é lus-  
parindo mas  
inax maw mak gás  
gás gás gás o gongo comeu fas fas fas fas fas fas fas fas  
fas miau miau a mão a mão a mão pas pas pas pas pas  
pas pas pas pas pas pas pas pas mas mas mas mas maw  
mak miau miau ontonce o mundo diabobou?

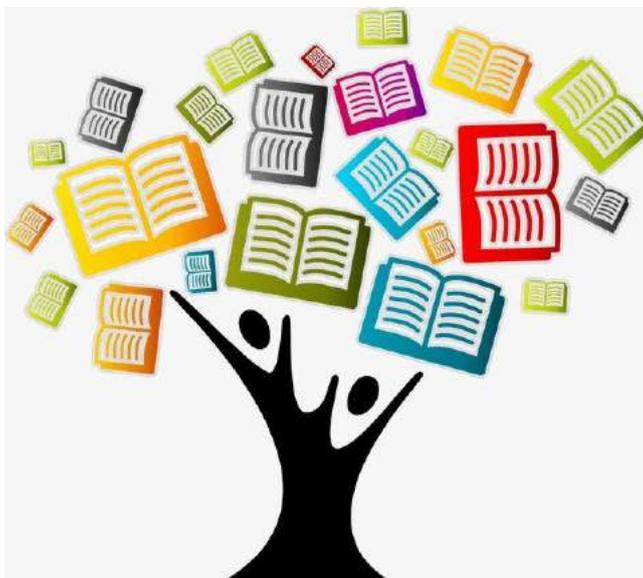
Nem Oswald de Andrade, no apogeu do seu período lisérgico-cultural teve tanta verve, estímulo, impulso, loucura literária, para escrever textos como esses. As garatujas poéticas, que parecem disparates sem nexos, ganham sentido quando o livro é lido no seu inteiro teor, com a releitura da língua tupi-guarani, que entremeia o texto, e inserção da estética indígena no correr da pena.

Gramiro, que colaborava com revistas e jornais de vanguarda, como *Bondinho*, *Anima*, *Vozes e Opinião*, lançou, na sequência, pela editora Eldorado, em 1972, o que talvez tenha sido o seu segundo e último romance de importância, com o inolvidável título “Os morcegos estão comendo mamões maduros”, um misto de romanceio e recorte de fatos do cotidiano brasileiro, algo como “Serafim Ponte Grande”, de Oswald de Andrade, escrito pelo avesso, onde o próprio Gramiro, em uma de suas raras entrevistas disse que *“adotou o estilo que Mário de Andrade que denominou de ‘arte de combate dentro de estética do inacabado’, a nossa literatura e arte complexas; ao contrário do realismo socialista, então moda ao lado do concretismo, tendências que não incorporavam o realismo mágico fantástico das lendas africanas e indígenas que formam nossa cultura original multirracial”*

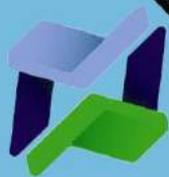
O livro, para variar, não vendeu lá essas coisas, mas angariou à atenção de críticos e levou Jorge Amado, que escreveu o texto de apresentação do livro “Os morcegos...”, a citar, “*Gramiro de Matos realiza no Urubu-Rei experiência de linguagem que deixa para trás tudo que foi tentado ultimamente em nossas letras, a partir de Guimarães Rosa*”.

Gramiro, após o breve namoro com o tropicalismo, cansou-se do Brasil e foi tentar a vida no exterior e explorar a sua arte em terras lusitanas. Em Portugal fez doutorado em literatura e publicou a tese “Influências da literatura brasileira sobre as literaturas africanas de língua portuguesa”.

Da década de 90 para cá não se teve muita notícia dele. Esse polêmico primo distante — primo segundo de meu pai — deve andar a contemplar às árvores dos bosques europeus buscando inspiração em algum quiróptero comendo maçã ou nalgum falcão maltês de caça, na esperança, se esse ainda é o seu intento, de nos brindar como mais uma obra disruptiva que atazane as nossas cabeças atormentadas por vírus, pandemônios, negacionismos e outras lendas medievais que teimam em voltar de tempos de antanho para nos tirar o direito de sonhar com um mundo melhor, mais humano, mais multilateral e mais equânime. Aliás, Gramiro de Matos, o tropicalista invisível, escreveu as suas obras controversas num período bem parecido com esse em que sobrevivemos. Tempos medievos e sombrios, onde a ignorância parece sobrepujar a lógica e a inteligência.



**Gilmar Duarte Rocha**, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.



Pacote Divulgação  
**PARA AUTORES**

**DIVULGUE O SEU LIVRO**



**G A R A N T A**  
**JÁ**

**POR APENAS R\$ 100**

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira eficaz: seus leitores.

São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacar o seu livro e facilitar a sua vida.

**REVISTA**  
**CONEXÃO LITERATURA**



**DIVULGUE**

Nossa mídia é especializada em literatura, livros e autores. Divulgue a sua obra com quem realmente entende do assunto.



**DIVULGUE PARA + DE 150 MIL LEITORES**

**SAIBA MAIS**

E-MAIL: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)  [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



## ROMANCE

# A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO \*POR RAIMUNDO COLARES RIBEIRO

## Capítulo 9: Tenha fé em Deus, tenha fé na vida

### Literatura

---

**E**m momento anterior, eu havia me referido aos oitavanistas do Colégio Estadual de 1974. No início desse novo bloco da programação, demonstrei minha admiração, respeito e amizade aos colegas formandos, rogando a todos que continuassem persistentes no realizar de seus sonhos, nunca desistindo da caminhada em direção à vitória. Com a lista dos formandos que estava disposta no convite, confeccionado em papel cartolina marfim, agradei a cada um deles pelo companheirismo ao longo da realização do curso, citando seus nomes sob os aplausos dos presentes. Em ordem alfabética, eis a relação dos oitavanistas do Colégio Estadual de Tefé, no ano de 1974:

Alda Braga Ferreira  
Alexandre de Moraes Meireles  
Amélia Silva dos Santos  
Armando Lira Vasques  
Arnoud Pessoa Batalha  
Carlos Alberto Santos Souza

Carlos Alberto Soares Motta  
Celso Pinheiro Martins  
Clorives Guedes Vieira  
Edilene Costa dos Santos  
Erivan Gonçalves dos Santos  
Francisca Martins dos Santos  
Francisca Nely Praia da Silva  
Germano Inhumá Vasques  
Giselia Dias Ribeiro  
Ivete Clemência Nunes  
João Olavo Cabral Cortesão  
Joaquim de Souza Andrade  
José Cabral de Castro  
José Édson Lima Mendonça  
Jovenília Batista Nunes Chaves  
Leila Maria de Souza Lima  
Lídia das Chagas Pinto Neto  
Lucielane Paiva Mendonça  
Luzia Almeida de Souza  
Maria de Fátima Azevedo  
Maria de Fátima Braga Roberto  
Maria de Fátima Pereira Queiroz  
Maria do Socorro Batalha  
Maria do Socorro Neves Litaiff  
Maria Edna Silva do Nascimento  
Maria Elange Barbosa Leite  
Maria Gorete dos Santos Mouzinho  
Maria Marnice de Souza Machado  
Maria Perpétuo Socorro Lopes dos Santos  
Maria Valdolina Batalha  
Othaniel Moreira Dias  
Pedro Correa de Araújo  
Raimunda Assunção Albuquerque  
Raimunda Vale Pessoa  
Raimundo Colares Ribeiro  
Renato Bezerra da Silva  
Rita Mouzinho da Silva  
Rosemeire de Azevedo Barros  
Terezinha de Jesus Paredes Nery  
Vanda Estela Pereira Gama



Professores homenageados: Virgilina Façanha Mendes, Padre Martinho Van Der Ven, Irineá de Lima Cáuper, Irmã Esperanza Herrera Abad, Pedro Schaecken, Nazira Litaiff, Irmã Lourdes Ribeiro, Irmã Adamir Bamberg e Raimunda Lopes.

– É bom estar com você!!! Agora, tocando no seu rádio, uma romântica de partir os corações: DUST IN THE WIND com a banda norte-americana Kansas. Em respeito e reverência à voz do público, A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO anuncia o próximo sucesso!!! A ficha técnica de TENTE OUTRA VEZ assegura que a composição é de Raul Seixas, Paulo Coelho e Marcelo Motta. A interpretação é do extraordinário Raul Seixas. Quem não o conhece? Querida assistente, você poderia ler os nove primeiros versos dessa canção?

Com as anotações em mãos, a assistente de locução agradeceu a participação dos ouvintes, desejando-lhes um Ano Novo cheio de saúde e prosperidade. Depois, leu os primeiros nove versos da melodia:

*Veja!  
 Não diga que a canção está perdida  
 Tenha fé em Deus, tenha fé na vida  
 Tente outra vez!  
 Beba! (Beba!)  
 Pois a água viva  
 Ainda tá na fonte (Tente outra vez!)  
 Você tem dois pés  
 Para cruzar a ponte...*

Eu tinha certeza de que as músicas selecionadas fariam todos se lembrar dos muitos momentos de felicidade, do primeiro amor, do primeiro beijo, da escola, do trabalho, dos bailes aos sábados à noite, de uma viagem com amigos ou familiares, de um presente que ainda guarda com carinho, do pai, da mãe, de irmãos, do melhor amigo ou da melhor amiga, enfim, de qualquer minuto feliz e inesquecível que contribuiu, definitivamente, para a construção da história de vida de cada um de nós.

O William, que era jornalista e estava de férias na cidade, revelou a sua mensagem:

Trabalho e moro em Imperatriz, no Maranhão, mas estou de férias, visitando meus familiares e amigos. Gostaria de indicar a música TENTE OUTRA VEZ, do notável Raul Seixas. Vou continuar aqui nos estúdios, curtindo o programa, juntamente com alguns colegas de infância, e recordando os bons momentos na nossa terra natal. Você ainda se lembra do campeonato juvenil de futebol de salão que era realizado na Quadra de Esportes Monsenhor Barrat? Éramos adversários. Você vestia a camisa do Humaitá e eu a do São Miguel. Agradeço pela atenção. Peço a DEUS para continuar nos abençoando, no decorrer do próximo Ano Novo.

– TENTE OUTRA VEZ é a música indicada pelo William, ex-jogador do São Miguel, timaço de grande torcida, e ouvinte da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Fã do Raul, certa vez ele me presenteou com uma fita cassete. Havia apenas uma música: “Meu Amigo Pedro”. Obrigado, William. Amigos, todos nós amamos TENTE OUTRA VEZ,

não é mesmo? Seu intérprete é popular e muito querido. Quem não se lembra do Raul Seixas?

A assistente de locução disse que todos se lembravam do Raul Seixas, esclarecendo que o ilustre cantor era baiano de Salvador. Conhecido como o “Pai do Rock Brasileiro”, lançou seu primeiro álbum, sob o título de “Raulzito e os Panteras”, em 1968. Anos depois, ganhou notoriedade nacional com as músicas “Krig-Há Bandolo”, “Ouro de Tolo”, “Mosca na Sopa”, “Metamorfose Ambulante”, “Sociedade Alternativa”, “O Dia em Que a Terra Parou”, “Maluco Beleza”, “Al Capone”, “Meu Amigo Pedro” e “Gita”, entre outras. Em 1972, Raul Seixas participou do Festival Internacional da Canção, defendendo “Let Me Sing, Let Me Sing”, de sua autoria, obtendo sucesso de crítica e de público. Nessa época, foi contratado pela gravadora Philips. O LP Novo Aeon, gravado em 1975, trouxe uma de suas músicas mais conhecidas, composta em conjunto com Paulo Coelho e Marcelo Motta: “Tente Outra Vez”.

Retomando a locução, esclareci que todos estávamos ansiosos para ouvir TENTE OUTRA VEZ, sucesso absoluto na voz de Raul Seixas. E, ainda, desejosos de relembrar uma composição de McCafferty, Agnew, Charlton, Rankin e Sweet intitulada WHERE ARE YOU NOW?, na interpretação do grupo Nazareth. Completando a trinca, o sucesso NOS TEUS BRAÇOS com Reginaldo Rossi.

### **SONOPLASTIA:**

Músicas: TENTE OUTRA VEZ (1), WHERE ARE YOU NOW? (2) e NOS TEUS BRAÇOS (3).

– Qualidade incomparável!!! Você está sintonizado na Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Em *begê* continua: NOS TEUS BRAÇOS, composição do próprio Reginaldo Rossi. A respeito deste grande cantor e compositor brasileiro, ele nasceu em Recife, no Estado de Pernambuco. Iniciou sua carreira artística cantando rock em boates. Em 1964, comandou o grupo de rock “The Silver Jets”. Tomou parte no movimento musical Jovem Guarda. Logo no início da sua carreira, fazia a abertura de shows do “rei” Roberto Carlos. Grandes sucessos da sua carreira: “O Pão”, “Festa dos Pães”, “Vou Acabar Com a Vida de Quem”, “Era Domingo”, “Tô Doidão”, “Nos Teus Braços”, “As Raposas e as Uvas”, entre outros.

Logo após as informações sobre o cantor Reginaldo Rossi, anunciei que a trilha sonora internacional da novela “Brilhante”, de autoria de Gilberto Braga, produzida e exibida pela Rede Globo, estava reunida em disco gravado, em 1981, pelo selo Som Livre-Rede Globo. O álbum apresenta, no Lado A: “Comin In And Out Of Your Life”, “Do You Miss Me”, “Hurt”, “Good Time Tonight”, “If Leaving Me Is Easy”, “Love Games” e “Sugar”. No Lado B: “Murmures”, “You Weren’t In Love”, “Old Photographs”, “Little Darling”, “Take Me Now”, “Angelica e Ramone” e “Song Of Laura”.

– Você ouve DUST IN THE WIND com a banda norte-americana Kansas. A emoção continua!!! No quadro QUAL O DISCO QUE VOCÊ MAIS OUVIU NESTE ANO DE 1983?, a nossa ouvinte Maria Adelaide, moradora da Travessa Dom Bosco, Bairro do Juruá, destacou o álbum do cantor PAULO SÉRGIO, lançado, em 1972, pela gravadora Beverly. O LP é composto por treze faixas. Na Face A: “Desiludido”, “Agora Quem Parte Sou Eu”, “Lembranças”, “O Mundo de Nós Dois”, “Sem Você”, “Minha Vila” e “Amor Eterno”. Na Face B: “Fiz”, “Idioma do Amor”, “Uma História Um Caminho”, “Como É Que Eu Vou Poder Viver Tão Triste”, “Capela” e “Hora de Esquecer o Mal”. Com certeza, é disco de sucesso na carreira vitoriosa do cantor Paulo Sérgio!!!

Com a palavra, a assistente Kátia desvendou o cartão de boas festas encaminhado pelo ouvinte Anthony, morador da Rua Getúlio Vargas, Centro. Ensinava-nos:

Não tenhamos fama de caluniador, nem usemos a língua para preparar armadilhas, porque para o ladrão existe a vergonha, e para o homem falso uma condenação severa. Evitemos erros grandes e pequenos, e de amigo não nos transformemos em inimigo. Aos prezados amigos e à equipe da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, desejo que a presença de JESUS seja motivo de paz e esperança para nossa caminhada nesse Ano Novo que se inicia. Feliz 1984!!!

Ao Anthony, retribuí os votos de boas festas, acrescentando que todos nós construímos a nossa história com as ações que fazemos ou deixamos de fazer, pois, o que semeamos algum dia isso mesmo haveremos de colher. Assim, jamais nos esquivemos de fazer o bem, de ajudar o próximo, porque um dia sentiremos o prazer de colher os bons frutos desses nossos atos.

– Agradecemos pela grande audiência. Continuem sintonizados na Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Quem não está adorando A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO? Na sequência: UMA MÚSICA LENTA com Lilian.

### **TÉCNICA/VINHETA:**

Você está ouvindo A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, o supermusical de final de ano da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, neste sábado gostoso, dia 31 de dezembro de 1983!!! Adivinha de quem é o patrocínio? Isso mesmo, chancela total da Organização Comercial Agá-Erre e da Lanchonete Espírito Santo.

**Raimundo Colares Ribeiro** é autor de 16 livros, entre eles “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.

Inscreva-se no nosso canal **A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO:**  
<https://www.youtube.com/channel/UChNWIt896004mDu3xGSIhSw>

Lembramos que os comentários postados no canal, até 31 de outubro de 2020, serão publicados na versão física do livro. A todos, o nosso abraço fraterno.



# CONHEÇA A COMUNIDADE INFLUXO E SEJA UM CRIADOR DE CONTEÚDO

"A COMUNIDADE INfluxo tem como principal meta congregar os ativistas e amadores dos diversos movimentos digitais, educacionais, sociais, étnicos, culturais, artísticos, musicais, literários, jornalísticos, acadêmicos, científicos, religiosos, xamânicos, terapêuticos, espirituais e ambientais. Bem como a comunidade em geral, sem distinção de idade, gênero, cor, nacionalidade, profissão, credo religioso e político. Para juntos expandirmos oportunidades culturais, ambientais e comunitárias. Enriquecendo e fortalecendo a comunidade na troca de saberes e conhecimentos pela internet. Visando enraizar práticas educativas e sustentáveis, em que Influenciadores dos vários países lusófonos do mundo participem como agentes multiplicadores, para fornecer um cardápio diverso de contatos, saberes, vivências, atividades e oportunidades."

Criadores de textos e escritores terão na INfluxo um espaço onde poderão abarcar seus textos criativos numa plataforma Orgânica, isso quer dizer totalmente pura de publicidades, para estarmos a um ambiente sadio, em que nossas criatividade tenham o verdadeiro e merecido destaque. É um espaço totalmente puro e gratuito, com as ferramentas mais avançadas na geração de leads, isso significa que em menos de 24 horas todos os links e textos postados já terão uma identidade nos maiores provedores de buscas mundiais como o Google, Yahoo e entre outros, funcionando em 99% dos servidores globais. Todas as tags de sua publicação se torna um código raiz na plataforma INfluxo, automaticamente se tornando um código tag viral nos provedores de buscas. Além de obterem uma página de perfil totalmente customizada. Também a medida que posta na comunidade INfluxo o texto ganha destaque na página inicial, também todos os textos passa por um curto período de verificação para garantirmos a qualidade da obra.

Acesse: <https://influxo.tv>

## **ELETRICIDADE**

Por Rozz Messias

Vc é um ótimo parceiro,  
Me conduz com maestria  
Nesse louca experiência  
Sigo seus passos  
Sou aprendiz  
Em um mesmo compasso  
Somos eletricidade pura  
Do começo ao fim  
Cada átomo anseia pelo outro  
Espaços a se completarem  
Assimilados, aglutinados  
Em uma mesma sensação  
Soltamos faíscas  
Um e outro apenas iscas  
De uma inédita explosão  
Pesquisadores nessa experiência  
Investigamos o impossível  
Rompemos barreiras  
Somos apenas eletricidade  
Nêutrons, íons e prótons  
Eu e você  
Apenas vontade

## **EM TUAS MÃOS**

Quando vc me pega pelas mãos  
Posso ir além  
Sou capaz de coisas  
Que jamais imaginei  
Um mundo novo se descortina  
Envolvente  
Arrasador  
Quando você me toma em seus braços  
Me desfaço  
Sou pura emoção  
Sem controle  
Sem pudores  
Somente sensações  
Sinto como se valsássemos  
Ao som de uma música  
Que só nós dois podemos ouvir  
Quando você me segura  
E me envolve  
Quero ser tua  
Sou inteira

Em um mundo a parte  
Onde fazemos arte  
Fazemos vida!

## SENTIMENTO

Nosso sentimento é como vinho caro  
Embragante  
Saboroso  
Nosso sentimento é como o vinho caro  
Impagável  
Valioso  
Traz calor nos dias frios  
Refresca a alma nos dias quentes  
Porque é um sentimento raro  
Poucos têm acesso a vinho caro  
E coragem de experimentar

## TEM POESIA NA GENTE

Tem poesia na gente  
Um rastro infinito de frases  
Se juntando em nosso caminho  
Palavras grudadas  
Aglutinadas  
Atraídas  
Tem poesia na gente  
Frases soltas  
Com reticências  
Criativas  
Tem poesia na gente  
Frases que unem nossos pensamentos  
Que expressam sentimentos  
Que trazem mistério  
Nós juntos, fazendo poesia  
Porque há poesia na gente  
O tempo todo

**Rozz** é antologista, contista e poeta. Autora dos Planos de Aula da Revista Nova Escola, “Papai, tem monstro?”, Entrelaçados e Ao seu encontro. Premiada duas vezes no Concurso Literário de Colombo e pela Rede Conectando Saberes com o Projeto Cordel Extraordinário. Participa de 40 Antologias de contos e poesias. Responsável pela organização da trilogia Lendas pelo mundo, pela Dark Books.

**O UNIVERSO SOMBRIO DE STEPHEN KING**  
POR RAFAEL BOTTER



## Literatura

Saudações literárias! KingLovers, tudo bem com vocês? Espero que todos estejam bem. Vamos falar do Mestre King? Bora! O post de hoje busca ser uma espécie de guia para os leitores de primeira viagem que queiram entrar nesse universo criado por Stephen King, além é claro, conhecer um pouco da mente criativa de um dos maiores escritores de terror de todos os tempos.

King é considerado o mestre do terror e suspense, não é à toa que ele recebeu esse título, afinal, em seu currículo o autor possui dezenas de livros publicados ao redor do Mundo. Passando dos 60! (Livros em seu currículo). A grande maioria entrando na lista dos mais vendidos, tornando-se “best-seller”, consagrando ainda mais o reinado de Mestre. Para os leitores iniciantes, paira aquela dúvida “Por onde começar?”. Fique calmo jovem leitor(a), não existe uma “regra básica de leitura do King”. Segue o post que te ajudo.

Antes de mais nada, quero deixar claro que esse texto/post contém minha opinião, caso você discordar de algum ponto, pode deixar aqui nos comentários sua opinião e ponto de vista. Tudo bem? Vamos lá!

Já aviso logo de cara. NÃO COMECE LENDO OS CALHAMAÇOS! Por exemplo; It, Sob A Redoma, Novembro de 63 e A Dança da Morte. Esses são os livros do qual King é bem detalhista e isso pode causar certo “tédio” em leitores de primeira viagem. A Dança da Morte possui mais de mil páginas! Um verdadeiro tijolo!

Alguns livros escritos por King possui algumas ligações, como por exemplo; Novembro de 63 e It, existe conexões entre alguns personagens, porém não tem problema algum se você apenas um, essa conexão não interfere o ciclo de sua leitura. O que eu quero tentar mostrar é todo o universo criado por Stephen King.

A partir daqui vou dar algumas sugestões por onde começar, lembrando que é minha opinião e ponto de vista. Você é livre para seguir ou não.

“Carrie, a Estranha” é o primeiro livro do mestre do terror, aqui conhecemos toda sua mente sombria ainda em formação, muitos consideram essa obra sendo um dos clássicos da carreira de King. Um livro que pode ser lido logo de cara para entrar e se familiarizar com a escrita.

Existem livros que são um tanto difíceis e até mesmo enfadonhos para serem lidos. São eles; “Saco de Ossos” e “Insônia”. Em um primeiro momento senti uma certa dificuldade para ler ambos, são duas obras que possuem uma escrita bem densa e detalhista.

Mas! Você é daqueles leitores que preferem um livro de contos, certo? Stephen King possui algumas obras do gênero. Recomendamos o livro “Escuridão Total Sem Estrelas”. Um dos contos possui uma adaptação original da Netflix.

Stephen King é mestre e faz jus com esse título, afinal, ele já escreveu contos, novelas, Hqs e até mesmo thrillers. Vamos falar de um thriller que conquistou os leitores que ganhou uma série.

Estamos falando de “Mr.Mercedes” conhecido como “Trilogia Bill Hodges”, dessa vez o autor buscou levar para seus leitores uma história policial bem no estilo “gato e rato”, além de pitadas generosas de drama e aventura.

Vamos para o terror raiz! Você quer um terror bem anos 80 e 90, certo? Um dos livros que na minha opinião é um dos mais brutais no sentido de terror e terror psicológico é “Cemitério Maldito”, tanto o livro como o filme (versão antiga) são excepcionais, essência macabra de Stephen King em cada linha escrita. Um livrão que merece estar na sua estante.

Menções honrosas para três livros em particular que amo muito. “Cujo” esse livro remete ao terror psicológico, essa obra tem uma peculiaridade, pois nessa época Stephen King abusava do álcool e drogas, em diversas entrevistas ele assume que não lembra de nada e nem como conseguiu escrever Cujo. O segundo livro é “Zona Morta” esse segue na linha do terror apocalíptico, King nessa obra soube trabalhar muito bem cada personagem, tanto os personagens primários e secundários.

Para encerrar com uma cereja no bolo. Um dos meus livros favoritos da vida. Lógico! Tinha que ser do Mestre King. Quero deixar minha indicação da obra “Sobre a Escrita”, do qual King traz para seus leitores e fãs todo o seu processo criativo de uma forma bem intimista, o livro mescla biografia e memórias, além de servir para futuros escritores como um guia. Gostaram? Não esqueçam de deixar os comentários um feedback.

Para finalizar! Conheçam um dos meus projetos referente ao Mestre Stephen King: “Portal Stephen King”. Estamos no Instagram, Facebook e Twitter. Apareçam para trocarmos uma ideia e falar muito de Stephen King. Borá lá?



**Rafael Botter** é o típico nerd nascido em meados das décadas de 80/90. Apaixonado por literatura, cinema e revistas em quadrinhos. Sempre na companhia de uma boa dose de café e pizza. Sem esquecer o vício em xadrez e astronomia.



# PROFESSORES DO BRASIL

## PORTUGUÊS AMOROSO

Por Mayanna Velame

**C**ostumo dizer que os professores pincelam nossas vidas com tinta de esperança, apagam as rasuras da desigualdade e escrevem o futuro em parágrafos coesos de amor e dedicação. É por isso, que este singelo texto é escrito com letras alegres e saltitantes... Vamos lá!

Os professores de Língua Portuguesa são clássicos, eloquentes e poéticos. Rodeados de interrogações, vírgulas, acentos. Vivem em concordância com a norma-padrão da língua e em consonância com a Linguística! Eles amam um sábio chamado dicionário!

Já os professores de Matemática são calculistas! Eles veneram uma donzela chamada Hipotenusa!

Stop, please! Também não podemos esquecer dos professores de Língua Inglesa, durante as aulas, eles adoram colocar a língua entre os dentes, só para mostrar que sabem pronunciar o "TH", repeat again, everybody...

Mas há também, os professores de Geografia, eles são bem espaçosos e são apaixonados pela Terra. Quer agradecer um mestre de Geografia, presenteie-o com um globo terrestre e a sua nota dez estará garantida.

E o que dizer dos professores de História? Bem, esses são politizados e prezam um bom debate. Viva a revolução!!!!

Quanto aos professores de Química, ah...Esses são para sempre enamorados por um pequeno rapaz chamado de átomo. Faça o quadro da Tabela Periódica, ela é a queridinha dos docentes de Química.

Ei, ainda faltam os professores de Ciências, sempre centrados e loucos têm o microscópio como seu “brinquedinho” preferido, durante as aulas.

Enquanto isso, os mestres de Física fazem nosso tempo e espaço voarem com a velocidade. Deus no céu, Einsten aqui na terra, tudo é relativo, né?

Bem, não podemos deixar de ir à quadra de esportes, os professores de Educação Física estão lá, esbeltos e delgados. Esperando-nos, com o apito dependurado no pescoço...1,2,3,4...

E para finalizar, teu professor de Artes, aquele que aparece munido de ideias malucas e coloridas, vai fazer com que você nunca se esqueça de um quadro intitulado: *Abaporu*.

Bem, se esse texto não citou todas as disciplinas, é porque no final, todas elas têm o mesmo intuito, mostrar que o ensino vai muito além das quatro paredes de uma sala de aula. Aos nossos mestres, sabemos: só compartilha o conhecimento, quem verdadeiramente o ama e compreende seu total poder de transformação, em nossas vidas.

### Português Amoroso LXXVI

Para amar,

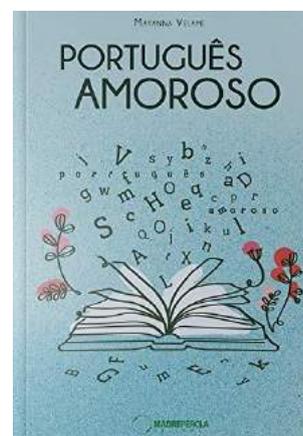
É preciso

Alfabetizar o coração!



**Mayanna Velame** nasceu em Manaus em 1983. É formada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas, apaixonada pela língua portuguesa e uma professora querida por seus alunos. Escreve periodicamente contos, crônicas e poemas. O nome desta coluna, Português Amoroso, também é o título do seu primeiro livro de poesia, lançado neste 2020 pela Editora Madrepérola. Siga Mayanna Velame

no Instagram e Facebook no @portugues\_amoroso.



Viva bem  
Viva com saúde!

bem estar

saúde

beleza

Todos os meses  
*uma nova*  
edição

revista  
projeto

# AUTOESTIMA

*edições*

acesse: [revistaprojetoautoestima.blogspot.com](http://revistaprojetoautoestima.blogspot.com)

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

**Escreva para:** [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) - c/ Elenir Alves

**POESIA**

# **COMO CLARICE, EXPUS MINHA ALMA NO PAPEL, OUTRA VEZ**

**POR CRISTIANE DE MESQUITA ALVES**



**“[...] mas, escrever é um pouco vender a alma. É verdade. Mesmo quando não é por dinheiro, a gente se expõe muito. [...] Vendo, pois, para vocês com o maior prazer uma certa parte de minha alma.”**  
Clarice Lispector. In: *Amor imorredouro* (1967).

**Desfiz-me em pó de giz quando tentei deletar minha alma  
dilacerando minhas dores sobre o papel, aos poucos, com calma  
desfazendo minhas memórias em teias  
mesmo as que ainda trazia vivas em minhas veias.**

**Como Macabéa perdida  
busquei minha estrela, mas vencida  
pelos medos de ir ao céu escuro e em agonia  
contentei-me por tempos, em viver, a fúria dos que com o mal, estão em sinfonia.**

**Ouvi cânticos lúgubres  
senti que o olhar de um cego enxergava meus sentimentos insalubres  
senti-me em metamorfose, e estava entre as baratas de uma quinta história  
na tentativa da fuga dos pés, percorri uma longa trajetória.**

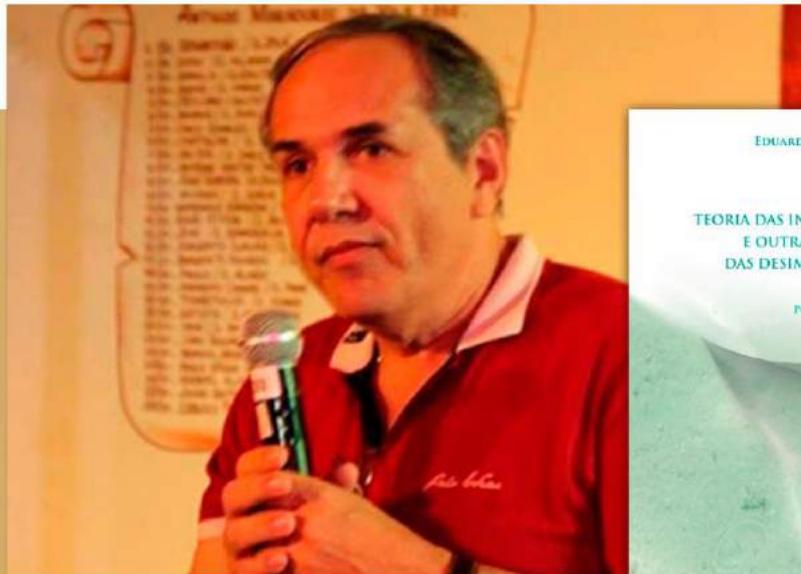
**E percebi que não faz sentido viver a felicidade clandestinamente  
pois, no mundo das baratas, apesar de muitas, vive-se isoladamente  
de súbito, então, implorei para a estrela perdida voltar  
para que eu a visse, e em desejo íntimo a pedisse para me (re) transformar.**

**E, no chão recoberta de pó de giz, olhei meus pedaços em chama  
E como asas de fogo vi meus traços em recomeço, num retorno de dama  
sentindo que a minha alma ainda estava em meu corpo ferido  
não me importei em saber que o coração havia partido.**

**Despertei, rasguei outra história outra vez  
perdi a hora da estrela outra vez  
talvez tenha sido um sonho outra vez  
ou eu tenha olhado para o espelho, outra vez.**

... ..

**Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup CAPES. Professora de Literatura do DLLT (UEPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos.**



## CONTEMPLAÇÃO E POESIA NA “TEORIA DAS INSIGNIFICÂNCIAS E OUTRAS TEORIAS DAS DESIMPORTÂNCIAS”, DE EDUARDO MARTINS: PERCURSO E LEGADO \*

POR JOSÉ FLÁVIO DA PAZ \*\*

### Resenha Crítica

**A** cada publicação de Eduardo Martins sentimos a sua superação e passamos a atribuir mais *significância* e *importância* a fortuna crítica do poeta.

Diante desta afirmativa, inicio esta orelha com a certeza que não bastará para descrever a autor, tampouco a sua obra, fins desse gênero textual.

No entanto, missão atribuída deve ser cumprida. Logo, que assim seja!

José **Eduardo Martins** de Barros Melo é pernambucano, de Rondônia, ou vice-versa, pois a ordem não alterará o seu valor acadêmico e literário nesses dois Estados brasileiros e, ora fora dessas esferas, promovendo a sua poesia e a sua escrita acadêmica em outros rincões, graças aos suportes midiáticos a nossa disposição em tempos de tecnologias da informação e da comunicação.

Sua formação na área de Letras com ênfase em teoria e crítica literária, além da vasta experiência de/na vida faz deste um professor, poeta e escritor exímio na arte de ser humano e um exemplo a ser seguido.

Oriundo do Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco-MEIPE, criado na cidade do Recife, nos anos 80, pelos jovens poetas e escritores nascidos e crescidos durante o período da ditadura dos anos 60, cujo objetivo era promover a literatura, popularizando-a e libertando-a das amarras socioeconômicas e culturais impostas pelo sistema da época, mas uma luta que perdura até o presente momento.

O nome do poeta e escritor, Eduardo Martins é um dos mais expressivo do MEIPE, graças a sua condição de grande articulador e aglutinador desse Movimento.

A sua fortuna crítica é extensa, perpassando pela poesia, escrita acadêmica e estudos da teoria e crítica literária, sendo *corpora* de pesquisadores, pesquisadoras e estudantes da graduação, mestrado e doutorado.

A poesia produzida por Eduardo Martins traz inumeráveis “vocábulos finais”, aquilo que Richard Rorty, na obra “Contingências, ironia e solidariedade” afirmara que “todos os seres humanos carregam um conjunto de palavras que empregam para justificar seus atos, suas crenças ou convicções e sua vida.” (RORTY, 2007, p. 133).

Exatamente isto, a começar pelo que o autor sugere como título deste novo livro, um termo muito utilizado na área Direito, *insignificância*, o que se entende como regra segundo a qual foge ao interesse público a apreciação, pela autoridade, de questões de ínfima importância, ou seja, absolutamente nada tem sentido ou valor. Mas o que nos dirá o eu lírico no interior da obra? Quais objetos, pessoas ou coisas reais ou imaginadas de fato teria valor e chamaria de fato a nossa atenção ou mereceria o nosso olhar-pensar Merleau-pontiano?

Quanto a *desimportância*, a qual se referirá Eduardo Martins? Em tempos que desvalorizamos o outro, desrespeitamos os seus interesses e parece não desejar êxito algum, ou pelo menos, não mais a ele, senão aquilo que resta de valor, de significância e importância para si mesmo, deixando o outro sempre para depois.

O leitor verá que tais respostas poderão ser construídas ao longo uma leitura despreziosa, página após páginas desta obra. Deguste-as lentamente para que, ao se deleitar construa novos aprendizados e reforce experiências que só a poesia pode nos propiciar, pois como em “**A palavra falta**” (2016), “**Este livro não existe e outras inexistências**” (2018), “**Retalho de água**” (2018), “**Soma dos inumeráveis**” (2019) e seus antecessores, “**Teoria das insignificâncias e outras teorias das desimportância**” apresentam-nos um eu lírico engajado, ansioso e preocupado em constituir cenários sociais e humanos mais justos e equitativos, uma verdadeira utopia frente às controvérsias da atualidade.

Assim, lendo “**Teoria das insignificâncias e outras teorias das desimportância**” pude constatar a relação que Olavo Bilac fez no seu poema “Profissão de fé”, acerca do poeta como ourives. Sim, Eduardo Martins, como um excelente poeta soube, mais uma vez lapidar as palavras, impregnando-as de sentido e atribuindo-lhe o verdadeiro valor poético, uma a uma e no seu conjunto.

É isto que Eduardo Martins nos propicia por meio da sua poesia, uma sensação de leveza, êxtase e a certeza de que dias melhores hão de vir, sempre!

\* Este texto constitui as orelhas da obra “*Teoria das insignificâncias e outras teorias das desimportâncias*”, de Eduardo Martins, publicada pela Temática Editora, prefácio da Dra. Maria Elizabete Nascimento de Oliveira e lançada durante o I SIELLI – Simpósio Internacional de Ensino de Língua, Literatura e Interculturalidade e XIX Encontro de Letras que foi realizado nos dias 9, 10, 11, 12 e 13 de novembro de 2020 com o tema “Língua, Literatura e Ensino em tempos de ressignificação” numa promoção

e realização do Promovido pelo Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade e pelo curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás-UEG/Câmpus Cora Coralina.

**\*\* José Flávio da Paz** é doutorando em Estudos Literários-UNEMAT; mestre em Letras-UNIMAR, mestre em Estudos Literários-UNIR. Professor do Departamento Acadêmico de Língua Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia-UNIR, bolsista Novo Prodoutoral da CAPES/CNPq, escritor, ensaísta, editor e avaliador em periódicos acadêmicos do Brasil e do exterior Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Poesia contemporânea de autoria feminina do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do Brasil-GPFENNCO/UNIR/CNPq; Membro da Red Iberoamericana de Docentes (Espanha); Association des Jeunes Chercheurs en Sémiotique-AJCS (França) e Red Federal de Poesía (Argentina). Imortal da Academia de Letras do Brasil-ALB, ocupante da Cadeira nº 001/ALB/RN e detentor do Título Honorífico de Cidadão Macapaense pelos excelentes trabalhos educacionais prestados aquele Município. E-mail: [jfpaz@unir.br](mailto:jfpaz@unir.br). <http://lattes.cnpq.br/5717227670514288>. <https://orcid.org/0000-0002-6600-9548>. <http://www.profjfpaz.unir.br>.

#### SOBRE O POETA, EDUARDO MARTINS:

José EDUARDO MARTINS de Barros Melo nasceu em Recife-Pe, em 1962. Ao lado de Francisco Espinhara, iniciou o Movimento dos Escritores Independentes nos anos 80 e trouxe de volta os recitais de rua a sua cidade natal, junto com outros poetas da época como Cida Pedrosa, Héctor Pellizzi e Fátima Ferreira. Escreveu vários artigos sobre a obra de Manuel Bandeira e sobre ele publicou os livros: *Uma poética de múltiplos espaços* e *Os Caminhos movediços de Bandeira*. Foi professor do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários-PPGMEL/UNIR, e é membro do Grupo de Pesquisa em Poética Brasileira Contemporânea da Universidade Federal de Rondônia como membro e líder do Grupo de pesquisa em Poesia contemporânea de autoria feminina do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil (GPFENNCO) e da Diretoria executiva da revista do Centro de Estudos da Linguagem Re-UNIR.

Em 2002, sua dissertação de mestrado obteve distinção e louvor da banca examinadora da UNESP- Campus de São José de Rio Preto. Na Universidade Federal de Rondônia-UNIR, por longo tempo, além das atividades acadêmicas que desempenhou no Departamento de Letras vernáculas, exerceu as funções de Coordenador do Curso de Letras na UNIR Campuis Vilhena (1992) e foi Diretor de Campus de 1992 a 1999, Pró-reitor de Graduação e Pró-reitor de Administração (ordenador de despesas), função que ocupou por três gestões.

Ainda em m 2002, foi eleito coordenador regional do Fórum Nacional de Administração e Planejamento das Universidades Brasileiras Federais (FORPLAD) e organizou, em conjunto com Maria Alice Oliveira da Cunha Lahorgue e Osvaldo Hajime Yamamoto, o livro “*Contribuições às discussões nacionais sobre ensino superior*”.

Em 2015 foi o primeiro da turma a defender junto a UNESP a tese de doutoramento *Os caminhos movediços de Bandeira*, momento em que passou a integrar

o corpo docente do Mestrado em Estudos Literários (MEL) desvinculando-se a pedido em 2019.

Em Recife participou das antologias *Marginal Recife*, *Arrecifes*, *Poesia Viva do Recife e Pernambuco*, terra da poesia. Seu trabalho poético já motivou resenhas e artigos de vários críticos e produtores de arte, entre eles, César Leal, Aguinaldo Gonçalves, Ângelo Monteiro, Pedro Américo de Farias, Marco Pólo Guimaraens, Marco Camarotti, Alberto da Cunha Melo, Rosana Alencar, Francisco Espinhara, Rubens Vaz Cavalcante, Osvaldo Copertino Duarte, Miguel Nenevê, Luiz Carlos Monteiro, Flor Pedrosa, Rosana Alencar, Vitor Ceí, Rômulo Giacome fernandes e Cida Pedrosa.

Seus poemas foram publicados em diversos sites especializados, entre os mais importantes estão o Plataformaparaapoesia e o Interpoética.com. Em CD, seus textos foram gravados com voz de Cláudia Cordeiro e Violão de Isaias Costa no trabalho Plataforma e, sua atuação como um dos fundadores do Movimento Independente em Pernambuco está registrada no filme MEI ao MEIO (2012) e na Enciclopédia de Literatura Brasileira do professor Afrânio Coutinho.

No mês de novembro de 2018 o poeta e pesquisador foi homenageado pelo “Sarau da Poesia”, em Recife-PE, com indicação de Aldo Lins e lá também lançou o livro *Retalhos de água*. Hoje nos presenteia com a professora Maria Elizabete Sanches, com o livro *Movimento dos Escritores Independentes* (história e produção Literária) que tem extrema importância, enquanto pesquisa inédita sobre o referido Movimento.

Atualmente é consultor das revistas acadêmicas *Reunir* e *Igarapé* e atua como Coordenador do Curso de Letras na Universidade Aberta do Brasil e promete que até o fim deste ano sairão os livros *Signos Secos* e *Invenções do invisível*. Inéditos ainda permanecerão para lançamento no ano que vem o livro de ensaios *Do outro lado da ponte* também há poesia (ensaios) e os de poemas *Sombras das horas* e *O lugar do Onde*, além de sua obra completa prevista para o ano que vem pela Temática Editora.

Contato: edubarmel@hotmail.com

Endereço CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4265515216692794>



# Cinza no Céu



**HORROR  
FANTASIA  
NOSTALGIA  
FICÇÃO CIENTÍFICA**

*Roberto Schima*

# CINZA NO CÉU

NOVO LIVRO DE  
ROBERTO SCHIMA

## SINOPSE:

A EXEMPLO DA MINHA COLETÂNEA ANTERIOR, "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU" REÚNE HISTÓRIAS QUE FORAM PUBLICADAS NA REVISTA DIGITAL "CONEXÃO LITERATURA", EDITADA POR ADEMIR PASCALE. DESTA FEITA, A PARTIR DO Nº 49 DA PUBLICAÇÃO. OS CONTOS AQUI REUNIDOS ABRANGEM FANTASIA, HORROR, FICÇÃO CIENTÍFICA, NOSTALGIA. TAMBÉM INCLUI ALGUMAS CRÔNICAS, POESIAS E MÁXIMAS/REFLEXÕES. SE ESTÃO DISPONÍVEIS NAS VÁRIAS EDIÇÕES DA REVISTA CUJO DOWNLOAD É GRATUITO, MINHA MOTIVAÇÃO PARA O LANÇAMENTO EM LIVRO É IGUALMENTE PELO DESEJO DE NÃO SOMENTE VER AS HISTÓRIAS REUNIDAS EM LIVRO, MAS TAMBÉM PODER MANUSEÁ-LO, FOLHEÁ-LO, GUARDAR NA ESTANTE. ADEMAIS, COMO JÁ ME REFERI CERTA VEZ AO EXEMPLIFICAR A QUESTÃO DO E-BOOK E DO LIVRO FÍSICO, AMBOS SÃO CO MO UMA PESSOA QUERIDA, ENTREMENTES, NO PRIMEIRO CASO A GENTE VÊ ESSA PESSOA PELA INTERNET, ENQUANTO QUE, NO SEGUNDO, PODEMOS ABRAÇÁ-LA. E TOCAR UM LIVRO QUE A GENTE ESCREVEU É COMO ABRAÇAR O PRÓPRIO SONHO. "LIMBOGRAPHIA", "O OLHAR DE HIROSAKI", "SOB AS FOLHAS DO OCASO" E, AGORA, "CINZA NO CÉU" SÃO RETALHOS DE MUNDOS DIVERSOS QUE PREENCHERAM MINHA MENTE, NOS QUAIS MERGULHEI, ME PERDI, ME ACHEI, POR VEZES COM RELUTÂNCIA EM VOLTAR. PARA MIM, ELES EXISTEM DE VERDADE. ESTOU NELES. ESTÃO EM MIM. E SÃO AQUILO QUE DEIXAREI PARA TRÁS.



Para saber mais ou adquirir:

<https://loja.uiclapp.com/titulo/ua2785/> e <https://clubedeautores.com.br/livro/cinza-no-ceu>

# ENTREVISTA COM O AUTOR

## ANDRÉ SOSKA

POR ADEMIR PASCALE



**André Soska** nasceu em 1987. Reside na cidade de Cachoeirinha - RS.

O autor publica seus textos através da página "Força, Fé e Esperança", disponível nas redes sociais Facebook e Instagram.

André já participou de diversas coletâneas e antologias, entre as quais estão: Alvorecer, A Essência de Tudo, Florbela, Poetas Pela Paz, 40 Graus de Versos, Poesias e Sentimentos, Arautos da Literatura Brasileira, Poesias Sem Fronteiras, Amor Que Não Se Mede, Resistência Negra, O Amor Bate na Aorta, entre outras.

Em 2020 lançou o seu primeiro livro físico intitulado "Leveza".

### Entrevista

#### **Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

André Soska: Eu comecei a escrever aos 13 anos, graças às aulas de português da professora Naira na Escola Portugal, em Cachoeirinha-RS. Desde então, nunca parei de escrever.

Com o tempo, eu criei um blog onde comecei a publicar meus textos, em seguida passei para o Facebook e recentemente para o Instagram. Nesse meio tempo participei de alguns concursos de poesia, até que, em 2020, consegui lançar o meu primeiro livro físico por meio da editora Versejar.

#### **Conexão Literatura: Você é autor do livro "Leveza". Poderia comentar?**

André Soska: Se eu fosse resumir "Leveza", para mim, trata-se de um sonho que se tornou realidade.

Eu escrevo desde os meus 13 anos e sempre sonhei em publicar um livro impresso. Com o tempo, eu acabei publicando alguns e-books por conta própria, mas, não é a mesma coisa do que ver o livro na sua frente, poder tocar nele, virar cada página, a sensação é de extrema satisfação.

"Leveza" é um livro que utiliza uma linguagem simples, de fácil compreensão, com textos sobre os mais diversos assuntos, eu falo sobre julgamento, guerra, amor, perdão, política, positivismo, Deus, entre tantos outros assuntos. É um livro escrito com o intuito de fazer o leitor pensar, refletir a

respeito do mundo à sua volta, mas também, a respeito de si mesmo.

*A vida é ver o lado bom de tudo, mas sem fugir da realidade*

**Conexão Literatura:**  
Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

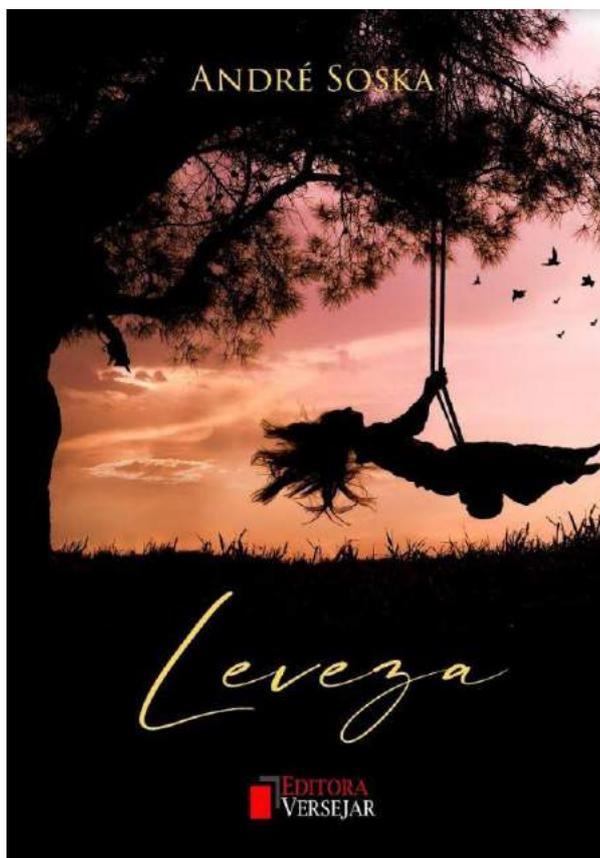
André Soska: Depende do texto. Alguns são inspirados em situações que eu vi, outras que eu vivi, entre outros motivos. Como, por exemplo, no livro “Leveza”, há um texto chamado “Perspectiva” que fala sobre racismo, ele foi baseado em uma situação vivida por um ex-colega de trabalho, a qual tive o desprazer de presenciar. Há um outro texto chamado “Preço”, esse foi baseado em uma reportagem que eu li. Já o texto “Leveza” foi inspirado em mim mesmo, na minha mania de me cobrar demais, no meu perfeccionismo. Portanto, depende muito, cada texto possui uma história, uma inspiração.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

André Soska: Destaco uma estrofe do texto “Meio Cheio”:

*A vida é um copo meio cheio se sobrepondo ao espaço vazio*

*A vida é o calor de um abraço em um dia triste e frio*



*A vida é feita de momentos sejam eles de distância ou proximidade.*

**Conexão Literatura:**  
Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

André Soska: Para conhecer mais sobre o meu trabalho basta acessar a minha página, que está disponível tanto através do Facebook quanto do Instagram.

Seguem os Links:

Facebook:

[facebook.com/forcafeesperanca](https://www.facebook.com/forcafeesperanca)

Instagram: [@forcafeesperanca](https://www.instagram.com/forcafeesperanca)

Quanto ao livro, ele pode ser adquirido através dos links da Editora Versejar:

Site da editora:

[www.livrariaversejar.com.br/leveza-andre-soska](http://www.livrariaversejar.com.br/leveza-andre-soska)

Magazine

Luisa:

[www.magazineluiza.com.br/leveza-andre-soska-editora-versejar/p/fa1871kaj2/li/lvsp/](http://www.magazineluiza.com.br/leveza-andre-soska-editora-versejar/p/fa1871kaj2/li/lvsp/)

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para pessoas que assim como você, sonham em lançar um livro?**

André Soska: Tente, persista se for preciso, se esse é o seu sonho, lute por ele! Eu demorei para lançar um livro físico, mas cheguei lá, precisei juntar dinheiro, participar de alguns concursos, escrever durante anos, mas consegui. Se você acreditar que é capaz e correr atrás, certamente realizará o seu sonho!

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

André Soska: Com certeza! A princípio, seguirei postando textos na minha página, como sempre fiz, porém, já estou trabalhando no segundo livro físico. Acredito que o lançamento ocorra entre o final de 2021 e o começo de 2022.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: A Favor do Vento - Duca Leindecker (Um dos primeiros que li, gostei muito).

Um ator ou atriz: Will Smith (Extremamente carismático e versátil).

Um filme: A Cabana (Uma verdadeira lição de vida).

Um hobby: Além de escrever, caminhar e conhecer novos lugares.

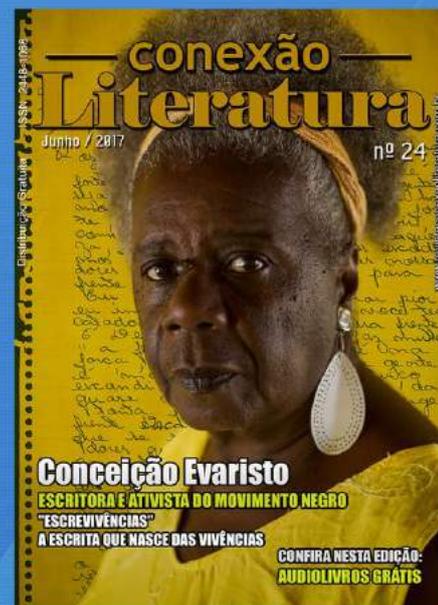
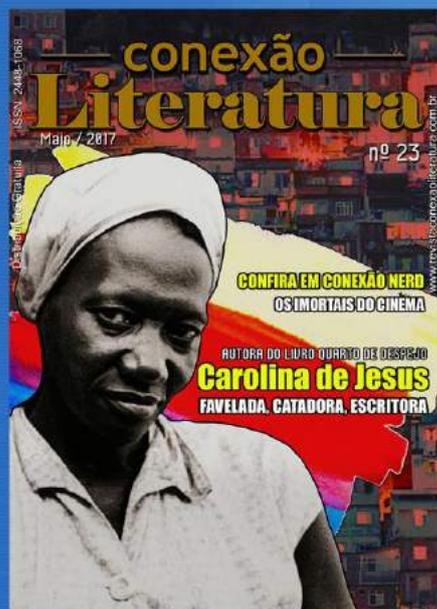
Um dia especial: Meu casamento.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

André Soska: Apenas gostaria de convidar a todos para acessarem a minha página “Força, Fé e Esperança” e conferirem o meu trabalho! Aguardo vocês lá! Abraço!!!



# Apoie a Revista Conexão Literatura



## APOIA.se

Agora você pode apoiar o trabalho de incentivo à leitura da  
Revista Conexão Literatura

Sabemos que não é fácil promover o incentivo à leitura no Brasil, pois falta apoio dos nossos governantes. Um povo que lê mais, certamente terá mais cultura e uma visão diferente de mundo e é isso que estamos fazendo desde junho de 2015, quando tivemos a ideia da criação da Revista Conexão Literatura.

Tudo isso leva tempo, trabalho e dedicação. Por isso pedimos o seu apoio para que esse trabalho continue com força, atingindo cada vez mais leitores. Faça parte desse projeto e seja um apoiador da nossa causa.

APOIADORES: Sandra Boveto, Roberto Schima, Mayanna Velame  
Dirma Fontanezzi

FAÇA PARTE DO TIME DE APOIADORES, ACESSE  
<https://apoia.se/conexaoliteratura>

# ENTREVISTA COM O AUTOR

## ANTONIO FERREIRA

### POR ADEMIR PASCALE



**Antonio Ferreira** é poeta, letrista, contista e romancista, sendo três obras publicadas fisicamente (Crônicas e Poemas Reflexivos, Entre Dois Mundos e Yasmin e Casim) e outros seis em e-book além desses anteriores físicos e e-books também: Poesias Reflexivas, Poesias na Alma, Serial Killer (romance), Os Tons da Alma (ainda não publicado, mas registrado), Poemas Ilustrados Para Redes Sociais e Malubu[conto] e outros. Participação atualmente em várias revistas digitais de literatura a nível nacional e internacional (seis até agora), jornais de grande circulação e três antologias internacionais: “Vivir en Palabras”, “Viajar conmigo al leerme” e “Ausencia del Presente”; e por último, membro da Academia Piauiense de Poesias.

<https://www.instagram.com/poetaantonioferreiraoficial>

#### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Antonio Ferreira: Sempre fui uma pessoa reflexiva, “filósofa” no ditado popular. Sempre procurei ver as atitudes das pessoas e os porquês delas. Então, era considerado crítico, de opinião forte e diferente do senso comum. Quando descobri as redes sociais como o facebook por volta do ano 2010, comecei a postar mensagens autorais de forma profunda e filosófica (não no sentido epistemológico, embora quando precisasse, eu recorria ao conhecimento

epistemológico), mas escrevia no sentido empírico (de experiências que eu vivi ou vi ao meu redor). Confesso que eram apenas desabafos ou alertas que procurava jogar para o mundo.

**Conexão Literatura: Você é autor do e-book “Serial Killer: Um círculo de amor e morte”. Poderia comentar?**

Antonio Ferreira: Esse é um dos meus mais novos livros escritos, pois depois dele já escrevi alguns contos e um livro de poesias. Ele não tem ficha catalográfica, pois está concorrendo ao Prêmio Kindle de Literatura, mas é

registrado em locais especializados. Além disso, é um romance que contém suspense, desenvolvimento de relacionamentos amorosos, traições, maníacos e muitas surpresas até o fim.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu e-book?**

Antonio Ferreira: Minha pesquisa foi mais para dar uma base para as falas e cenas envolvendo as investigações e o clímax dos eventos policiais do livro. Mesmo sendo fantasia, é necessário que as cenas tenham sentidos. Comecei a escrevê-lo no ano passado, mas abandonei-o por estar extremamente cansado, o que tirou totalmente minha inspiração para textos longos; só retornei a reescrevê-lo esse ano.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu e-book?**

Antonio Ferreira: É difícil mencionar um momento específico, mas acho que o desenvolver dos enlaces amorosos e o motivo do assassino cometer os assassinatos, e o desfecho dele são os pontos altos.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria aos autores em início de carreira?**

Antonio Ferreira: Gostar de ler tanto ficção, como assuntos do dia a dia, é o

primeiro passo para você ter o que escrever, isso é claro; mas é necessário você ter sensibilidade para adentrar emocionalmente nas entrelinhas. Se o leitor for frio, nunca conseguirá transmitir sentimentos nos seus escritos.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu e-book e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Antonio Ferreira: Tenho alguns livros em formato físico em mãos, (SERIAL KILLER só está em e-book) e composições em parceria; mas todas minhas obras escritas estão em e-book no [link https://antonioferreira.prosaeverso.net/links.php](https://antonioferreira.prosaeverso.net/links.php)

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Antonio Ferreira: Meu objetivo é continuar a escrever, publicar esses e-books em formato físico também, que a maioria não está, e me desenvolver como romancista, contista, letrista e poeta; continuar a participar de concursos literários, de revistas e sites literários, que são já vários, e poder ter reconhecimento por esses trabalhos nacionalmente.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Petros e Logus (Augusto Cury)

Um (a) autor (a): Augusto Cury

Um ator ou atriz: Lima Duarte e  
Fernanda Montenegro.

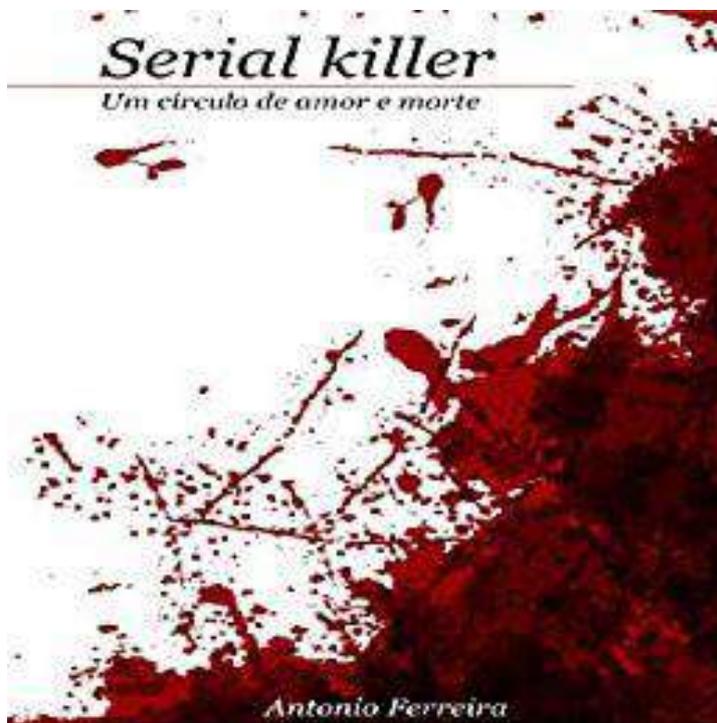
Um filme: O Poço

Um dia especial: Lançamento de minhas  
obras, no ano passado.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar  
com mais algum comentário?**

Antonio Ferreira: Precisamos julgar o  
livro não pela capa, mas pelo conteúdo,  
precisamos conhecer novos autores e  
autoras, e deixar de venerar artistas pelo  
nome.

Posso não acertar em todas as obras, mas  
peço ao leitor um coração limpo para se  
abster de julgamentos.



**Para adquirir os livros do autor, acesse:** <https://antonioferreira.prosaeverso.net/links.php> e  
<https://www.amazon.com.br/dp/B08HPM6XC8>



# REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

VIVA BEM, VIVA COM SAÚDE



## APRESENTAÇÃO DA REVISTA

A Revista Projeto AutoEstima foi criada em maio de 2020, pela publicitária Elenir Alves (elenir@cranik.com), que mantém desde fevereiro de 2014 a fanpage: Projeto AutoEstima: <https://www.facebook.com/projetoautoestima/> e recentemente o Instagram: <http://www.instagram.com/revistaprojetoautoestima>. As edições da revista são digitais e a periodicidade é mensal, abordando textos diversos sobre incentivo e mensagens motivadoras de autoajuda, trazendo também reflexões sobre o nosso dia a dia, culinária, educação, cultura, literatura, cinema e psicologia! Nossas edições são gratuitas e podem ser lidas online

## PUBLIQUE O SEU TEXTO NAS EDIÇÕES DA REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

Artigos sobre autoestima, psicologia, beleza, cosméticos, literatura, cinema, cultura, autoajuda, etc., serão bem-vindos. Cobramos apenas uma taxa de R\$50,00 por publicação de até 4 páginas (valor referente a diagramação e divulgação). SOLICITE MAIS INFORMAÇÕES: Escreva para: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) - Elenir Alves

Site

[revistaprojetoautoestima.blogspot.com](http://revistaprojetoautoestima.blogspot.com)

Fanpage: [@projetoautoestima](https://www.facebook.com/projetoautoestima)

Instagram: [@revistaprojetoautoestima](https://www.instagram.com/revistaprojetoautoestima)

E-mail: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

# ENTREVISTA COM O AUTOR

## ERICK MATHEWS

POR ADEMIR PASCALE



**Erick Mathews dos Santos Cândido** é um pernambucano com graduação em farmácia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Recentemente, resolveu lançar-se em uma segunda carreira: a de escritor. Quando questionado por seus familiares por que decidiu escrever essa obra, explicou-lhes que, para ele, a ficção permite um olhar múltiplo sob diferentes contextos, por isso, pretende utilizar sua criação literária para levar ao debate temas tão atuais e além disso já se prepara para o lançamento do seu segundo livro “Peripécias na Juventude”.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Erick Mathews: Bom, comecei a escrever essa narrativa no fim do ano passado e a apresentei para alguns amigos, no começo estava meio receoso de publicar, porém com o tempo resolvi que quero expandir minha arte e dar minha contribuição para o universo literário.

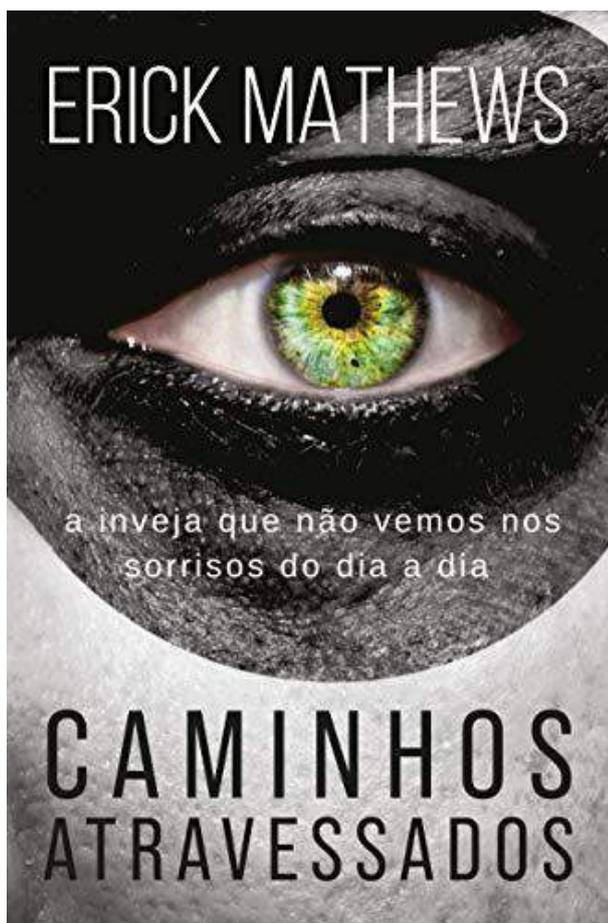
**Conexão Literatura: Você é autor do livro “Caminhos atravessados: a inveja que não vemos nos sorrisos do dia a dia”. Poderia comentar?**

Erick Mathews: Bom essa obra traz discussões muito importantes sobre temas atuais como corrupção, inveja e

sobre o universo da fama, A protagonista Sofia é uma cantora que em pouco tempo consegue se destacar no mundo da música, mas que ao longo da obra ela encontra inúmeros desafios para lidar com a nova vida.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação e quais são as suas inspirações?**

Erick Mathews: Meu processo de criação envolve observar o cotidiano em si, bem como destacar minhas próprias opiniões sobre o mundo contemporâneo, minha inspiração é a própria realidade, destaco pontos que acredito serem relevantes e vou lapidando-os para inserir em meus textos.



**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

Erick Mathews: — Amor, você precisa confiar mais em você mesma. E sobre o meu passado, deixa eu te contar uma coisa, às vezes a gente quer fazer parte de uma multidão para esconder nossas particularidades... Minha vida nunca foi esse céu que as redes sociais e a imprensa dizem! Tive vários relacionamentos sim, mas poucos momentos de felicidade, pois, em muitos desses relacionamentos, descobri que algumas dessas mulheres só estavam comigo por causa do meu dinheiro. Enquanto houveram outras que embora realmente gostassem de mim, eu

não as amava da mesma forma e me sentia culpado com isso, mas a verdade é uma só: amor não se força, amor se sente com toda a intensidade que o coração permitir.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Erick Mathews: Ele está disponível em formato e-book na Amazon, e em breve estarei disponibilizando os exemplares físicos.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

Erick Mathews: A dica que dou é se deixar guiar pela Arte, escrever o que realmente tem vontade de escrever, no seu percurso alguns gostarão da sua obra, outros nem tanto, mas faz parte do processo, acredito que cada texto tem sua singularidade, suas peculiaridades e cada um traz uma mensagem para ser absorvida.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Erick Mathews: Sim, daqui há alguns dias, estarei disponibilizando exemplares físicos do livro “Caminhos Atravessados” e também publicarei meu segundo livro “Peripécias na Juventude”

que contará com 2 versões, uma em inglês e outra em português e ainda esse ano, também publicarei a versão traduzida para o inglês de Caminhos Atravessados.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Mister Mercedes de Stephen King

Um ator ou atriz: Gal Gadot

Um filme: It-A Coisa, pois conseguiram modificar alguns pontos da obra do King

sem perder a essência da trama, o que nem sempre acontece em adaptações.

Um hobby: Ler

Um dia especial: Meu aniversário

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Erick Mathews: Quero agradecer a todos que me acolheram nesse processo e tem me incentivado a escrever mais e a cada um que disponibilizou seu tempo para ler essa entrevista.





# PACOTE DIVULGAÇÃO PARA AUTORES

POR APENAS  
R\$ 100

## DIVULGUE O SEU LIVRO

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira eficaz: seus leitores.

São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacar o seu livro e facilitar a sua vida.



**REVISTA**  
CONEXÃO LITERATURA

## MÍDIA ESPECIALIZADA

Nossa mídia é especializada em literatura, livros e autores. Divulgue a sua obra com quem realmente entende do assunto.

ENTRE EM CONTATO: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# ENTREVISTA COM A AUTORA

## GABRIELA EDEL

POR ADEMIR PASCALE

**Gabriela Edel Mei**, é uma paulistana de 33 anos. Tradutora por formação, graduada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e pós-graduada pela Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP.

Tradutora de treze livros, dentre eles romances e livros técnicos e revisora de mais de quarenta livros. Durante anos, Gabriela tem dado sua contribuição ao mercado editorial com trabalhos em língua vernácula, além de outros idiomas adotados, como inglês, espanhol, francês e italiano.

Atualmente, Gabriela encontra-se trabalhando no próximo volume da série Mulheres Egípcias.

### **Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Gabriela Edel: Sempre estive no meio literário desde a infância como leitora assídua e desde a minha formação acadêmica como tradutora e revisora. Trabalhei com algumas editoras durante os últimos 11 anos traduzindo e revisando romances e livros técnicos de diferentes áreas. Porém, ainda faltava trabalhar criando meus próprios textos. Em 2013, iniciei o projeto do livro Deusa Ísis. Durante este tempo, eu sofri bloqueios literários, falta de tempo devido ao meu trabalho como tradutora e

o projeto ficou engavetado por anos, mas este ano, enfim ele saiu do papel.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro “Deusa Ísis - Mãe, Esposa e Rainha”. Poderia comentar?**

Gabriela Edel: Deusa Ísis – Mãe, Esposa e Rainha é um projeto para ajudar e inspirar mulheres. Este é o primeiro livro de uma série chamada “Mulheres Egípcias”, que valoriza a figura feminina, mostrando o desenvolvimento da vida e maturidade de uma mulher traçando um paralelo com a história de grandes personalidades egípcias. O tema do Sagrado Feminino, abordado no livro

está em crescimento, mas muitas mulheres ainda não o conhecem. Deusa Ísis é uma história que ajudará mulheres a seguirem numa jornada interna de autorressignificação de si mesmas. Um livro que toda mulher deveria ler.

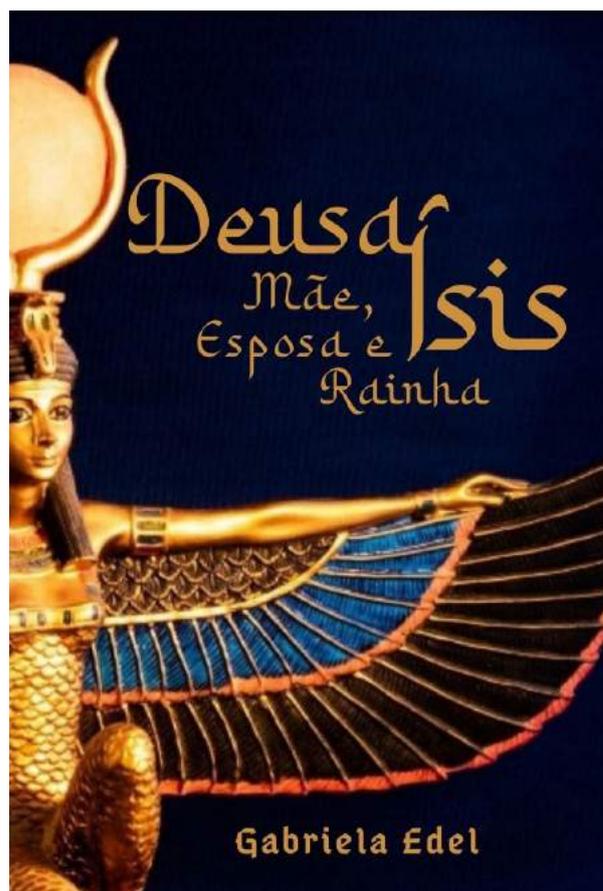
**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

Gabriela Edel: Sou uma pessoa muito criativa. Minha mente trabalha 24 horas por dia. Durante a escrita de um livro, estou sempre pensando na história e nas infinitas possibilidades de criação. Em geral, tenho boas ideias quando estou fazendo coisas do dia a dia. Me inspiro em alguns autores como Dan Brown para trabalhar a descrição dos locais do livro, James Patterson me inspira com seu estilo de escrita dinâmico e envolvente, fazendo com que eu finalize cada capítulo com um gostinho de quero mais. Por fim, Agatha Christie, a rainha, a diva literária do crime me inspira quando preciso criar suspense e mistérios na história.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

Gabriela Edel: — Sagrado Feminino? O que é isso?

— São ensinamentos da espiritualidade, uma filosofia de reconexão com antigas energias. É o despertar de antigas



memórias, valores, origens, da feminilidade e da sexualidade sagrada."

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Gabriela Edel: Meu livro está à venda na Amazon Kindle por apenas R\$8,99 e disponível gratuitamente no Kindle Unlimited

(<https://www.amazon.com.br/Deusa-%C3%8Dsis.../dp/B08LC494TK>). Em breve o livro físico também estará disponível em novembro. Para conhecer mais sobre o meu trabalho, o leitor pode acompanhar as redes sociais, a página

Deusa Ísis – Mãe, Esposa e Rainha no Facebook e meu Instagram de escritora: @gabrielaedel.escritora. Lá o leitor encontra toda semana pequenos trechos do livro e em breve, mais informações sobre os próximos livros da série.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

Gabriela Edel: Eu diria para que não desistam. Escrever é uma tarefa difícil, mas quando conseguimos cumprir os objetivos e finalizar o livro, a sensação é maravilhosa e gratificante. Precisamos mudar o panorama literário no Brasil. Temos muitos autores brilhantes escondidos por aí e com seus livros trancafiados em suas gavetas. Não tenham medo! Mostrem seus talentos!

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Gabriela Edel: Sim, já iniciei as pesquisas e estruturação da próxima obra. Por

enquanto o nome da próxima personalidade egípcia está em sigilo. Os leitores podem acompanhar o meu trabalho pelo Instagram e Facebook. Em breve divulgarei o título do segundo volume da série.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: As Memórias de Cleópatra – Margaret George

Um ator ou atriz: Sandra Bullock

Um filme: Tubarão

Um hobby: Criar

Um dia especial: Todos os dias são especiais.

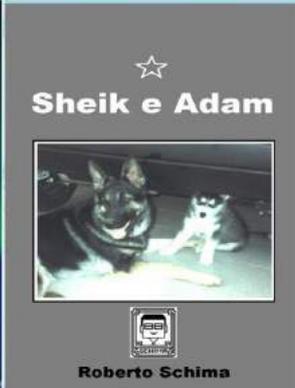
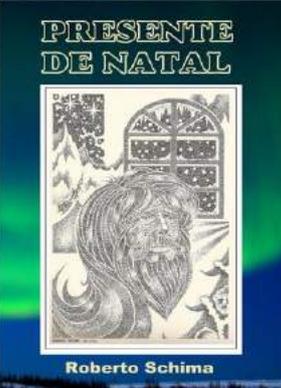
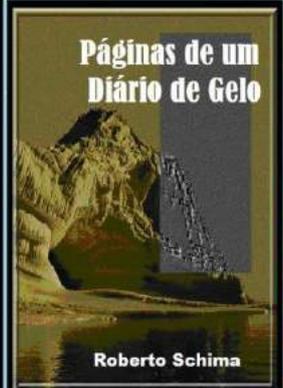
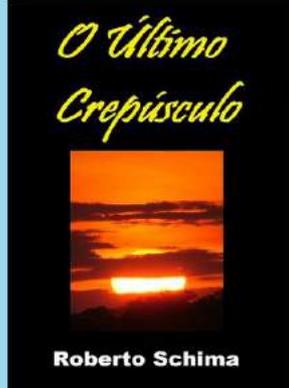
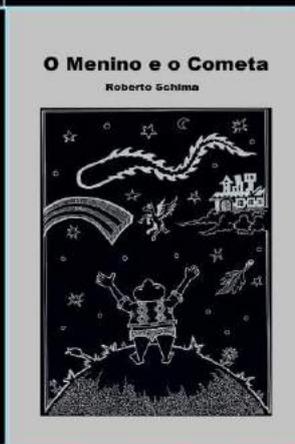
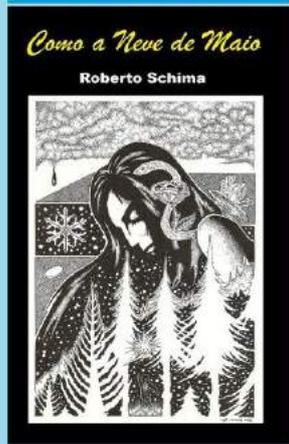
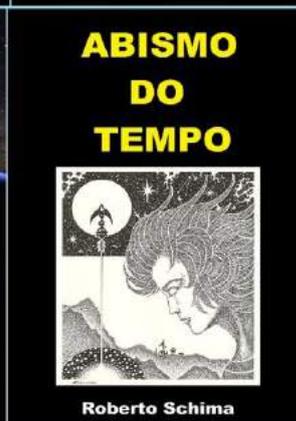
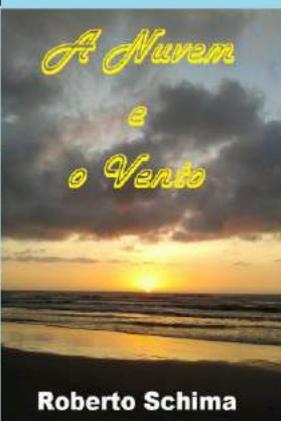
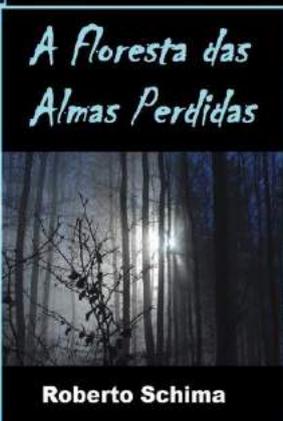
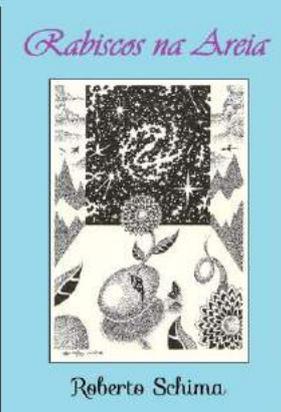
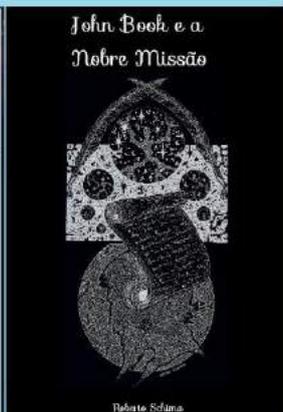
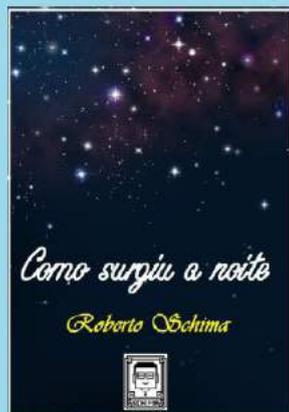
**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Gabriela Edel: Gostaria de agradecer aos amigos, familiares, leitores, leitores betas e resenhistas que me acompanharam durante a trajetória deste livro. Sou grata pelo apoio de todos vocês. Gratidão!



Para ler no smartphone, tablet ou laptop:

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



wattpad 

ROBERTO SCHIMA - [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br)

Obs: Também no Clube de Autores, agBook, Amazon, Conexão Literatura, EFuturo, Marcianos como no cinema.

Maiores informações: Google.

# ENTREVISTA COM A AUTORA

## JULIANA FELIZ

### POR CASA PROJETOS LITERÁRIOS



**Juliana Feliz** nasceu em São Paulo/SP e atualmente mora na cidade do Porto, em Portugal. É doutoranda em Ciências da Informação - Jornalismo e Estudos Mediáticos na Universidade Fernando Pessoa, mestre em Estudos de Linguagens - Linguística e Semiótica (UFMS), especialista em Imagem e Som (UFMS), Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo (UFMS) e licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas (UNESA). Ao longo de sua carreira atuou como jornalista e professora universitária. É autora do romance "As cinzas de Altivez", lançado em 2018, sua primeira obra de ficção que inaugura uma saga de fantasia, aventura e mistério, com primeira edição esgotada e que ganhará uma segunda edição ainda em 2020; além de uma continuação em 2021, ambos pelo selo NOVACASA Editora Madrepérola.

#### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Juliana Feliz: Narrar histórias inventadas foi um desejo que nutri por toda a vida, mas que somente nos últimos anos consegui colocar em prática. Ele brotou na infância com versos e contos escolares, adormeceu durante o período que atuei no jornalismo e despertou quando atingi a maturidade profissional como professora universitária. Precisava me reinventar, desenvolver novas habilidades, e escrever ficção foi a chave que encontrei nos escaninhos dos sonhos. Em 2015 comecei a estudar

Teoria Literária, conhecer as técnicas da escrita ficcional, rascunhar conflitos, desenhar personagens e o universo que pretendia criar. Foi um período de leitura, estudo e pesquisa que deram origem ao meu primeiro romance. Lançar um livro independente, com a pretensão de ser o primeiro volume de uma série, foi a celebração do meu nascimento como escritora de fantasia.

**Conexão Literatura: Você é a autora do livro “As cinzas de Altivez”. Poderia comentar sobre a história?**

Juliana Feliz: A história se passa em Ordália, universo ficcional onde a

"Ordem de Verus" tem poder absoluto e as pessoas vivem sob o domínio de regras bastante rígidas, transmitidas desde cedo pela família e reforçadas na escola, que fundamenta os ensinamentos no Ordalium, o "Livro Intocável". Em uma sociedade campestre, militarizada e autoritária, todo jovem que completa 19 anos tem seu futuro definido como manda o gênero, a linhagem e principalmente os interesses do sistema. Ariadne Ventura é uma garota desafiadora e que, perto da época de se casar, começa uma investigação sobre o desaparecimento de uma antiga aluna do Educandário Lucidez. O mistério envolvendo Corina Sanchez a conduz para um encontro com o professor Richard Expósito, que mudará o seu destino por completo. A narrativa apresenta elementos sobrenaturais, aventura, romance, segredos e reviravoltas tendo como pano de fundo reflexões sociais e culturais.

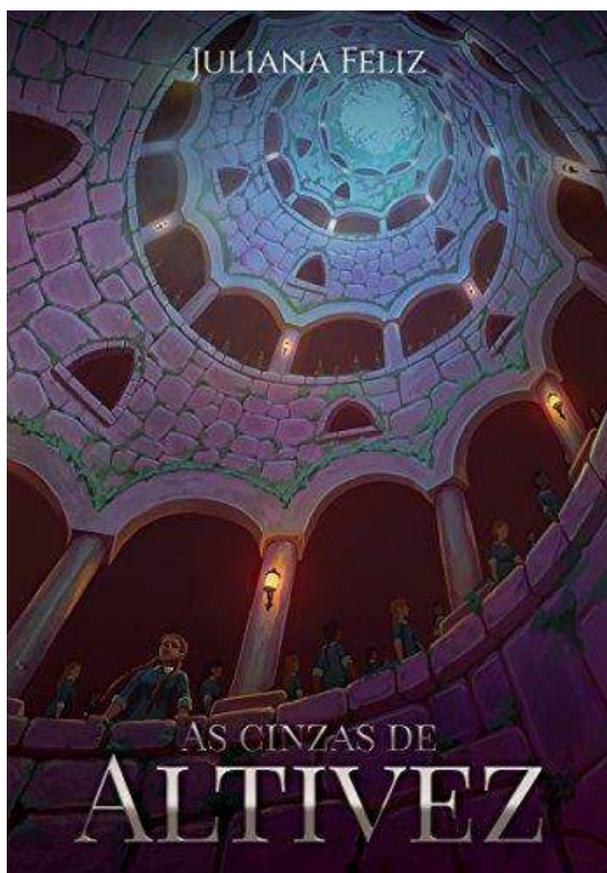
**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

Juliana Feliz: Foram dois anos desde a primeira ideia até o lançamento do livro. A fase de pesquisa foi a mais longa, pois a atmosfera é bem marcante ao longo da história e queria que os elementos dialogassem entre si, que houvesse harmonia e unidade entre o mundo e os seus habitantes. Como referência para os cenários me inspirei em paisagens,

construções e monumentos de Portugal, como a Quinta da Regaleira, em Sintra, os castelos de Guimarães e de Santa Maria da Feira, a praia de Miramar e as cidades do Porto e de Nazaré. Na primeira etapa fiz a pesquisa à distância, quando ainda morava no Brasil, e depois os visitei antes de finalizar o livro. A intenção era aprimorar as descrições e tornar a atmosfera ainda mais refinada para o leitor. Para criar as características do povo de Ordália busquei referências nas comunidades Amish e Menonita, além de características medievais, em que Estado e a religião caminhavam juntas, e sociedades que vivem sob regimes autoritários e ditatoriais.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

Juliana Feliz: Um dos trechos mais marcantes durante o processo da escrita foi o da cena em que Eduardo Marinho participa de uma prova de resistência na Milícia do Mar. Ele está na areia de uma praia de água gelada e precisa cumprir um percurso com os concorrentes. Escolhi esse trecho não pela importância na história, mas pelo momento em que a escrevi, pela magia que é assistir o desenrolar da cena na mente, captar o que o personagem poderia estar sentindo e colocar no papel, de uma só vez, as impressões daquele instante. Na passagem, Eduardo mistura imaginação e realidade, tem visões e revela lembranças



e desejos. A ânsia de cumprir a prova e a motivação de encontrar Ariadne são como uma miragem que hora é sonho, hora é angústia.

"Um tremor percorreu o corpo magro de Eduardo, tontura. O apito lhe chicoteou as pernas e ele correu, correu, correu como nunca! Um colega tropeçou logo adiante, levantou-se, caiu de novo. Tudo parecia lento, as vozes distantes, contornos mareados. Ariadne surgiu como névoa correndo diante dele, as tranças lhe tocavam os braços brancos e macios. Sua paixão virava o pescoço e sorria, ouvia sua risada graciosa, atrevida. Eduardo costumava ganhar as corridas que apostavam na Praia dos Segredos, o vestido era bem mais pesado que as

calças. Era injusto, ela dizia. Tudo era confuso e Eduardo já estava ofegante, mas não parou, continuou a perseguir seu desejo, tê-la consigo. Mais uma bandeirola, mais meio quilômetro. "Corre, Dudu! Venha me pegar!"

Pernas ardendo, coração pulsando na garganta. A última bandeirola apontava atrás das pedras, rubra, trêmula como quem espera um beijo. Eduardo buscava forças, não parou, olhou para a frente, ela o chamava, estava perto, cada vez mais perto. Esticou o braço e se lançou para tocar a conquista. Caído na areia, cumpria sua vontade, ela era sua. Ali permaneceu por alguns segundos, agarrado àquele pedaço de pano. Antes de relaxar, ouviu o apito agudo, era Hernández: – Levante-se, seu frouxo! Rápido!"

### **Conexão Literatura: Qual a dica que pode dar a um escritor iniciante?**

Juliana Feliz: Leia muito, dos clássicos aos contemporâneos. Liberte-se dos preconceitos literários. Estude técnicas, mas não se prenda tanto a elas. Escreva todos os dias, nem que seja um parágrafo. Revise quantas vezes forem necessárias, e depois de uma semana, revise de novo. Escreva com sinceridade, a imaginação é a sua amiga e o leitor um confidente que você quer cativar.

### **Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e**

**saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Juliana Feliz: A primeira edição de "As cinzas de Altivez" esgotou, mas o e-book e a segunda edição impressa, prevista para 2020, poderão ser adquiridos pelo site da Casa Projetos Literários: [www.casaprojetosliterarios.com.br](http://www.casaprojetosliterarios.com.br).

Para acompanhar as novidades, basta seguir o perfil do Instagram @julianafelizescritora ou visitar o site: [www.ascinzasdealtivez.com.br](http://www.ascinzasdealtivez.com.br).

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Juliana Feliz: Sim. O segundo volume da série, "A Biblioteca dos Mortos", já foi escrito e está na etapa de edição para ser lançado em 2021. O terceiro livro está na fase de pesquisa.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: "Infiel: a história da mulher que desafiou o Islã" - Ayaan Hirsi Ali.

Um (a) autor (a): Margaret Atwood.

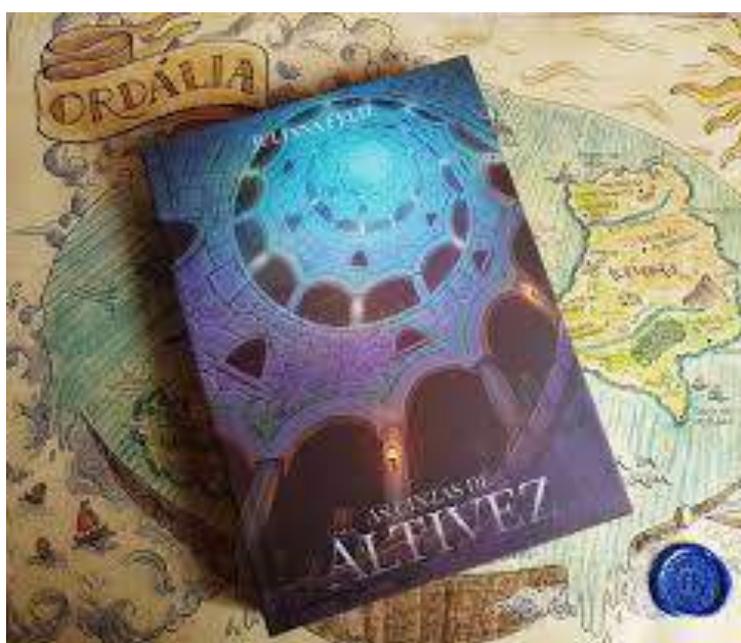
Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro.

Um filme: O Nome da Rosa.

Um dia especial: O dia de hoje, pois o passado é lembrança e o futuro ansiedade.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Juliana Feliz: Convido os leitores a ficarem ligados nas novidades sobre a jornada da protagonista Ariadne Ventura, a lerem o primeiro livro "As cinzas de Altivez", e a conferirem a sua continuação "A Biblioteca dos Mortos" que também está cheio de surpresas e emoções!



# SONHOS FULGURANTES

## ROBERTO MINADEO



É uma Antologia, que apresenta contos já publicados em uma versão impressa em 2018, ao lado de outros que fazem parte de coletâneas diversas. Há ainda textos inéditos e outros que se encontram na página profissional do autor no Facebook.

Após publicar livros em Marketing e em Estratégia Empresarial, veio a decisão de ingressar na literatura – culminando um antigo sonho, alimentado por inúmeras leituras de obras, desde as clássicas até inúmeras outras de cunho mais popular.

Tal ingresso ocorreu mediante a publicação de uma antologia em 2018, com cerca da metade dos contos atuais. Dos demais contos, vários vieram a ser publicados em antologias promovidas por editoras diversas e outros são inéditos. Todos os contos previamente publicados são aqui apresentados em nova versão – não apenas de forma.

Nesta coletânea o fio condutor é o elemento onírico: Os contos são sonhos compartilhados entre o autor e o leitor. Dessa forma, o leitor está escondido em cada um deles, à espreita, sempre encarando algum personagem.

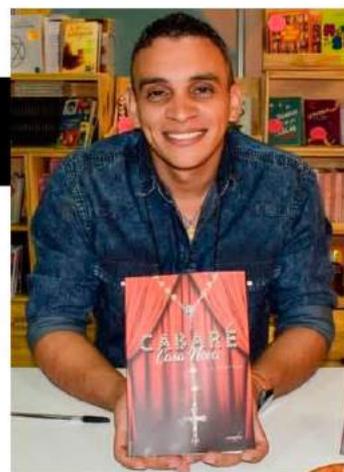
**PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSE:**

<https://www.amazon.com.br/dp/B088P8D8RK>

# ENTREVISTA COM O AUTOR

## L. J. FREITAS

POR ADEMIR PASCALE



Nascido em 17 fevereiro 1982 na no estado do Rio de Janeiro, reside na cidade de Maricá. Tendo sua formação Acadêmica em Gestão Empresarial de Pessoas. Sua grande paixão por história e lendas brasileiras é o que caracteriza este autor. De doutrina espírita o mesmo declara que para composição de sua obra com a riqueza de detalhes de vidas passadas, que é mentorado por um ser espiritual que o revela os lugares para mostrar como tudo aconteceu. Suas obras são caracterizadas por mensagens e clarividências. Mas o mesmo relata que isso começou em sua vida desde sua infância e que resolveu desenvolver a partir do ano de 2012 quando o livro Cabaré Casa Nova foi iniciado.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

L. J. Freitas: Sempre fui um apaixonado por histórias de todos os gêneros, mas nunca me vi publicando nada, só paixão mesmo! Mas desde minha adolescência tinha esses transes literários de parar do nada e começar a escrever, mas na época “ como um bom adolescente” eram rascunhos , cheios de erro de português “rs”, mas com grande conteúdo e emoção. Tanto que toda escola lutava por aqueles papéis datilografados cheio de “liquid-paper” que usávamos para corrigir “rs”. Com a fase adulta, e responsabilidades esses lapsos literários pararam, mas de

2011 pra cá, comecei a ter mensagens no meu subconsciente para escrever e a história começou a ser mandada para minha mente e por uma força maior que eu colocava no meu word do computador. E a história foi desenvolvida com muita pesquisa e ida aos locais até seu lançamento na Bienal do Livro de 2019, onde oficialmente dei meu primeiro passo no mundo literário.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro “Cabaré – Casa Nova”. Poderia comentar?**

L. J. Freitas: Sim. E o engraçado é que a história começou a ser feita sem título. Eu não fazia ideia de como ele iria se

chamar, pois as mensagens que recebia era para escrever a história e visitar os lugares, não tinha ideia de onde iria parar, até onde esta história iria se desenvolver. Eu tinha visões dos lugares sem nunca ter estado lá como o convento de Santa Tereza. E quando chegava lá era exatamente como eu via na minha mente.” Sinistro” rs. E o nome do Livro veio quando eu questionava a mim mesmo e ao “subconsciente” como eu o chamo. Parei repentinamente em frente a um lugar completamente maltratado pelo tempo e numa placa desgastada estava o nome que naquele momento tinha tudo a ver com a Lapa. Olhando ali aquela placa que estava escrito: Cabaret Casa Nova, imediatamente veio na minha cabeça: Aí está o nome da sua história! Fiquei surpreso, mas feliz de ter achado um nome que encaixasse e que tinha tudo haver com a Lapa. Quem quiser, pode ir na Lapa que a placa está ainda no estado quem falei.

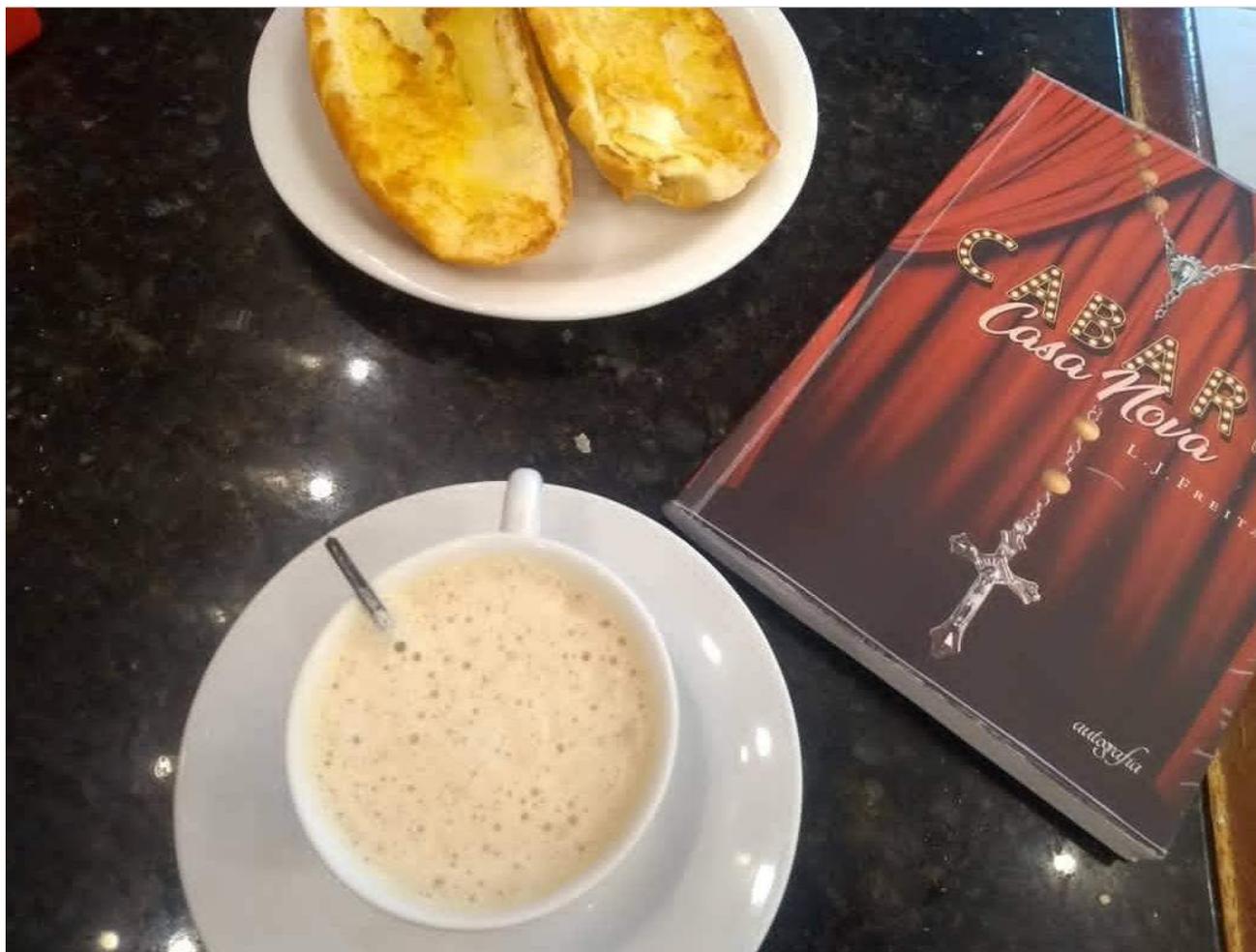
**Conexão Literatura: Podemos dizer que o seu livro é uma verdadeira história do estado do Rio de Janeiro, servindo também como guia turístico. Fale mais a respeito.**

L. J. Freitas: Não digo exatamente como guia turístico, pois na época que a história se passou, nos remete a história do rio antigo com suas lendas e arquiteturas épicas. Mas de certo, ele foi feito de uma forma que qualquer um que leia, conseguirá entrar na vida de cada

personagem, pois os lugares são reais de verdade e ainda intactos mesmo com a modernização. Se Você hoje for ao centro do Rio, terá uma visão normal. Agora experimente ler o livro e ir ao centro do Rio. Garanto que nunca mais olharás e verás da mesma forma. Tudo lembrará a história de cada um dos protagonistas da trama.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

L. J. Freitas: O processo de criação foi sutil e a trama foi se desenvolvendo sozinha e aos poucos como me era passado. As inspirações ficaram mais fortes quando visitei os lugares retratados na história como por exemplo a RODA DOS ENJEITADOS na Santa Casa do Rio, lá para quem não sabe, era onde mães que não tinham condições de criar seus bebes abandonavam, mas pra entender esse drama, tem que ler o livro. “rs”. Além dos lugares, eu precisava dar vida, ou seja, rostos, para não só escrever e sim ver, daí imaginei se o mesmo virasse um filme ou uma série, quem se encaixaria nos personagens. Então comecei a junção de cada personagem e casar o ator ou a atriz que se encaixaria com o personagem com as mesmas características que me era dita como por exemplo: Anabel seria a Juliana Paiva, Cassio Abrantes - Mauricio Destri, Marquesa de Abrantes – Christiana Guinle, Mama Claudia Raia entre outros,



mas aí vai da imaginação de cada um que lê.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

J. Freitas: Olha! É difícil destacar só um trecho dentre tantos acontecimentos, pois a história tem uma dinâmica e diversas mudanças com entrada de tramas e personagens a todo instante. Mas tem um que me emocionou demais, quando Anabel perambulava pela rua dormindo aqui e ali com uma criança pequena nos braços. Ela foi brutalmente violentada por homens da guarda que

faziam a ronda da noite na praça XV. E o momento que a mesma debilitada chorava por seu leite ter secado, Segue o trecho:

“Era vista geralmente próxima aos arcos dos Teles de Menezes mendigando alimentos e moedas para alimentar-se e a sua filha. As pessoas que por ela passavam, algumas se condiziam com sua situação e outras a ignoravam como um cachorro vadio. Anabel, apesar de debilitada, ainda tinha uma singela beleza e um olhar de menina e isso começou a atrair a atenção de homens com más intenções e em uma noite ela deixou sua filha dormir próxima aos Arcos do Teles

e foi se banhar já que era tarde, porém no momento passavam três soldados da guarda e deram voz de prisão a mesma que foi levada para um sobrado vazio e ali, teve a mais dolorosa experiência como mulher: sua violação por aqueles três homens que após consumir o ato de violência sexual com Anabel a jogaram no chão, vestiram suas calças e saíram sorrindo, orgulhosos do que fizeram sem medo de serem denunciados, pois eles acreditavam que seria a palavra deles contra o de uma mendiga.

Ela só pensava em ir para onde havia deixado sua filha, sentou ao seu lado e naquela noite fria, ouvia-se o eco de seu desespero ao chorar com sua filha no colo. Ao passar dos dias, com fome, suja e visivelmente abatida, Anabel com sua filha em seu colo sentou-se próximo ao Paço Imperial e ali viu o que mais temia. Devido sua indisposição, má alimentação e sua fraqueza corporal ao tentar dar o peito para sua filha, e para seu desespero, seu leite havia secado por completo:

– Não, meu Deus! Por favor, eu vos imploro! Me castigue, mas não puna minha filha com a falta de meu leite!”

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

L. J. Freitas: O Livro já esta disponível no site da editora Autografia, Saraiva,

Americanas e nas diversas lojas online de livros. Ao pesquisar no Google, como: Livro Cabaré Casa Nova, virá as diversas plataformas que estão comercializado. Para saber mais sobre minha obra, poderá ser enviado e-mail para editora autografia ou pelo Instagram LJFreitas.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

L. J. Freitas: Não só para autores, mas para cada um que tem um sonho. Se você quer fazer, se você coloca amor naquilo que se propõe, não deixe que as adversidades te desanime. Ainda mais quando vivemos numa sociedade de enquadramento, onde nos obriga a ter uma tribo, religião, tipo social, etc. Quando escrever, seja livre de verdade, sem rótulos, sem ideologias, sem limites. Escreva como se fosse salvar a vida de alguém em algum lugar do mundo. Escreva para fazer alguém sonhar, voar na leitura e esquecer qualquer tipo de problema ou angustia. Escreva porque te faz feliz. E lembre-se de que quando todos dizem não, é que você está mais próximo do seu sim.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

L. J. Freitas: Sim. Em breve estarei lançando novo livro inspirado numa historia real. E será baseada numa personagem do Cabaré Casa Nova, mas que mudará para um contexto mais

voltado para o suspense. Façam suas apostas! rs

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Muitas vidas, muitos mestres – Brian Weiss

Um ator ou atriz: Cláudia Raia

Um filme: Enquanto você dormia

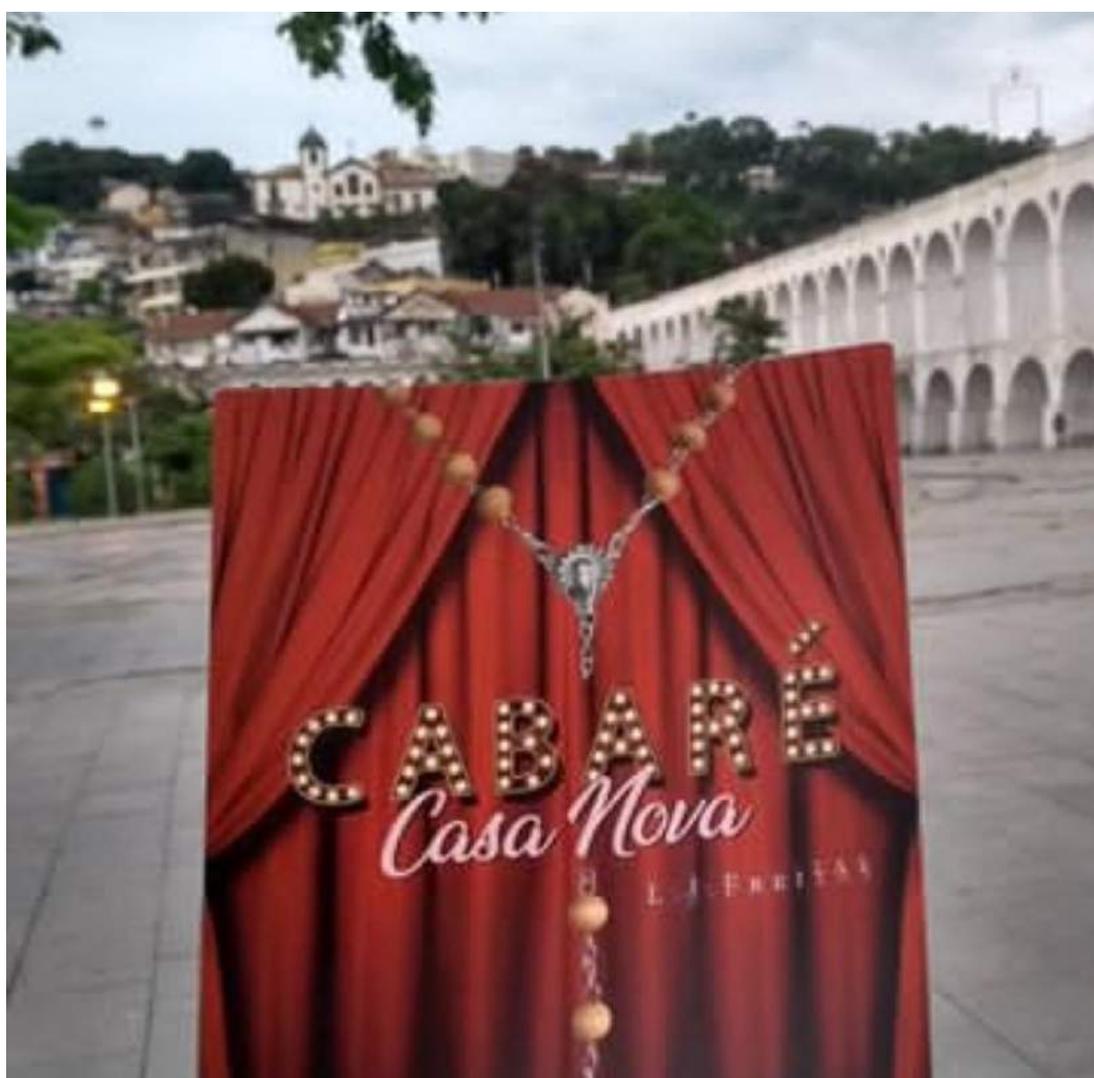
Um hobby: Viajar

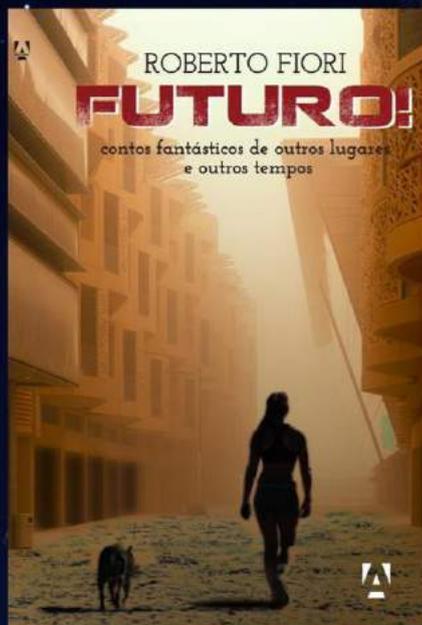
Um dia especial: Quando lancei meu livro na bienal

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

L. J. Freitas: Desejo de coração que todos possam sentir toda a emoção que tive ao escrever esse livro.

Peço que divulguem seus comentários e leiam de coração aberto cada capítulo. Uma excelente leitura pra vocês e meu muito obrigado!





CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE  
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS  
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E  
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]

# ENTREVISTA COM A AUTORA

## MARCIA ROSENBERGER

POR JOSÉ FLÁVIO DA PAZ\*



### Entrevista

#### Apresentação

A bibliografia existente nos conta que o *livro de artista* tenha seu marco confeccional no continente americano, a partir da década de 1960, mais precisamente, como isto o seu surgimento. Outras culturas, em especial as orientais, dizem que existem desde a origem dos homens e mulheres, tendo em vista suas necessidades de se fazerem registrar no mundo, no espaço, nos modos de ser e agir por meio dos hieróglifos, fossem os hieráticos ou os demóticos. O certo é que, atualmente as controvérsias persistem e as afirmativas e as definições também. Afinal, o livro de artista é arte, é livro é livro-arte e vice-versa, ou seria outra arte? Como e de qual matéria é feito o livro de artista? Quem redige um livro de artista é escritor, poeta ou artista? Quem produz livros de artista no Brasil? Por que tal cultura não é disseminada Brasil afora? Quais as tendências de livro de artista no Brasil? Julio Plaza González (1938-2003) - artista, escritor, gravador e professor espanhol, afirmou que se trata de um “*livro como forma de arte*”. Mas, que diriam os nossos representantes brasileiros sobre isto?

Nesta ocasião, compartilho com vocês, leitor e leitora, esta entrevista que solicitei da minha eterna professora, **Marcia Rosenberger**, com quem tive experiências e aprendi muito sobre livro de artista no início de 2019, por ocasião do curso **Poéticas Visuais: A Narrativa no Livro de Artista** que ministrara juntamente com o também artista plástico, ilustrador, gestor e produtor cultural, Lauro Monteiro, no Centro de Pesquisa e Formação – CFP-Sesc de São Paulo.

Deleitem-se, esclareçam e dirimam dúvidas comuns sobre o assunto. Certamente, compreenderemos melhor e teremos respostas para muitas, senão todas as perguntas, inicialmente, aqui apresentadas.

#### 1. Como e quando se deram as suas experiências iniciais com o Livro de Artista?

Em 2013, eu estava envolvida com encadernação artesanal, pesquisando sobre livro de artista encontrei um curso que a Luise Weiss, uma das mais importantes artistas brasileiras, estava orientando na Fundação Ema Klabin. Sou formada em Licenciatura

Plena em Artes Plásticas e Pós-Graduada em Estética e História da Arte (FAINC/FATEA-SP), mas na época, ainda não se falava muito nessa categoria artística, e ainda hoje, é uma linguagem pouco conhecida. Entendemos isso, pois o conceito de 'livro de artista' está em construção, considerando-se sua inserção na Arte Contemporânea. Naquele ano, tive a oportunidade de concluir o curso com a Luise e participar de outra oficina que ela ministrou na Oficina Cultural Oswald de Andrade-SP. Identifiquei-me totalmente com essa linguagem e se transformou no objeto de pesquisa principal da minha produção artística. No ano seguinte, ganhei o Prêmio Livro de Artista no 2º Salão de Outono da América Latina, com meu livro *Confiança*, 2013.



## 2. O que é um Livro de Artista? Como e de qual material é produzido?

Essa é a pergunta de um milhão de dólares... (sorrisos). Vou lhe devolver com outra pergunta: O que é uma pintura? Ou, o que é uma escultura? Essas duas categorias artísticas nós conhecemos há mais de 30, 40 mil anos, considerando-se as pinturas em cavernas (incluindo os registros encontrados em território brasileiro), ou 25, 28 mil anos, se tomarmos como exemplo a pequena escultura Vênus de Willendorf, do período paleolítico. Portanto, apesar de algumas definições disponíveis, seja em dicionários, pesquisas acadêmicas ou pelos próprios artistas que fazem livros, não há uma única resposta definitiva sobre o objeto, da mesma forma que há uma diversidade muito grande na produção deles, a qual se apresenta em exponencial desenvolvimento técnico e conceitual. Como o próprio nome já diz, L I V R O, devemos pensar no objeto com o conhecimento que já temos a partir da nossa relação com essa materialidade. Mas o conteúdo será substituído por imagens, imagens que se misturam com textos, que nem sempre serão lidos. Inclua técnicas de pintura, desenho, gravura, serigrafia, colagem, costura, fotografia, etc... Pense numa sequência de espaços (citando Ulisses Carrión) e no tempo utilizado para a leitura de cada página/imagem, no movimento de seu corpo nessa ação, no cheiro/textura do papel/material escolhido para essa experiência. Atente à narrativa desenvolvida. Pronto. Você acabou de 'ler' um livro de artista...

## 3. O que há de artístico, de narrativo e de poético no Livro de Artista? Há limites para o Livro de Artista? E se havendo, como rompê-los com as noções de forma, conteúdo e espaço artístico-literário?

A produção do livro de artista evidencia-se entre as décadas de 50 a 70, quando “a concepção de livro de artista amplia-se, passando a designar a obra de arte” (FABRIS; TEIXEIRA DA COSTA, 1985, p.13). Durante esse período inicial da produção de livros *pelos* artistas, o objetivo era subverter o sistema do mercado de arte imposto pelos museus e galerias,



permitindo que o trabalho artístico atingisse um público mais amplo com valores acessíveis. Sendo assim, os livros produzidos nessas décadas se utilizavam de materiais mais ordinários, com possibilidades de reprodução, então a serigrafia, a gravura, a reprodução xerográfica, impressão offset foram muito apreciadas naquele momento. Muitos artistas também estavam envolvidos com a poesia visual e concreta, o que permitiu que usassem o livro como meio de difusão dessa vertente artística. De lá para cá, foram feitos muitos experimentos e a tendência do livro também cedeu ao mercado reforçando a produção de exemplares únicos e livros-objeto, com toda a variedade de materiais e formas imaginados, como o *Livro de Carne* de Arthur Barrio, por exemplo. Gosto de pensar no livro como uma plataforma de experimentação artístico-sensorial sem limites, que dialoga com o corpo do artista e abre uma infinidade de possibilidades dialógicas com sua poética. Numa interpretação de Carrión, o escritor escreve textos e o artista faz livros...

#### **4. Walter Benjamin, assim se expressou em *Obras escolhidas II* (1997, 275): “Nem todos os livros se leem da mesma maneira.”. Diante desta afirmativa, como devemos ler um Livro de Artista?**

A frase de Benjamin é perfeita, mas vamos trocar a palavra 'livros' por 'obras de arte'. Toda obra artística requer leitura, interpretação e contextualização, assim como um texto, certo? Isso se quisermos apreciar a obra de forma mais aprofundada, não apenas superficialmente, de acordo com as preferências de cada leitor. Sendo assim, quando pensamos em leitura e interpretação, aqui no caso de um trabalho artístico (onde provavelmente prevalecerá o uso de imagem, acionando nossos sentidos visual e tátil), devemos esperar que a obra seja aberta e que cada espectador possa fruí-la de forma diferente, a partir de sua vivência e bagagem cultural, portanto não há uma regra ou uma interpretação fechada. O poeta visual argentino Juan Carlos Romero usava a expressão 'espectador ativo', ao se referir à experiência do público ao ler um livro de artista. Concordo com ele, a interpretação e nível de experiência entre obra x espectador varia para cada um, de acordo com sua mediação com a obra. Aproveito para contar sobre meu livro *HAPPY beautiful People*, que surgiu do meu flamar pela cidade, do desenho de observação dos transeuntes. A minha maior preocupação ao desenvolver o projeto do livro foi pensar em como passar para o meu espectador, a vivência que eu tive ao me colocar na posição de um voyeur, invadindo a privacidade de cada um, ainda que no espaço público, roubando suas imagens, ao registrá-los em meu sketchbook. Além do questionamento sobre nossos dados pessoais estarem sendo absorvidos pelas redes sociais, mídias digitais e estarmos em constante vigilância do estado, a materialidade e forma do livro teve um papel importante em sua construção. Para remeter a essa fenda obscura, o livro apresenta recortes e páginas dobradas que desvendam os personagens escondidos do olhar atento do observador – outro personagem ou a persona da artista. Procurei criar uma experiência lúdica para o espectador, que envolve seu corpo numa dança de movimentos, incluindo ainda, uma réplica de um binóculo para seu uso.

#### **5. Quais as diferenças entre um Livro de Artista e um livro de artes?**

Nós nos perdemos na tradução... Muitos termos técnicos artísticos são cunhados em outra língua, então ao traduzir para o português, nos deparamos com um problema lexicográfico. A acepção que designa livro de artista surgiu nos Estados Unidos na década de 60: *artist's book*. Em francês, o termo usado, *libre d'artiste*, se referia às edições de arte colecionadas pelos bibliófilos, também conhecidas como livros ilustrados. Nesses dois casos, podemos ver que há diferenças na conceituação do objeto em si. No Brasil, a produção do livro de artista evidencia-se entre as décadas de 50 a 70, quando “a concepção de livro de artista amplia-se, passando a designar a obra de arte” (FABRIS; TEIXEIRA DA COSTA, 1985, p.13). Então podemos dizer que livro de artista é uma obra feita por um artista e um livro de arte (*book art*) é um livro com referencial teórico sobre Arte.

#### **6. Quais relações podemos estabelecer entre o Livro de Artista e as demais artes e as mídias?**

A Arte apresenta um caráter plural, portanto todas as linguagens se inter-relacionam entre si, assim como novas mídias são incorporadas constantemente nos trabalhos dos artistas.

Novas relações no campo artístico e estético são construídas com outras áreas do conhecimento, numa tentativa de aproximar o espectador à obra. A vida cotidiana e o espaço público, por exemplo, surgem como uma força motora e meio de produção, o trivial ganhou o espaço nobre no noticiário televisivo, assim como as páginas dos livros de artista que passam a ser exposições itinerantes.

### **7. Há diferenças entre um livro-objeto e um Livro de Artista? Se havendo, quais?**

Segundo Julio Plaza (1982), livro de artista designa uma categoria da Arte, de modo mais amplo, e ao mesmo tempo, o objeto artístico, com todo o seu potencial conceitual. Dentro da categoria encontramos variações como o livro ilustrado, livro poema, livro conceitual, livro-documento, livro-objeto. Este último pode ser apresentado com outros materiais, considerando seu aspecto escultórico. Como exemplo de livro-objeto, apresento um dos primeiros trabalhos que desenvolvi *Lugares da memória* (2014). Utilizei pequenos objetos que me remetem às lembranças de família: caixa de madeira, fotografias, documentos, moedas antigas, construindo um memorial em homenagem aos meus antepassados imigrantes.

### **8. Dado seu fascínio pelo Livro de Artista, você chegou a produzir vários deles, inclusive editando-os e os publicizando. Poderia nos contar um pouco sobre seus feitos?**



Os livros de artista são apresentados em exemplares únicos ou em múltiplos, edições com tiragem limitada, numerada e assinada. Diante disso, minha produção seguiu ambas as vertentes. Com os exemplares únicos, participo de exposições de arte no Brasil e no exterior. Para publicar os múltiplos, optei pelas edições de autor e lancei o selo editorial Loreley Books, com o qual participo das feiras de arte impressa e publicações independentes. Bem ao espírito das décadas de 60-70, todo o trabalho de criação, execução, divulgação e venda fica em minhas mãos, o que permite uma autonomia muito grande e ao mesmo tempo, com as feiras, a relação entre artista/espectador se torna mais estreita. É muito gratificante conhecer e conversar pessoalmente com o público/colecionador de arte.



**9. Para quem quer conhecer mais e melhor sobre o Livro de Artista, quais passos iniciais você aconselha: quais leituras deverá fazer; quais grupos frequentar; oficinas e cursos deve participar e onde realizá-los?**

Infelizmente temos uma bibliografia muito escassa sobre o assunto, mas recomendo acessar os artistas-acadêmicos que têm se dedicado a essa pesquisa, como Amir Cadôr, Paulo Silveira, Edith Derdyk, Luise Weiss, Leila Danziger e Fabio Moraes. O material de suas teses se encontra disponível para download nos repositórios das universidades. Indico a consulta pelo site da Coleção de Livros de Artista da UFMG, organizada pelo Cadôr, fruto de sua tese de doutorado. Conhecer os trabalhos do Paulo Bruscky, Rosana Paulino, Julio Plaza e Augusto de Campos, entre outros. Além disso, acompanhar a

produção de artistas pelas redes sociais, hoje em dia o acesso à informação é muito mais fácil. Já os cursos são mais esporádicos, geralmente ministrados por artistas que produzem livros.

**10. Sabe-se que você presta consultorias, ministra oficinas e cursos de formação em Livros de Artista. Há alguns em vista? Como o(a) leitor(a) deve proceder para participar e obter maiores detalhes sobre os se serviços artísticos, literários e culturais?**

Exato. Com a pandemia tivemos que reorganizar nossa agenda. As consultorias e acompanhamentos para artistas são realizados individualmente. Em novembro, está programado um curso virtual de introdução ao livro de artista. Para qualquer informação, me coloco à disposição pelo e-mail, pelas redes sociais Instagram e Facebook ou para adquirir e colecionar meus livros de artista.

**11. Em quais projetos você trabalha no momento? O que vem de novidade pós-pandemia? Como você imagina esse futuro cenário?**

O futuro está bastante incerto no momento. Ainda não vemos a possibilidade de nos encontrarmos nas feiras de publicações, que estão planejando versões digitais. Se o cenário melhorar, farei minha primeira participação numa feira internacional no próximo ano. Estou com alguns livros em desenvolvimento, desde exemplares únicos a edições, a serem lançados entre novembro e dezembro. Em breve, lançarei também a loja virtual da Loreley Books, além de outros projetos a médio prazo.

**12. Poderia deixar, em suas palavras finais, uma mensagem aos nossos leitores, sejam estudiosos, artistas, professores, pesquisadores entre outros sobre as possibilidades de confeccionar o seu Livro de Artista e nos dizer no que ele se diferencia de um diário ou livro de anotações cotidianas?**

O universo do livro de artista é apaixonante. Há uma vasta produção a ser conhecida e a tendência de que essa linguagem se expanda muito mais. Eu recomendo conhecer os cadernos de estudo de Eugene Delacroix, William Turner, David Hockney, Pablo Picasso, Vincent van Gogh, Artur Barrio, Hudinilson Jr. Os cadernos atuam como diários, contém desde registros de ideias conceituais até momentos íntimos ou anotações de viagens, que são fontes de inspiração e planejamento para a construção de suas obras.

### **CONTATO**

@loreleybooks

loreleybooks@gmail.com

@marciarosenberger

rosenberger.marcia@gmail.com

### **MINIBIO**

Artista visual, editora e arte-educadora. Desenvolve as linguagens da aquarela, fotocoloragem e livro de artista. Em sua poética pessoal investiga os atravessamentos que perpassam o espaço urbano, a partir de suas relações entre diáspora e ocupação - quem o habita e por onde transita, pelo viés da memória e do tempo. Formada em Artes Plásticas e Pós Graduada em Estética e História da Arte / Fatea-SP. Recebeu acompanhamento em livro de artista de Luise Weiss e Fabíola Notari. Colabora com o Núcleo de Livro de Artista, na Casa Contemporânea-SP. Em 2019 participou da Casa Parte-SP como artista residente da Casa SETE, ateliê coletivo de São Bernardo do Campo-SP. Em 2018, foi selecionada por edital do Laboratório de Artes Visuais, na OMA Galeria-SBC e em 2016, para residência artística no projeto Arte @o Centro, na cidade de Torres Vedras, Portugal; onde também ministrou oficinas de livro de artista. No mesmo ano lançou o selo editorial independente Loreley Books.

### **BIBLIOTECA DE REFERÊNCIA**

CADÔR, Amir Brito. **Imagens Escritas**. Dissertação de mestrado, Unicamp, 2007

CALDAS, Waltercio. **Manual de Ciência Popular**. Rio de Janeiro: Funarte, 1982.

CARRIÓN, Ulises. **A Nova Arte de Fazer Livros**. Belo Horizonte: C/Arte, 2011

CASTLEMAN, Deke. **A century of artists books**. New York: Museum of Modern Art, 1996.

DERDYK, Edith (org.) **Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas**. São Paulo: Senac, 2013.

DOCTORS, Marcio. **Livro-objeto: a fronteira dos vazios**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1994.

DRUCKER, Johanna. **The century of artists' books**. New York: Granary Books, 1995

FABRIS, Annateresa e COSTA, Cacilda Teixeira da. **Tendências do Livro de Artista no Brasil**. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1985.

- FREIRE, Cristina. **Paulo Bruscky: arte, arquivo e utopia**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2006.
- FREIRE, Cristina. **Poéticas do processo: arte conceitual no museu**. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- KLIMA, Stefan. **Artists Books: A Critical Survey of the Literature**. New York: Granary Books, 1998.
- LAUF, Cornelia and PHILLPOT, Clive. **Artist/Author: Contemporary Artists' Books**. New York : D.A.P., 1998.
- LYONS, Joan (Org.). **Artists' books: a critical anthology and sourcebook**. Rochester: Gibbs M. Smith, 1987.
- MOEGLIN-DELCROIX, Anne. **Esthétique du livre d'artiste (1960/1980)**. Paris: Jean-Michel Place / Bibliothèque Nationale de France, 1997.
- OLKINHORN, Harry. "From book to anti-book". First published in **Visible Language**, 25:2/3 (spring 1991) ([www.vortice.com](http://www.vortice.com))
- ROMANA, Ana João. **Livros de Artista: alunos Finalistas de Artes Plásticas ESAD-CR. IPL/ESAD-CR Edições (2010). Disponível em: [https://web.archive.org/web/20150402073256/http://web.esad.ipleiria.pt/\\_webdocs/sala5catalogo.pdf](https://web.archive.org/web/20150402073256/http://web.esad.ipleiria.pt/_webdocs/sala5catalogo.pdf)**. Consultado em 14 de set. 2015. Arquivado do original em 2 de abril de 2015;
- ROTHENBERG, Jerome and CLAY, Steven (ed.). **A book of the book: some works & projections about the book & writing**. New York: Granary, 2000.
- SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.
- SILVEIRA, Paulo. **As existências da narrativa no livro de artista**. Tese de doutorado, UFRGS, 2008
- SMITH, Keith. **Structure of the Visual Book**. Rochester (NY): Keith Smith Books, 2003.
- SÜSSEKIND, Flora. Não-livros. in **Historiografia Literaria e as Técnicas de Escrita: Do Manuscrito Ao Hipertexto**. Rio de Janeiro, Vieira & Lent, 2004.

\* **José Flávio da Paz** é doutorando em Estudos Literários-UNEMAT; mestre em Letras-UNIMAR, mestre em Estudos Literários-UNIR. Professor do Departamento Acadêmico de Língua Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia-UNIR, bolsista Novo Prodoutoral da CAPES/CNPq, escritor, ensaísta, editor e avaliador em periódicos acadêmicos do Brasil e do exterior Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Poesia contemporânea de autoria feminina do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do Brasil-GPFENCO/UNIR/CNPq; Membro da Red Iberoamericana de Docentes (Espanha); Association des Jeunes Chercheurs en Sémiotique-AJCS (França) e Red Federal de Poesía (Argentina). Imortal da Academia de Letras do Brasil-ALB, ocupante da Cadeira nº 001/ALB/RN e detentor do Título Honorífico de Cidadão Macapaense pelos excelentes trabalhos educacionais prestados aquele Município. E-mail: [jfpaz@unir.br](mailto:jfpaz@unir.br). <http://lattes.cnpq.br/5717227670514288>. <https://orcid.org/0000-0002-6600-9548>. <http://www.profjfpaz.unir.br>.

FAÇA JÁ  
A SUA  
ASSINATURA

TODO MÊS O ASSINANTE RECEBERÁ UMA CAIXA CONTENDO  
UM LIVRO DE CONTOS E DIVERSOS BRINDES



# CLUBE DO LIVRO

U N I Ã O

PARA QUEM É APAIXONADO POR LIVROS

ACESSE O SITE

[WWW.CLUBEDOLIVROUNIAO.COM.BR](http://WWW.CLUBEDOLIVROUNIAO.COM.BR)

ACESSE A CAMPANHA DO CLUBE DO LIVRO UNIÃO NO CATARSE E CONHEÇA AS  
ÓTIMAS RECOMPENSAS

[WWW.CATARSE.ME/SALVEM\\_O\\_SITE\\_DE\\_LIVROS\\_UNIAO\\_FAZ\\_A\\_FORCA](http://WWW.CATARSE.ME/SALVEM_O_SITE_DE_LIVROS_UNIAO_FAZ_A_FORCA)

# ENTREVISTA COM A AUTORA

## MARIANA PIO

POR ADEMIR PASCALE



**Mariana Pio** nasceu em 1990, em Belo Horizonte. Formou-se em Direito, cursou Filosofia e estudou Teatro, mas acredita que a informação importante esteja no seguinte: cresceu entre Minas e Bahia e foi criada por uma família de mulheres. Escreve em blogs desde a adolescência, participa de antologias e revistas e publicou seu primeiro livro de poesias, “Ombros hereges”, em 2018, pela editora Urutau. Devota da curiosidade, pesquisa ancestralidade e saberes antigos. Mariana é uma escritora e poeta monodissidente latino-americana – brasileira. Para saber mais: [umpio.com.br](http://umpio.com.br)

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Mariana Pio: Publico em blogs desde 2009. Nessa época, ainda adolescente, publicava majoritariamente minicontos. Com a poesia eu tinha uma relação de adoração, de reverência. Assim, demorei alguns anos pra me arriscar com os versos. Só que fluiu tão bem que fiquei (na poesia). Meu primeiro livro, o Ombros Hereges, foi lançado em 2018, quando o original foi aprovado em uma chamada aberta da editora.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro “Ombros Hereges”. Poderia comentar?**

Mariana Pio: O Ombros Hereges é uma releitura de poesias que vinha escrevendo havia já muitos anos quando resolvi reuni-las. Percebi que havia um fio condutor nítido na minha criação: o feminino, a vida interior das mulheres. Quando assimilei que a reconstrução, a colagem da minha escrita era coesa o suficiente para virar uma obra eu estava lendo Calibã e a Bruxa, e isso me nutriu de confiança para colocar o livro no mundo.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

Mariana Pio: esse livro que cito, Calibã e a Bruxa, é uma fonte riquíssima pra

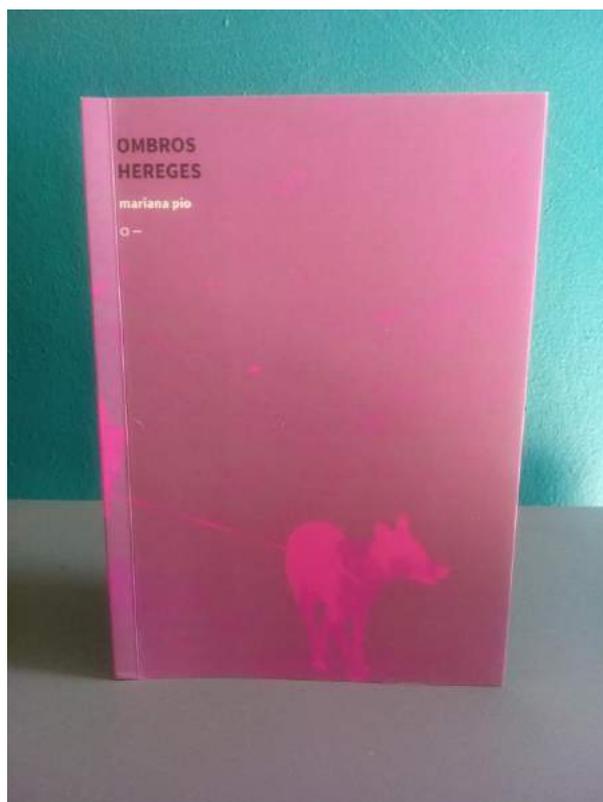
compreender a história das mulheres no ocidente. Ele foi o miolo e o eixo da minha pesquisa. Também o estoicismo e algumas mitologias, em especial as divindades femininas, têm grande parte na minha forma de colocar as coisas. À medida que ia relendo as poesias mais antigas, ia remoldando-as para a linguagem do *Ombros Hereges* e recheando com referências históricas – tanto no sentido da História como no da minha própria ancestralidade. Quanto ao tempo, é importante ter em mente que a base de grande parte das poesias já existia, daí entre começar esse processo de remodelar-e-costurar e ter o livro aprovado na chamada, foram uns 6 meses.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

Mariana Pio: “sou minha casa /inclusive meu corpo /lampejo abrigo que acaba /brilho mulher leoa de asa”. Ou ainda “alguns não são atravessados /ou são demais porém fechados: /atravessam a vida /com a permeabilidade /de um bloco de concreto //ainda de vez em quando nasce /um pé de planta /nesses lugares improváveis”.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria aos autores em início de carreira?**

Mariana Pio: diria para se conhecerem bem, para descobrirem o que gostam de



ler e que tipo de escrita os atravessa com intensidade. Ter uma fonte literária sólida é algo que considero importante. E, além disso, disciplina e confiança no que cria: nenhuma criação que produza significado para si é em vão.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Mariana Pio: pode adquirir entrando em contato comigo pelo instagram @umpio, ou ainda pelo site da editora: <https://editoraurutau.com.br/titulo/ombros-hereges>. também tenho um site onde falo de várias coisas, inclusive poesia: [umpio.com.br](http://umpio.com.br)

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Mariana Pio: sim, tem um novo livro de poesias em processo. Espero que seja publicado ainda em 2121.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: no momento, “paisagem com grão de areia”, da Wislawa Szymborska

Um (a) autor (a): Hilda Hilst

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: no momento, “Ema”

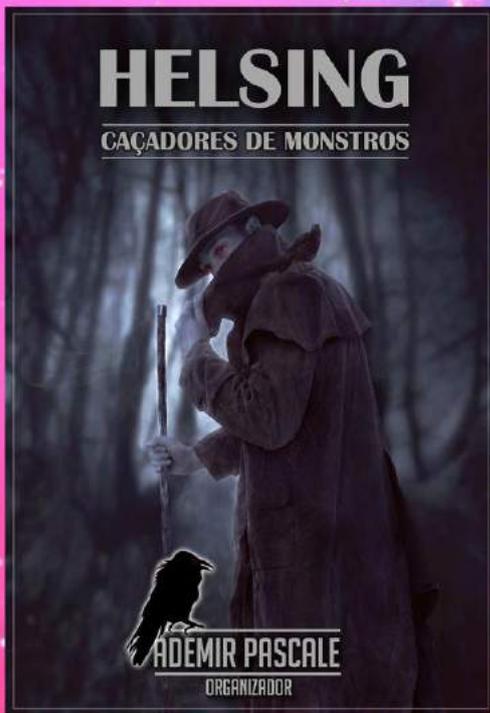
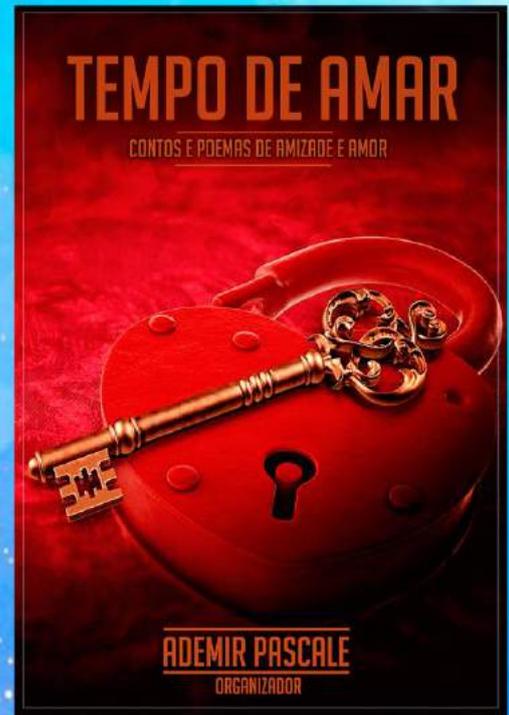
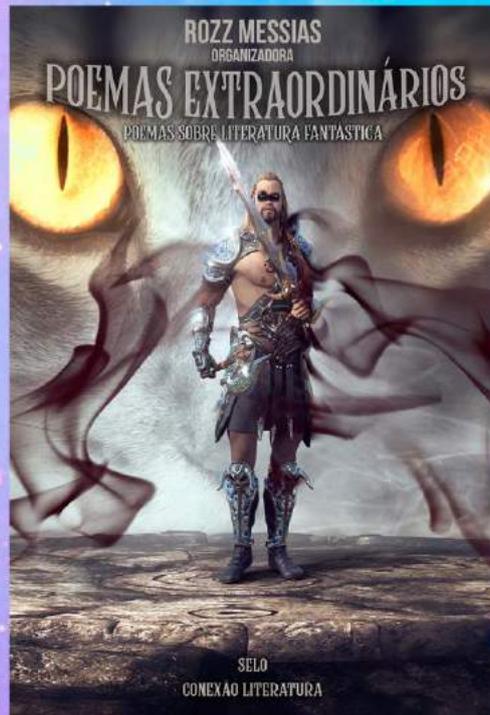
Um dia especial: o dia do lançamento do Ombros Hereges.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Mariana Pio: um agradecimento a todo mundo que apoia a poesia nacional, especialmente a feminina, e um voto de que sejamos mais, de que nossas vozes sejam múltiplas e potentes e que botemos mais poesia no mundo.



# PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**LEIA OS EDITAIS E ENVIE  
O SEU CONTO OU POEMA**

**ACESSE:  
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

# ENTREVISTA COM O AUTOR

## OSMAR S. JUNIOR

POR ADEMIR PASCALE



Nasceu em 11 de março de 1977 em São Paulo, capital. Começou a arriscar-se na escrita entre 16 e 17 anos, com poemas e dois livros escritos entre 1994 e 1999. Ingressou na faculdade de História em 2000, mesmo ano em que iniciou a escrita de seu primeiro livro publicado, “21 Passos no Escuro”, construído ao longo de duas décadas. Nesse período começou a lecionar (profissão que exerce desde 2004) e também se formou em Pedagogia e Neurociências da Aprendizagem. Atualmente é professor da rede pública e tem mais projetos literários na gaveta.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Osmar S. Junior: Minha primeira criação foi um poema escrito aos 17 anos. Tratava-se de um poema romântico, que acabou sendo o primeiro de dezenas nesta mesma linha. Claro que alguns tiveram “alguém” como inspiração, mas a grande maioria não tinha como fonte uma pessoa em especial. Também escrevi poemas de outros gêneros, que iam desde atmosferas depressivas até visões relativamente cômicas do cotidiano. De certa forma, isso também me deu algumas ideias para os outros dois livros que escrevi entre os 17 e os 22 anos: um

misto de romance e tragédia (o primeiro) e um próximo do que se poderia, talvez, chamar de drama social (o segundo).

**Conexão Literatura: Você é autor do livro “21 passos no escuro”. Poderia comentar?**

Osmar S. Junior: Terror é um gênero que sempre me fascinou, fosse na literatura ou na sétima arte. E não somente aquele que se baseia em elementos sobrenaturais, mas o que nasce diretamente das regiões mais escuras da alma humana. Talvez seja um pouco daquela atração maior que todo mundo sente quando vê o anúncio de um filme que diz “baseado em fatos reais”. Quer

dizer, é aquela ideia de que pelo menos parte do que você acabou de assistir ou ler poderia realmente acontecer...

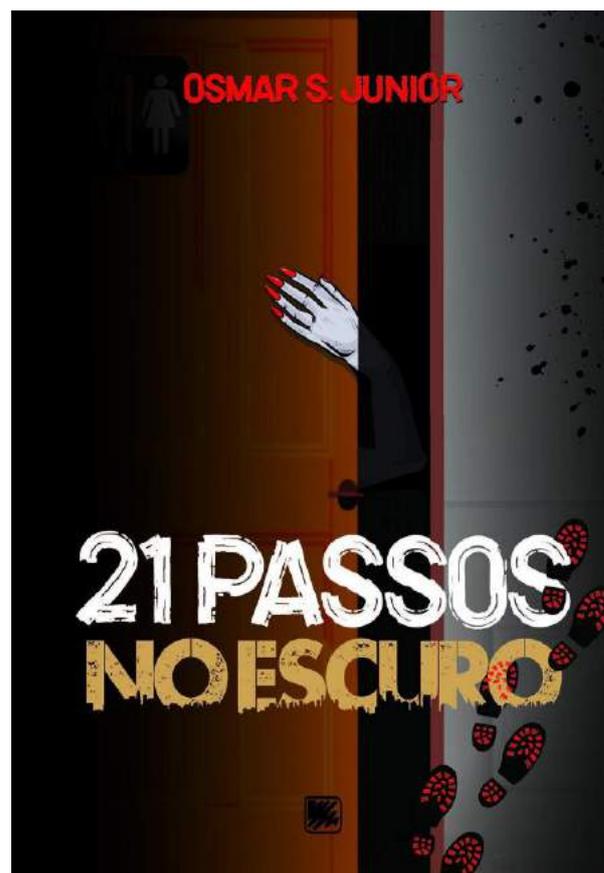
**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

Osmar S. Junior: O livro foi escrito entre 2000 e 2020 (sério...) e alguns destes contos nasceram da combinação de situações comuns que chegaram ao meu conhecimento com um pouco dos temores clássicos que sempre povoam nosso subconsciente. E falo de situações banais mesmo. Uma conversa que escutei de dois senhores que passavam por mim numa cidade pequena do interior, alguma coisa que vi na areia enquanto caminhava pela praia...E por aí afora.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

Osmar S. Junior: Bom, pra não me arriscar a dar spoilers, posso mencionar alguns dos contos que para mim mesmo, são particularmente perturbadores: “Rabo de Arraia”, “As Obras de Deus” e “Que Morram os Filhos Teus”, são histórias que, durante o processo de criação, chegaram a me causar um certo incômodo. Creio que isto signifique alguma coisa.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para**



**adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Osmar S. Junior: O livro está disponível nas livrarias Asabeça, Livraria do Mercado, Submarino, Amazon, Americanas e Estante Virtual. Também há informações sobre ele no meu blog pessoal, [www.liranet1977.blogspot.com.br](http://www.liranet1977.blogspot.com.br) além de boa parte de meus poemas.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

Osmar S. Junior: Nunca, mas nunca desistam mesmo. Eu sei perfeitamente o quanto é desanimador olhar aquele seu material na gaveta esperando dias

melhores para ser publicado, mas prossiga escrevendo, falando com editoras e tirando proveito ao máximo da facilidade que a era digital trouxe para esse tipo de empreendimento. Mas NÃO desista, pois como se diz por aí, caixões foram feitos para enterrar corpos, e não sonhos.

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Osmar S. Junior: Sim, pelo menos mais dois livros, aqueles que mencionei lá atrás. Mas isso ficará para mais adiante, num futuro próximo.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: A Divina Comédia

Um (a) autor (a): Stephen King

Um ator ou atriz: Clint Eastwood

Um filme: A Vida é Bela

Um dia especial: Cada um do seu jeito, todos são.

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Osmar S. Junior: Leitura e escrita são duas das mais enriquecedoras atividades intelectuais.

Não só por escrever, mas também como professor, faço votos que um dia tenhamos uma sociedade onde estas atividades sejam parte do cotidiano de cada homem e mulher.



# ENTREVISTA COM A AUTORA

## ROZZ MESSIAS

POR ADEMIR PASCALE



**Rozz** mora em Colombo no Paraná. É antologista, contista e poeta. Autora dos Planos de Aula da Revista Nova Escola, “Papai, tem monstro?”, Entrelaçados, Poetizando e Ao seu encontro. Premiada duas vezes no Concurso Literário de Colombo e pela Rede Conectando Saberes com o Projeto Cordel Extraordinário. Participa de 40 Antologias de contos e poesias. Responsável pela organização da trilogia Lendas pelo mundo, pela Dark Books.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Rozz Messias: Escrevo poesia desde os 15 anos, mas foi somente em 2018 que tomei coragem para me inscrever nas primeiras antologias. Com as aprovações me senti mais segura para participar de saraus, grupos literários e iniciar a escrita do meu primeiro livro solo. Eu não conhecia ninguém do meio literário, não tinha recomendação de nenhuma editora, então foi uma sequência de acertos e decepções literárias.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro “Poetizando”. Poderia comentar?**

Rozz Messias: Poetizando é a junção de parte de meus poemas, de 2018 até 2020. São poemas que falam sobre amor, saudade, esperança, chegadas e partidas, sonhos.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

Rozz Messias: Qualquer acontecimento me inspira. Uma frase solta ouvida ou lida. Uma música, um sentimento ou emoção.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

Rozz Messias: Desnuda

...

Então meu corpo foi teu

Cada ínfimo pedaço

Escravo dos teus laços e abraços

Dominada por teus beijos

Tornei-me apenas desejo

Tua voz fez-me demente

Tornou-me quente, ausente de razão

Tudo virou loucura, paixão crua

Pura emoção

Agora sou navegante,

Flutuo errante

Nesse mar de sensação

Procuro a cada instante

Teu olhar vigilante

Para de novo estar desnuda

Despida, derretida

Sob o calor de tuas mãos...

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Rozz Messias: Poetizando está disponível na

UICLAP:

<https://loja.uiclap.com/titulo/ua2340/>

Para conhecer meu trabalho literário:

<https://rozemarmessias.wixsite.com/wesite-1>

<https://www.facebook.com/rozemar.messiascandido>

[https://www.instagram.com/rozz\\_messias/](https://www.instagram.com/rozz_messias/)



Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Rozz Messias: Recomendo que escrevam muito, se possível que participem de antologias e façam bons cursos de escrita. Sejam cuidadosos na escolha das editoras, nem todas tem a preocupação mínima com a qualidade literária. Busquem recomendações, tenha uma rotina de escrita e façam amizades literárias. Em parceria tudo é mais fácil. O autor não sobrevive sozinho.

Para publicação de livro solo fiquem atentos nos contratos, valor a ser pago (se não for publicação tradicional), direito a quantos volumes, há mínimo de livros a serem vendidos na pré-venda. Prepare-se para a publicação independente.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Rozz Messias: Muitos. Meu foco no momento é literatura infantil e poesia.

Tenho uma trilogia em processo de publicação: Um galo lá em casa, Mais galos lá em casa e A fuga da galinha.

Poetize-se será o próximo livro a ser lançado, todos como publicação independente.

Filha da Tempestade é um conto que virou livro solo e está em processo de finalização.

Como antologista trabalho na organização do livro de poesias Idílico Concílio, pela editora Edições e Publicações.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: Contos de Grimm

Um ator ou atriz: Viola Davis

Um filme: Coração Valente

Um hobby: fazer caminhadas

Um dia especial: dois: quando meus filhos nasceram

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Rozz Messias: Só deixar o convite aos leitores para que conheçam meu trabalho e de outros tantos autores nacionais maravilhosos. Leia, deixe sua avaliação, apoie, divulgue. A literatura brasileira precisa de apoiadores.



# ENTREVISTA COM O AUTOR

## THÉLIO QUEIROZ FARIAS

### POR CASA PROJETOS LITERÁRIOS



Natural de Campina Grande, Thélío Queiroz Farias é advogado especialista em Direito Civil pela Universidade Humboldt (Berlim/Alemanha). É titular da cadeira nº 23 da Academia de Letras de Campina Grande, e faz parte ainda das instituições: UBE – União Brasileira de Escritores, Instituto Histórico e Geográfico de Serra Branca-PB, Instituto Histórico e Geográfico do Cariri da Paraíba, dentre outras.

Autor de quinze livros, sendo: onze jurídicos, um livro infantil, um livro contendo relatos de viagens, um de oratória e um de poesias.

Encontra-se escrevendo uma nova biografia do grande pintor brasileiro Pedro Américo, além de um livro de crônicas de viagens pessoais que realizou ao longo da vida.

#### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Thélío Farias: Iniciei publicando livros jurídicos. No início de 1996, ainda estudante do Curso de Direito da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), publiquei o livro “Comentários à Legislação do Mandado de Segurança”, que teve o honroso prefácio do jurista pernambucano Pinto Ferreira. Paralelamente, publicava artigos nos jornais da Paraíba. A partir do primeiro livro, não deixei de publicar. Em 2016, publiquei meu primeiro livro não jurídico, um livro infantil, “O Menino de

Pijama”, em co-autoria com meu filho Gabriel, que no ano subsequente (2017), recebeu edição norte-americana.

**Conexão Literatura: Você é o autor do livro “Vinte poemas de viagem e uma canção de chegada”. Poderia comentar sobre ele?**

Thélío Farias: “Vinte poemas de viagem e uma canção de chegada” é fruto da paixão pela viagem e da intensa leitura de poesia. Como Ariano Suassuna dizia, “em mim, a poesia é profundamente passional”. Então, o livro é fruto do impacto que determinadas viagens tiveram sobre mim, como visitas a locais



como Petra, na Jordânia, Havana, ao Cabo da Boa Esperança, aos templos cambojanos, a Machu Picchu, por exemplo.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

Thélío Farias: Antes de toda a viagem, procuro ler sobre os costumes, a história, a política, as personalidades históricas e os monumentos que pretendo visitar. Esse estudo se constitui numa jornada antes da partida e, aliado ao impacto do conhecer “ao vivo”. Foram poemas selecionados, de 20 destinos especiais, que visitei entre 2009 e 2019, muitos dos

quais rascunhei em cadernetas e que juntei para publicar o livro.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

Thélío Farias: Um dos poemas que eu gosto muito é “Vida”, que foi inspirado na visita que fiz a Casa de Frida Kahlo, em Coyacán, na cidade de México, pelo seu teor histórico. Ao ler a poesia, eu vejo as cores alegres da obra pictórica de Kahlo.

**Conexão Literatura: Qual a dica que pode dar a um escritor iniciante?**

Thélío Farias: A dica que dou a quem pretende escrever é que leia. Leia o máximo que puder. Leia os clássicos, leia os grandes nomes da literatura mundial (Cervantes, Proust, Shakespeare, Camões, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, etc.) e brasileira, como Machado de Assis, José de Alencar, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Ariano Suassuna, Câmara Cascudo, Cecília Meirelles, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Vinícius de Moraes, Érico Veríssimo e tantos e tantos outros.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Thélio Farias: “Vinte poemas de viagem e uma canção de chegada” encontra-se à venda no site da CASA Projetos Literários com frete grátis para todo o Brasil:

www.casaprojetosliterarios.com.br.

Convido a todos para me seguirem no Instagram: @thelio.farias. No Instagram eu mesclo informações sobre a carreira literária com informações pessoais, além de dicas de viagens.

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Thélio Farias: Tenho um projeto, já em fase final, de publicar um livro de crônicas de viagens, que intitulei “É caminhando que se faz o caminho”. É um livro que expõe emoções de viagens através da prosa. Espero que o leitor possa viajar na leitura, conhecendo diversos países e sentindo a emoção que senti. Outro projeto, que tramita paralelamente, é a biografia do paraibano Pedro Américo, o famoso pintor do quadro do grito do Ipiranga, livro no qual quero mostrar os múltiplos talentos do personagem histórico.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: Dom Quixote, de Miguel de Cervantes.

Um (a) autor (a): Ariano Suassuna.

Um ator ou atriz: Antonio Fagundes.

Um filme: Sociedade dos Poetas Mortos (Dead Poets Society).

Um dia especial: O dia que conheci a casa de Dostoiévsky, em São Petesburgo.

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Thélio Farias: Gostaria de terminar com uma pequena história que era contada pelo escritor israelense Amós Oz: “Quando eu era pequeno, queria ser um livro quando crescesse. Não escritor de livros, livro mesmo. Gente se pode matar como formigas. Escritores também não são tão difíceis de matar. Mas livros, mesmo se os destruirmos metodicamente, sempre há chance de sobrar algum, nem que seja apenas um exemplar, a continuar sua vida de prateleira, eterna, discreta e silenciosa em uma estante esquecida de alguma biblioteca remota em Reykjavik, em Valladolid ou em Vancouver.”





# UMA AVENTURA DRACÔNICA APAIXONANTE

POR MARCOS PEREIRA DOS SANTOS E MARGARETE DO RÓCIO RODRIGUES

## Conto

**T**enho (quase) certeza que muitas pessoas já imaginaram, algum dia, como seria se aquela criatura mística e sobrenatural que amamos ou odiamos se tornasse real, vivaz, ainda mais no mundo tecnológico-científico, capitalista e globalizado de hoje.

Acontecer isso seria incrível, não é mesmo!?

Pois bem. Vou lhes contar um caso surreal, uma aventura dracônica.

Está preparado? Preparada?

Então, vamos lá ...

Trata-se da seguinte estória:

Dragonisa é uma jovem estudante universitária do curso de Cinema que está no auge de seus belos dezoito anos de idade e tem uma vida pacata e comum, normal. A garota, de estatura mediana, atraente, pele branca e olhos azuis, mora num país distante

chamado Dragolândia, na cidade de Drágon, onde fica o pobre e pequeno vilarejo de Draconte.

Desde pequena, ela sonha com criaturas místicas e sobrenaturais. Encantada por tudo que envolva o tema dragões (do grego, *drago* ou *drákon*), Dragonisa está cada vez mais preocupada com os constantes sonhos quem vem tendo ultimamente, nos quais ela se depara com essas criaturas mitológicas que têm chifres longos, asas enormes, olhos e dentes grandes, rabo e cospem labaredas de fogo pela boca, as quais lhe parecem muito mais “reais” (utopicamente) do que a própria lógica humana pode imaginar ou descrever.

Para Dragonisa, dragões não existem no mundo real concreto. São seres místicos e sobrenaturais que habitam apenas os seus sonhos. E nada mais. Apesar de parecer loucura, ela entende um dos dragões que aparecem em seus sonhos e ele também pode compreendê-la perfeitamente.

Contudo, a moça fica ainda mais confusa, intrigada e irritada ao receber, num final de semana considerado típico, um estranho telefonema de um garoto de voz muito misteriosa e supostamente perigoso, de nome Drácon, altivo, bonito, bem apessoado e olhos esverdeados (grandes, intensos e profundos), que colocará a rotina de sua vida completamente às avessas, de “cabeça para baixo”, abalando-a e surpreendendo-a assim ao comentar sobre os estranhos sonhos de Dragonisa e declarar que a conhece e que ela será dele para toda a vida.

Seria uma espécie de trote telefônico realizado por um amigo ou colega de turma de Dragonisa?

O rapaz, na verdade, trata-se de um dragão que veio de um mundo desconhecido denominado Draconato para realizar uma secreta e importante missão na cidade natal da garota. Ele é um autêntico admirador de dragões e está acompanhado de os remanescentes de seu Planeta, até então não conhecido, e estão dispostos a proteger a cidade de Drágon da invasão de enormes dinossauros, que são terríveis criaturas surreais e milenares semelhantes a gigantes e horrendas girafas famintas que querem destruir Drágon com o intuito de dizimar todos os seus habitantes humanos.

Dragonisa fica completamente surpresa ao descobrir que Drácon é o seu mais novo colega de curso, recém chegado à faculdade de Cinema, e que gosta de ler histórias fantásticas sobre dragões. Ao procurar o garoto para obter respostas acerca dos comentários que o mesmo tinha feito sobre os estranhos sonhos dela, Dragonisa também fica sabendo que a ligação de Drácon com os dragões vai além de uma simples admiração por essas criaturas místicas e sobrenaturais.

Drácon resolve, então, “abrir o jogo” e revelar sua verdadeira identidade, dizendo quem realmente é: um dragão metamorfoseado, que pode se transfigurar em ser humano. Dragonisa se espanta, fica atônita e demora em acreditar, de fato, que Drácon seja um dragão.

A garota é uma das poucas humanas que possui compatibilidade direta com dragões, o que aumenta significativamente o poder de combate em uma possível guerra travada entre dragões e dinossauros; algo que não está tão distante de ocorrer, uma vez que, agora, os monstruosos dinossauros já estão em Drácona colocando os seus planos maléficos em prática, aterrorizando e exterminando muitas pessoas moradoras desta cidade.

Com a guerra praticamente “às portas”, Dragonisa irá descobrir ainda que a compatibilidade que tem com Drácon não se resume apenas à batalha contra os dinossauros invasores, mas que os grandes e belíssimos olhos verdes do rapaz exercem sobre ela uma atração incontrolável e que este sentimento afetivo também é correspondido por Drácon. Ela percebe também que o garoto tem muito a ver com um dos dragões dos seus sonhos, com o qual sempre conversava e entendia. Assim, Dragonisa compreende que dragões são reais, e não apenas utópicos como ela antes imaginava.

Todavia, quem não gosta nem um pouco dessa aproximação afetuosa entre o rapaz e a garota é outro colega de curso de Dragonisa, o qual esconde uma paixão “secreta” pela amiga de classe; mas odeia dragões.

Este colega ciumento e invejoso, cujo flerte e amor “oculto” não são apreciados pela garota, vai constatar, mais tarde, que o seu ódio de dragões e a sua antipatia em

relação ao Drácon não se restringem apenas à proximidade do mesmo de Dragonisa, mas inicia em uma longa história que envolve os povos ancestrais de ambos os garotos.

Em meio a uma ferrenha guerra disputada entre dragões, dinossauros e seres humanos para defender e proteger a cidade de Drácona, a garota terá que travar a maior guerra (sobrenatural) de todas: a do coração saltitante e apaixonado, a do sentimento de afeto que nutre por Drácon.

Há muitos armamentos que precisam ser utilizados para vencer uma guerra e uma batalha. Entretanto, dragões e seres humanos precisam se unir para vencer um inimigo em comum: os enormes dinossauros invasores. E em meio ao caos bélico surge, pois, um grande amor improvável, inesperado, envolvendo Drácon e Dragonisa.

Mas, quem sairá vencedor ou vencedora nesta guerra?

A chave da vitória dos dragões sobre os dinossauros é exatamente o sentimento de amor, puro e verdadeiro, que une Drácon e Dragonisa. Afinal de contas, ela possui uma compatibilidade sobrenatural com Drácon, o que os torna ainda mais fortes e poderosos para triunfarem sobre os seus oponentes, saindo, ambos, vencedores da guerra por causa do enlace amoroso que sempre os uniu, desde os sonhos mais remotos de Dragonisa.

Mesmo enfrentando desafios e provações em todos os instantes, Drácon e Dragonisa mantêm sólido o seu amor um pelo outro, casam-se e vão morar juntos, estando sempre em busca da almejada felicidade eterna.

Uma aventura (dracônica) apaixonante, não???

## **ATIVIDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS PROPOSTAS ACERCA DO CONTO LITERÁRIO “UMA AVENTURA DRACÔNICA APAIXONANTE”:**

- Defina conceitualmente “dragão” em sentido mitológico.
- Tipifique os dragões mitológicos existentes nas culturas: brasileira, chinesa, dahoney, budista, babilônica, persa, grega, cristã, nórdica, russa, hitita, saxã, hebraica, japonesa, polonesa, celta, cananeia, tártara/búlgara, cigana, eslava,

sumeriana, escandinava, entre outras.

- Qual a relevância da presença do dragão no contexto do desenho animado infantil denominado “Caverna do Dragão”? Pesquise cientificamente e comente.
- Quais os “dragões” (reais ou surreais) existentes na contemporaneidade em termos sociais, culturais, políticos, econômicos, psicológicos, epistemológicos, lingüísticos, educacionais e artísticos? Disserte de modo analítico e crítico-reflexivo a respeito.
- Em sentido teológico, qual a representatividade simbólica do dragão na Bíblia Sagrada, por exemplo?
- Assim como os dinossauros, os dragões também existiram realmente no Planeta Terra? Pesquise antropologicamente sobre o assunto.
- Algumas manchas existentes na superfície lunar costumam ser associadas, mitologicamente, com as figuras de São Jorge (santo cânone católico), do cavalo e do dragão. Qual a origem desta lenda secular que ainda perdura até os dias de hoje? No tocante ao sincretismo religioso, o que isto significa?
- O que ou quem são os chamados “dragões da independência”? Pesquise sobre.
- Considere a seguinte assertiva: “Fulano(a) é um dragão”. Explique o(s) significado(s) desta expressão (de sentido pejorativo) no âmbito da estética corporal (“cultura do corpo”) e das relações de gênero (sexualidade humana) na atualidade.
- O que é conto literário?
- Quais as principais características do estilo/gênero literário conto?
- Qual a importância do gênero textual conto para o aprendizado da leitura e da escrita literárias?
- Há um tradicional provérbio popular que afirma o seguinte: “Quem conta um conto, aumenta um ponto”. Interprete-o.
- Qual a “moral da estória” narrada no conto literário em foco?
- Represente de forma teatral o conto literário em pauta.

- Poe(ma)tize o conto literário apresentado a partir das ideias-chave contidas no mesmo (conversão do gênero narrativo ficcional para o gênero lírico).
- Reestruture textualmente o conto literário em questão, cujo gênero narrativo é ficcional, transformando-o (brevemente) em quaisquer um dos outros seguintes gêneros literários: romance, novela ou crônica (gêneros narrativos ficcionais); ou tragédia, comédia, tragicomédia, drama ou auto (gêneros dramáticos).
- O conto literário apresentado possui um viés épico (epopeia)? Em caso afirmativo, identifique-o.
- Utilizando-se apenas de desenhos, figuras, gravuras, ilustrações, imagens, fotografias, filmagens, símbolos, recortes (de livros, revistas, gibis, jornais, etc.) e/ou qualquer outro recurso iconográfico de linguagem visual similar, represente a narrativa (con)textual expressa no conto literário intitulado *Uma aventura dracônica apaixonante*.

## INDICAÇÕES DE LEITURAS SOBRE O TEMA “DRAGÕES” (DIVERSOS ENFOQUES):

CHAVES, C. A. Em busca de dragões: Mariza Peirano e a arte de ensinar antropologia. In: **Revista Anuário Antropológico**. Brasília: Editora da UnB, v.41, n.1, p.283-305, jul./2016.

COWELL, C. **Como falar dragonês**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

\_\_\_\_\_. **Como quebrar a maldição de um dragão**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010a.

CUNHA, A. K. **Fardas brancas na arena**: um estudo interdisciplinar do uniforme histórico dos dragões da independência sob a luz da cultura visual. Goiânia, 2015. 189 f. (Dissertação de Mestrado em Arte e Cultura Visual – Universidade Federal de Goiás). *mimeo*.

GARCIA, M. R. V. **Dragões**: gênero, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda. São Paulo, 2007. 148 f. (Tese de Doutorado em Psicologia Social – Universidade de São Paulo). *mimeo*.

GARCIA, T. S. **Sobre fantasia e sociedade:** análise das narrativas dos desenhos animados *Naruto* e *Caverna do Dragão*. Frederico Westphalen, 2009. 21 f. (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Comunicação Social: Habilitação Jornalismo – Universidade Federal de Santa Maria). *mimeo*.

HUXLEY, F. **O dragão**. Madrid: Del Prado/Almudena, 1997.

INGOLD, T. Sonhando com dragões: sobre a imaginação da vida real. In: **Revista Cosmopolíticas da Imagem**. Campinas: Editora Climacom, ano 4, n.10, p.34-52, dez./2017.

LANGER, J. O mito do dragão na Escandinávia. In: **Revista Brathair**. São Luís: Editora da UEMA, v.3, n.1, p.42-64, 2003.

LHULLIER, R. B.; RUSSEL, T. **Aprendendo a amar os seus dragões:** uma linguagem sobre emoções. Rio de Janeiro: Edição dos autores, 2019.

MOREL, E. **Dragão do mar:** o jangadeiro da abolição. Rio de Janeiro: Edições do Povo Ltda, 1949.

OLIVEIRA, E. M. **O dragão devora a África?:** uma análise dos investimentos chineses na compra de terras no continente africano (2006-2016). Recife, 2019. 249 f. (Tese de Doutorado em Ciências Políticas – Universidade Federal de Pernambuco). *mimeo*.

RAMOS FLORES, M. B. Quando o dragão assume o lugar do cavalo: um caráter pós-colonialista na obra *Criolla* de Xul Solar. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Editora Anpuh, v.32, n.63, p.361-380, jun./2012.

REBELO, M. Uma análise interdiscursiva da Série “Como treinar o seu dragão”. In: **Revista de Iniciação Científica**. Criciúma: Editora da UNESC, v.15, n.2, p.43-49, 2017.

SANTOS, F. M. P. (Org.). **Dragon:** a ordem dos cavaleiros – antologia de contos. Campos dos Goytacazes: Editora Darda, 2020. (Coletâneas Darda Editora).

SOUZA, R. M. **Fadas, robôs, deuses e dragões:** a literatura juvenil no ensino de ciências. São Paulo, 2016. 115 f. (Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade de São Paulo). *mimeo*.

XAVIER, P. P. **O dragão do mar na “terra da luz”:** a construção do herói jangadeiro (1934-1958). São Paulo, 2010. 142 f. (Dissertação de Mestrado em História Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). *mimeo*.



\* **Marcos Pereira dos Santos** – Brasileiro. Natural da cidade de Ponta Grossa/PR. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) - Ponta Grossa/PR. Pesquisador em Educação. Literato. Professor da Educação Superior (privada) junto a cursos de graduação (bacharelado, licenciatura e de tecnologia) e de pós-graduação *lato sensu*, ofertados nas modalidades presencial, semipresencial e de educação a distância (EaD) *on-line*, em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente.

\*\* **Margarete do Rocio Rodrigues** – Brasileira. Natural da cidade de Ponta Grossa/PR. Mestre em Ensino de Ciência e Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - câmpus Ponta Grossa/PR. Pesquisadora em Educação Científica e Tecnológica. Docente concursada da rede pública municipal de ensino junto à Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa (SME-PG), lecionando no Ensino Fundamental I (Anos Iniciais), em Ponta Grossa/PR. Professora efetiva da rede pública estadual de ensino junto à Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED-PR), ministrando aulas no Ensino Fundamental II (Anos Finais) e no Ensino Médio, em Ponta Grossa/PR. Atualmente, reside em Ponta Grossa/PR.



# O MARINHEIRO VELOZ

POR MASSILON SILVA

## Conto

No final dos anos 50, quando ainda não existiam as barragens de Sobradinho, Xingó, Itaparica e parte do complexo de Paulo Afonso, que fazem movimentar o conjunto de turbinas de hidroelétricas que fornecem o total da energia consumida no nordeste e distribuída pela CHESF, a vazão normal do Rio São Francisco era quase dez vezes superior ao que se registra nos dias de hoje, o que proporcionava um sistema de navegação intenso desde as cidades de Penedo em Alagoas e Propriá em Sergipe, até Piranhas /AL, última fronteira navegável do rio no chamado Baixo São Francisco. A frenética movimentação de canoas de tolda, lanchas, barcos e navios de pequeno

calado incluía a cidade de Pão de Açúcar, em Alagoas, com seu movimentado porto, estrategicamente localizada na metade do percurso. Mais tarde, não só a construção das hidroelétricas, mas o florescimento do sistema rodoviário aliado à destruição das matas ciliares e desaparecimento de inúmeros afluentes do Rio da Unidade Nacional, causaram o colapso da navegação fluvial no sertão e baixo São Francisco, ficando reduzida ao que hoje é, subsistente apenas o transporte de pessoas e mercadorias destinadas às feiras livres locais, podendo-se citar ainda uma incipiente atividade turística.

Pois bem. Por aqueles idos Pão de Açúcar ostentava o posto de cidade desenvolvida, sediando indústrias

beneficiadoras de algodão e arroz e um comércio bastante movimentado, para onde confluíam representantes comerciais de vários ramos da atividade mercantil. Eram os famosos viajantes, que munidos de suas pastas e catálogos iam promover a venda de produtos os mais variados. A cidade contava com alguns hotéis que acomodavam os visitantes, cinema, pequenos restaurantes, bares freqüentados por boêmios das mais variadas matizes e, como em toda cidade desenvolvida de sua época, seus cabarés.

Como dizia o saudoso Ariano Suassuna, toda cidade de interior dá-se ao luxo de abrigar seu doido e seu mentiroso oficial. Tonho Doido, o representante dos sem-juízo, era conhecido por ocupar horas e horas do seus modorrentos dias medindo as águas do rio, o que fazia com o auxílio de uma lata vazia de óleo vegetal, com a quantidade recolhida convertida em “apolo”, um sofisticado sistema métrico decimal de sua autoria. A depender das horas trabalhadas o resultado era apresentado em apolos d’água, quantidade que invariavelmente retornava para o lugar de onde veio - o rio.

O segundo personagem era “seu” Chagas do Hotel, assim conhecido por ser proprietário da hospedaria mais próspera e conhecida da cidade, não apenas por sua excelente acolhida, mas em especial pela fama do dono, o mais famoso contador de histórias de confirmação duvidosa daquelas paragens. Seu Chagas não era um mentiroso qualquer que inventasse estórias com o intuito de enganar, confundir, denegrir a imagem de alguém, mas um cidadão que

mentia (recorro mais uma vez ao mestre Ariano) “por amor à arte”.

Nas longas noites do lugar, às vezes amenas outras com temperaturas beirando os quarenta graus centígrados, a única e mais divertidas maneira de chegar à paz ao dia seguinte eram os casos do Chagas, e a coisa funcionava assim: ora o contador de fatos duvidosos ou não provados contava uma “anedota” e alguém do improvisado auditório contava outra na tentativa de superá-lo, ora os presentes contavam as suas, mas ninguém até então conseguira reverter o quadro, isto é, debulhar mais criatividade que o mestre e anfitrião, e assim sua fama se espalhava por rios e mares. Famosas estórias como a do Nêgo d’Água, personagem que ainda hoje povoa o imaginário fantástico dos ribeirinhos, que fora capturado por um pescador em Paulo Afonso, criado e educado à maneira dos humanos por um comerciante de Propriá, terminando seus dias como marinheiro na Bahia, ou do macaco que sobreviveu a um pequeno naufrágio graças à sua extraordinária habilidade de nadador, eram contadas e recontadas sob aplausos. A respeito desta última não se registrou um estrondoso fracasso do narrador, graças à providencial interferência de sua mulher, D. Celestina, que acrescentou uma cerca de arame farpado ao lago, em cujas estacas nosso ancestral peludo teria se agarrado até a vinda do socorro. D. Celestina era uma espécie de Terta do Sertão, citação alusiva à famosa personagem de Chico Anísio, que não apenas confirmava as avessadas histórias do marido Pantaleão como às vezes dava-lhes uma retificadora roupagem.

Ednaldo Eirado, representante comercial de Recife, freqüentador habitual do Hotel e fã dos contos fantásticos de Chagas, resolveu uma noite superá-lo em astúcia e inteligência, afirmando para todos que contaria uma mentira tão más tão inverossímil! que obrigaria seu opositor a ficar calado e fora de combate por muito tempo. Diante da descrença geral foi criada uma bolsa de apostas com cada um depositando em uma caixa de papelão certa quantia em moedas que passariam a pertencer ao, digamos, desafiante caso se sagraisse vitorioso em tão aguerrida peleja. Todos devidamente acomodados em seus lugares, veio a bomba que aqui se reproduz “*ipsis litteris*”.

“Um marinheiro do Corpo de Fuzileiros Navais que servia à Marinha de Guerra do Brasil no Rio de Janeiro decidiu, em férias, visitar seus familiares que moravam em Paulo Afonso. Alto, forte, moreno claro e musculoso, conversa agradável, apresentou-se ao comandante do vapor Itália no porto de Penedo para viajar à sua terra natal, sendo de imediato admitido na embarcação como passageiro de primeira classe. Muito extrovertido e galante dirigiu-se ao convés e ali travou amizades, entre um e outro gole de cachaça de cabeça com bom tira-gosto, no intento de abreviar as cerca de quatro horas do percurso de mais de cem quilômetros.

Depois de navegar por 40 quilômetros a embarcação aportou na cidade de Piaçabuçu, Alagoas, para procedimento normal de embarque e desembarque de pessoas e mercadorias, desembarcando ‘*motu proprio*’; também

o jovem marinheiro. Como não precisasse exibir bilhete de passagem (fazia valer-se da famosa carteirada) e ninguém lhe sabia o nome, foi deixado naquela cidade supostamente por não haver conseguido retornar a tempo para embarque. Isso porém só foi notado pelos tripulantes após meia hora de viagem, no entanto por se tratar de pessoa com raízes ribeirinhas, talvez houvesse ficado em casa de algum parente ou conhecido, para no dia seguinte tomar outro barco e completar a viagem. O fato não deixou de causar certa inquietude entre os passageiros que até mesmo aventuram da possibilidade de afogamento em algum ponto perigoso do rio, o que era quase corriqueiro em circunstâncias similares. Felizmente não foi o que ocorreu, como mais tarde foi constatado. Naquela noite o rio se mostrava com águas menos revoltas, o vento era pouco, o que permitia o deslocamento tranquilo do vapor, reduzindo em meia hora o tempo previsto da chegada, navegando a uma velocidade náutica de 20 nós/h.

Chegando o Itália ao porto de Pão de Açúcar; desatados as cordas; baixada a âncora e alcançado terra firme passageiros e tripulantes, a surpresa - o passageiro/marujo estava no porto, já sem camisa, vestindo bermuda e tomando umas e outras em companhia de populares. Estarrecidos, todos quiseram saber como o jovem lobo do mar conseguiu chegar antes do vapor, considerada a impossibilidade de viagem por terra em virtude da inexistência de estradas e veículos de roda, veio a explicação. Realmente eu descii em Piaçabuçu, mas ao notar que a viagem seria demorada optei por vir nadando.

Em determinado trecho, ao ultrapassar o barco ainda acenei para o piloto, mas a escuridão não lhe permitiu que me avistasse. Segui então nadando e cheguei primeiro como todos estão vendo, são e salvo”.

Narrada a estória com invejável categoria, Ednaldo ainda arrematou: inacreditável! mas pessoas hoje ainda vivas me asseguraram de sua veracidade. Os circunstantes então emudeceram ante o fato consumado da perda das apostas, olhando uns para os outros estarecidos com aquela capacidade imaginativa

preparavam-se para pagar o combinado. Uma inesperada reação do natural oponente, no entanto, recobrou-lhes os ânimos. Viram Chagas convocar sua respeitável senhora, dizendo em alto e bom som: - Ouviu isso, Celestina? Se a história fosse contada por mim todos diriam que jamais aconteceu, chamando-me de mentiroso e é esta a razão porque nunca contei. Ouvi tudo calado, sem interferir e principalmente para ver se a narrativa correspondia à realidade, mas O MARINHEIRO ERA EU.



**MASSILON SILVA**, jornalista, escritor e poeta, foi correspondente do Jornal de Alagoas, Jornal de Hoje e semanário Desafio, todos de Maceió. É membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Academia Alagoana de Literatura de Cordel, Academia Sergipana de Cordel e da Academia de Letras de Pão de Açúcar.



# CONSTANTIN

POR MÍRIAM SANTIAGO

## Conto

---

Um caminhão do Exército percorre as ruas de Lisboa até chegar à Reguengos de Monsaraz, no Alentejo, região mais pobre de Portugal. Os soldados descem do veículo e junto deles profissionais de enfermagem que acompanham em micro-ônibus para resgate e primeiros socorros.

Rapidamente o grupo equipado com máscaras e óculos de proteção adentram ao estabelecimento com macas, malas médicas e cilindros de oxigênio. Recebidos por uma atendente e uma enfermeira, percorrem todos os cômodos do asilo na ânsia de salvar vidas, mas, infelizmente, chegaram tarde demais.

O cheiro fétido da morte tomara conta do lugar e em todos os quartos corpos ressecados – idosos que outrora habitavam o asilo de Santa Júlia, foram esquecidos e deixados para trás, sem a mínima chance de sobrevivência. A cena cruel deixava transparecer o egoísmo e a falta de postura ética e sensibilidade para lidar com o surto epidemiológico mundial, deixando-os à míngua.

Ao todo foram 20 corpos retirados do Lar Santa Júlia e quando os militares providenciavam o isolamento do local, carregavam o último corpo, uma voz rouca e fraca se fez presente e o pedido de socorro ecoou por todo o asilo. Rapidamente enfermeiros e militares

retomaram a busca procurando em todos os cômodos novamente, foi quando em um dos banheiros do primeiro andar encontraram um sobrevivente dentro de uma banheira escondido por trás da cortina do boxe.

Era um senhor, que retirado da banheira, seu corpo fraco e magro foi levado para o hospital mais próximo, conduzido a UTL.

Os plantonistas ficaram surpresos com o estado de quase decomposição estava o idoso, que sobrevivera à inanição, contradizendo a lógica da vida.

— Traga-o para cá, vamos colocá-lo neste canto mais afastado dos demais, para evitar ao máximo qualquer outro tipo de contaminação — diz a médica Fátima, delegando os cuidados à enfermeira Victoria.

No primeiro horário do dia seguinte, Victoria conseguiu falar com a enfermeira-chefe do asilo Maria Eduarda, que ainda permaneceria na instituição por dois dias ou mais, mesmo em estado de isolamento, por conta das providências para o sepultamento coletivo dos 20 idosos, procurando documentos e roupas, avisando parentes e o que mais fosse necessário.

— Alô, você é a responsável pelo asilo? Preciso de informações e o documento do idoso que foi resgatado. Ele aparenta uns 85 anos — diz Victoria.

— Não tenho muitos detalhes já que a maioria eram mulheres, totalizando apenas cinco homens. Não estou compreendendo — diz Maria Eduarda,

pelo que acompanhei todos os idosos do lar faleceram.

— Então você não tem nenhuma informação sobre este aqui? E como apareceu no asilo, quem o deixou ficar? — Questiona Victoria pensando na desorganização do local.

Ainda durante a semana, após três dias, o semblante do idoso já era outro, com o rosto “gordinho”, o homem aparentava uns 60 anos de idade, um caso inacreditável!

— Sou eu novamente Maria Eduarda, a enfermeira Victoria, você conseguiu o documento do idoso? Ele está se recuperando muito rápido, está no soro e tomando sangue, já que uma ferida enorme drenou muito líquido. Não sabe ao menos o nome dele? Vou lhe enviar uma foto.

— Sinto muito, mas não tenho nada a falar, não me lembro de vê-lo entre os internos, esse rosto me é estranho. E você me disse que ele teria mais de 80 anos, e essa foto é de uma pessoa muito mais nova.

E o homem foi recobrando a sanidade, mas ainda estava muito confuso.

Ao final da semana, a aparência em torno de 45 anos no máximo.

— Impressionante como você está recuperado em menos de uma semana. Qual é o seu nome? — Questiona Victoria.

— Ainda estou com a memória ruim, não me recordo de nada, não sei de

meus documentos, mas lembro-me que me chamavam de Constantin.

Após vários exames e a rápida recuperação, o homem apresentava boa aparência e o corpo totalmente recuperado e testando negativo para a Covid-19, Constantin recebeu alta médica.

— Mas Victoria, eu não tenho para aonde ir, ainda não estou com a memória recuperada, nem meu sobrenome consigo lembrar.

— Sim, eu compreendo, é verdade. Eu moro sozinha, se quiser pode ficar em minha casa até encontrar um lugar para ir ou se lembrar de algum parente.

E assim o homem ficou abrigado na casa de Victoria, que a cada dia se interessava mais pelo desconhecido.

Constantin era muito educado, solícito, carinhoso e cuidava da casa quando Victoria estava no hospital, deixando inclusive as refeições sempre prontas. E toda essa atenção foi cativando a enfermeira, que vivia sozinha desde o falecimento dos pais, não se casando e fugindo dos relacionamentos sérios. Mas sentia-se apaixonada por ele, que tinha um jeito especial de ser.

— Como vão indo os exercícios para a memória? Conseguiu se lembrar de alguma coisa importante de sua vida?

— Não minha querida, mas você será a primeira a saber quando eu conseguir recuperá-la, ter minha vida de volta — diz o homem.

Após 30 dias, Constantin recuperou a memória.

Victoria fez plantão de meio período, retornando mais cedo para casa. Aproveitaria com o amado mais tempo com ele.

Ao se aproximar do prédio todo o local estava em alvoroço e isolado com caminhão do Exército, policiais, grupo de enfermeiros e o porteiro abalado tremendo e muito nervoso.

— O que está acontecendo? — Pergunta Victoria ao policial, acrescentando que precisava entrar já que morava naquele local.

— O porteiro nos acionou — disse o policial.

— Mas o que está acontecendo?

— O porteiro sentiu cheiro insuportável no último andar do prédio, cheiro de carniça e pegou a chave reserva de um dos apartamentos para verificar. Ao entrar se deparou com duas pessoas mortas e os corpos ressecados, sugados totalmente. Daí ele pegou mais chaves e foi entrando nos apartamentos, já que o cheiro fétido estava em todos os andares. E encontrou mais moradores dessa mesma forma. Não sabemos qual a gravidade da doença, pois como estamos enfrentando a pandemia do novo coronavírus pode ser uma mutação.

Victoria correu para perguntar ao porteiro sobre Constantin e para sua surpresa, o homem disse que nunca o viu chegar com ela, em todos os momentos ela sempre entrou e saiu sozinha.

Desesperada Victoria implorou ao policial para entrar alegou que tinha uma documentação urgente do hospital a entregar e conseguiu passar pelo isolamento.

Nem esperou o elevador, subiu os quatro andares correndo pelas escadas. Ao chegar a sua porta a mesma não estava trancada. Victoria foi entrando

devagar e ao se aproximar da sala, uma rosa vermelha adornava a mesa com lindos laços da mesma cor. Embaixo da flor, um bilhete: Obrigado, recuperei minha memória...

Victoria deixou-se cair devagar por entre as cadeiras, estava desconsolada!



**Miriam Santiago:** jornalista - atua em Assessoria de Comunicação - e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados, porém, sua predileção é o fantástico. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta de escrever, ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros. Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: [mirianmorganuns@hotmail.com/](mailto:mirianmorganuns@hotmail.com/)

# Literatura de Cordel

## Um passeio pelo Folclore Brasileiro



Gratuito no  
Kindle Unlimited

Disponível na  
Amazon

Entre rimas e versos, você é convidado a realizar um lindo passeio pelas regiões brasileiras. Vamos refletir sobre a Cultura Popular e os elementos que compõem esse conjunto de saberes.

[HTTPS://WWW.AMAZON.COM.BR/UM-PASSEIO-PELO-FOLCLORE-BRASILEIRO-EBOOK/DP/BO8G84Y16M/REF=MP\\_S\\_A\\_1\\_1?DCHILD=1&KEYWORDS=SHAMARA&QID=1598493309&SR=8-1](https://www.amazon.com.br/um-passeio-pelo-folclore-brasileiro-ebook/dp/BO8G84Y16M/ref=mp_s_a_1_1?dchild=1&keywords=shamara&qid=1598493309&sr=8-1)

Correio- Adquira o seu exemplar acompanhado de uma carta escrita pela autora Shamara Paz.



E-MAIL: SHAMARA\_PAZ@HOTMAIL.COM

IG LITERÁRIO:

[HTTPS://INSTAGRAM.COM/BIBLIOTECA\\_DEUMAPROFESSORA](https://instagram.com/biblioteca_deumaprofessora)



## Conto

Viajar no tempo é fácil, o difícil é encontrar alguém para tomar conta do seu gato enquanto isso. Deixei a Chris (diminutivo de Ágata Christie) em um hotel pet que me cobrou 500 reais novos por um mês, adiantados. O leitor inteligente deve estar se perguntando por que eu não volto da viagem temporal no dia seguinte, ou mesmo no minuto seguinte. Bom, um mês evita cruzar as linhas temporais. Sim, nunca cruzar as linhas, caro leitor, nunca cruzar as linhas senão... Puff!

Creio que ainda não expliquei ao curioso leitor, como o Berço temporal americano veio parar em minhas mãos.

Afinal, seria bem difícil acreditar que um aparato tão caro e de altíssima tecnologia (baseada em conhecimentos extradimensionais, dizem) tenha ficado na posse de um humilde escritor como eu (embora criativo, competente, rico e famoso, como o amável leitor bem sabe). Contarei esta história rapidamente, dado que não tenho muito tempo antes de cair no... Tempo.

Tudo começou com o Major (claro!). Como todos sabem, em sua viagem para os tempos de Maomé, a fim de acompanhar o profeta em sua jornada, o Major percebeu que o Berço poderia ser uma arma fatal, na medida em que pequenas mudanças no passado

provocam enormes mudanças no futuro. Concluindo que essa arma não deveria continuar de posse do governo americano (e muito menos do governo Israelense, que pretendia deletar Nietzsche de nossa trilha temporal), o corajoso Major planejou uma jogada de mestre a fim de ficar com o Berço sem que ninguém percebesse.

O Major usou, basicamente, o paradoxo do avô com o Berço (embora até hoje, eu não entenda por que tem que ser o avô, dado que matar o pai ou mesmo o filho também serve). Viajando para encontrar Sarah Connor, a primeira cientista que acessou o conhecimento extradimensional para viagens no tempo, o Major a convidou para dar uma voltinha no Berço e a deixou, se não me engano, em cerca de 1860 A.E.C em Ur dos Caldeus. Ou seja, a mãe do Berço sumiu de nossa trilha temporal e o Berço nunca foi construído pelos americanos. Mas, dado que isso implica em paradoxo, todos sabem que a solução é o aparecimento de nova trilha temporal. Nesta trilha, o Berço ficou com o Major, e os americanos agora não tem a menor ideia de sua existência. E dizem que Sarah Connor casou-se com Abraão sendo que, anos depois, usou seus conhecimentos de inseminação artificial para engravidar de Isaque.

E então, de posse do Berço, o Major dedicou o resto de sua existência tentando consertar os grandes erros da humanidade ao longo da História, das grandes guerras mundiais ao Orkut, mas parece que não teve muito sucesso. Bom,

pelo menos ele evitou o mandato Kennedy (sim, ele foi o segundo atirador) que teria levado à terceira guerra mundial, como todos sabem. No fim, cansado e frustrado, o Major se recolheu à sua mansão secreta em Quetzal-Pichu, como já relatei no PMT II. Lá, ele escondeu o Berço em uma caverna, que dizem se comunicar com uma rede de túneis que alcançam as Sete Cidades de Agarthá. Depois de sua morte, habitantes de uma dessas cidades, se não me engano chamada de Agarthachristiebhagalpur, se apossaram do Berço e o depositaram no templo da deusa Gata-Mãe.

Mas, como o Berço afinal ficou comigo? Calma, querido leitor, logo chegaremos lá. Anos se passaram, e apenas eu sabia do Berço (graças aos manuscritos que o Major me confiou). Ao longo desse tempo, foi paulatinamente revelado na Internet, que os discos voadores não eram extraterrenos, mas sim aeronaves nazistas. E todos sabem que os últimos nazistas fugiram para as Sete Cidades de Agarthá, que não estão dentro da Terra Oca, como alguns falsos ufólogos proclamam, dado que as aberturas para a Terra Oca foram fechadas há muito tempo pelos velociraptors inteligentes que lá habitam.

Segundo os manuscritos, o Berço seria minha herança, desde que eu continuasse a missão do Major de destruir o Orkut. Assim, resolvi tomar posse do artefato, contatando um nazista amigo da minha ex-namorada. Ele me encaminhou para uma das várias células

nazistas dentro de um partido bem conhecido, que por fim entraram em contato com um piloto de disco-voador baseado na Serra do Roncador. Daí em diante foi fácil: o piloto me pegou no quintal de casa e então aceleramos em direção à Agarthachristiebhagalpur (de quebra demos carona para aquele doutor homeopata vegetariano que escreveu A Sociedade Planetária).

O último trecho da viagem foi duro. O túnel que saía do Mato Grosso se estendia até a cordilheira dos Andes e fizemos o trajeto a pé (o disco voador ficou sem combustível na altura de Nova Mutum-MT). Foram longos dias de caminhada no escuro, comendo apenas morcegos fritos e peixes cegos. A água acabou no meio do caminho, e tivemos que nos contentar com nosso estoque de Pepsi Cola. Mas, eu estava animado e convicto, pois sabia que o Berço e todo o seu poder me aguardavam. Infelizmente, o fato de que meu guia era nazista, me impediu de concretizar o plano de usar o Berço para deletar Hitler da História. Se eu o fizesse, um novo paradoxo surgiria, cujas consequências não poderia prever.

Mas, finalmente chegamos. A cidade era magnífica, com altos templos encravados na rocha, dedicados a deidades hindus. Suásticas girando à direita e à esquerda enfeitavam todos os tapetes de boas-vindas nas residências. Flores de Lótus boiavam em pequenos lagos tranquilos, à beira dos quais, Brâmanes serenos meditavam. Castelos banhados a ouro apareciam na periferia da cidade, que depois, descobri ser uma

espécie de condomínio fechado. Infelizmente, a beleza dos prédios contrastava com a miséria dos sem-teto (90% dos habitantes) e com as roupinhas indianas puídas, que as crianças de rua usavam. Bom, eu sempre achei que o sistema social ariano de castas, realmente ficava longe de um Welfare State.

Meu guia e piloto, que por acaso se chamava Adolf, levou-me então ao templo onde estava o Berço. Até ali, ele era amigável, mas, sem saber, eu estava por um fio de ser torturado. Afinal, apenas eu sabia a senha para dar partida ao Berço. Estava em uma sinuca de bico, mas tinha um plano. Eu sempre tenho um plano, normalmente perspicaz e bem-sucedido, e não seria desta vez, que esses nazis iriam me pegar. Afinal, o que Indiana Jones é na ficção, eu sou na vida real (eu levava meu chapéu de caçador e meu chicote). O único perigo era que eu teria que emaranhar linhas temporais.

Enquanto contemplava o Berço, chegou a patrulha nazista, toda metralhadoras e pistolas P.38. Adolf bateu continência ao que seria o Coronel das SS encarregado de ativar o Berço. Eles apontaram as armas para mim e o Coronel, num portunhol com sotaque, exigiu que eu revelasse a senha. Neste momento meu plano deu certo. Surgido do nada, outro Berço apareceu ao meu lado e um outro eu me puxou para dentro. Ali eu estava seguro, mas lá fora, o cruzamento das linhas temporais produzia uma enorme explosão extradimensional, derrubando o templo sobre os nazistas.

Viajamos em seguida para um mês antes, para o mesmo local e meu eu futuro me deixou ali. Subi no Berço, ativei a senha e decolei rumo ao futuro, onde pousei ao meu lado, que estava cercado pela tropa nazista. Puxei meu eu passado para dentro, voltei um mês no tempo, para o local do Berço, no templo da Gata-Mãe, e o deixei ali para ativar o Berço. Em seguida, rumei para minha casa, peguei algumas coisas importantes como exemplares dos meus livros e algumas roupas. Dei uma passadinha no hotel Pet e fui recebido com alegres miados pela gata Christie. Sabendo que os nazi não iriam desistir, fugi o mais rápido possível para um esconderijo em Jardinópolis-SP. Este local, eu havia escolhido um mês atrás quando estava fazendo meu plano de como arrancar o Berço dos nazistas. Em viagens no tempo, tudo é uma questão de timing.

O leitor intrigado poderia perguntar se além de viajar no tempo, o Berço viaja no espaço. Bom, isso é óbvio, pois a tecnologia antigravitacional é um brinquedo, perto da tecnologia extradimensional temporal. Passei zunindo e brilhando sobre os céus de Jardinópolis, até mergulhar num lago, que dava entrada para a caverna secreta debaixo da minha nova mansão (caverna

que é pelo menos duas vezes e meia maior e mais moderna que a Batcaverna, caso ela existisse). Escondido na mesma, pus-me a elaborar um novo plano para finalmente poder ficar com Cristina, uma verdadeira mulher-gato que conheci na trilha temporal do PMT XXVIII (sim, tive que voltar no tempo para realizar o plano).

O leitor cético pode se perguntar que provas eu teria dessa história. Pois bem, eu tenho uma completa prova material. O prefeito de Jardinópolis, impressionado com meu sobrevoo, acreditou estar vendo um OVNI e erigiu um monumento em forma de disco-voador na entrada principal da cidade. Quem conhece Jardinópolis sabe disso, mas para o leitor em dúvida, apresento uma prova fotográfica fidedigna no final deste relato.

E quanto à minha missão de destruir o Orkut? Sim, posso dizer que fui bem-sucedido, como talvez já saibam os leitores desta trilha temporal. Basicamente fiz o seguinte: voltei no tempo e engravidei a mãe de Mark Zuckerberg e, com sucessivas viagens temporais, orientei o menino durante toda a sua vida, dando-lhe ideias e sugestões sobre redes sociais. O resto da história vocês já sabem.

**B. B. Jenitez** é o pseudônimo de Osame Kinouchi Filho. Natural de Araraquara - SP, é professor livre-docente no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Publicou *O Beijo de Juliana: quatro físicos teóricos conversam sobre crianças, ciências da complexidade, biologia, política, religião e futebol...* (2014) pela Multifoco e *Projeto Mulah de Tróia* (2016) pela Drago Editorial. Participou de várias antologias: *FCdoB-2010/2011* (Tarja Editorial), *Solarium 3* (Multifoco), *Galáxias Ocultas* (Editora Illuminare), *Teslapunk 3* (Cavalo Café), *Antologia Asimoviana* (Arkanus Editorial), *O grande Livro da Ficção Científica* (Madrepérola), *Estrelas Inalcançáveis* (LN Editorial), *O espantoso mundo da Antecipação* (Elemental Editoração) e *Almas Fabricadas* (Madrepérola). Também é colaborador da Revista *Conexão Literatura*.



# A SOLIDÃO DE UMA RAINHA

POR ROBERTO SCHIMA

## Conto

---

### PRÓLOGO

*O incrível encanto de quem  
encanto não quer demonstrar.  
A suave beleza de quem  
nada pretende aparentar.  
Sob o véu de ténue indiferença  
Há a semente somente.  
E, só, mente  
de um amor que não se quer ver  
apenas sentir a experiência de ser.  
(Frisch)*

### 1 - PREPARATIVOS NUPCIAIS

O Sol raiava por trás das colinas, fazendo destacar seus contornos em uma

moldura dourada. A brisa soprava de longe, trazendo o perfume das flores silvestres que, em breve, abrir-se-iam. O odor úmido do orvalho da madrugada ainda pairava no ar, fazendo emergir memórias que não lhe pertenciam.

A soberana fitou os campos, observando as leves ondulações da relva. Inspirou profundamente o aroma e sentiu-se renovada. As últimas estrelas cintilavam no céu, acompanhadas de Vênus, a estrela matutina que, na realidade era um planeta. Porém, ela não sabia disso, assim como suas súditas, de modo que apelidavam-na de "Estrela Rainha" por ser o astro mais brilhante depois do Sol e da Lua. Era um raro momento de paz em seu reino, e ela

pensou como seria o mundo se todos pudessem viver sempre assim, sem os dilemas diários de vida e morte que ensombreciam e ameaçavam o reino. E como seria se, em tempos de paz, a sua sociedade não fosse dominada por uma rigidez cruel, desapiedada e implacável.

Meneou a cabeça e pensou consigo:

"Apis, sua boba sentimental. Não é assim e jamais será. Essa mesma inflexibilidade permitiu-nos sobreviver onde tantos outros fracassaram. Em vez de divagações sobre tranquilidade e alegria, devo concentrar-me nas minhas obrigações e nas batalhas que teremos de enfrentar."

Como Rainha, Apis poderia tê-lo dito em voz alta, todavia, não faltavam ouvidos em seu reino. Ela bem o sabia: soberana ou não, seria abandonada a própria sorte por seu povo ou até assassinada ao menor sinal de fraqueza.

A coletividade sempre o exigira:

O bem maior de sua maioria.

A bela e eterna sociedade.

Onde muitos eram um.

E sempre o seriam.

De súbito:

— Vossa Alteza...

A Rainha Apis sobressaltou-se. Não se dera conta da aproximação de sua comitiva real. Censurou-se ante o descuido. Lá estavam elas: suas criadas, suas serviçais, suas guardas... suas filhas. Não tinham nomes e nem haveria necessidade, já que seus tempos de vida eram tão curtos. E, ainda que lhes tivesse dado, não teria tempo ou memória para recordar-se. Tampouco poderia dar-se ao luxo de afeiçoar-se a qualquer uma delas ou de quem quer que fosse. "Ah, se a prática fosse tão simples quanto a teoria..." Assumiu uma fisionomia severa.

— Da próxima vez, anunciem-se na entrada antes de chegarem tão perto de mim — advertiu.

As serviçais tremeram.

— Sim, Vossa Alteza — responderam em uníssono.

Aquela que primeiro se manifestara tornou a falar:

— Aqui está o vosso alimento. — E ergueu a taça.

A Rainha Apis apanhou e provou do alimento real sem demonstrar qualquer prazer. Estava farta daquele gosto e viscosidade em sua monótona gastronomia. Deixou-se ser arrumada pelas criadas que, inquietas, moviam-se ao seu redor, cuidando de sua aparência e limpando seus aposentos. Deixavam-na glamurosa para o momento que estaria por vir. Por mais absurdo que fosse, sob as nuvens sombrias da guerra, a soberana precisava se preparar para as próprias núpcias.

"A orgia da carne que antecede a orgia do sangue!"

Tratava-se, antes de tudo, de uma obrigação política. Essencial, na verdade.

Ela haveria de cumpri-lo a contento. Mas, em seu coração, esperava que o vencedor fosse Frisch.

"Meu Frisch!"

Por mais que a morte fosse tudo o que aguardasse os vencidos... e o vencedor.

Num misto de ansiedade, desejo e temor, ela disse:

— Estou pronta.

## 2 - O INÍCIO DA COMPETIÇÃO

Milhares de súditas entre as sessenta mil do reino cercavam a Rainha Apis.

Poderia ser tanto uma homenagem, quanto para a sua segurança. Em verdade, porém, certificavam-se de que a soberana cumpriria suas obrigações reais para o bem de toda a colônia.

Se não era fácil ser criada, tampouco o era ser Rainha.

Havia uma expectativa eletrizante no ar. Todas podiam senti-la percorrer seus corpos. Era uma das ocasiões mais importantes, pois representava o futuro do Reino de Própolis.

Como não poderia deixar de ser, a soberana estava soberba e exalava feminilidade por todos os seus poros. Possuía quase o dobro do tamanho de suas operárias e seu tempo de vida era em torno de quarenta vezes maior. Todavia, conforme dizia o antigo ditado, quanto maior os poderes, maiores as responsabilidades. E a Rainha Apis estava prestes a cumprir uma delas, talvez a mais penosa, posto saber o que se seguiria.

O cortejo acompanhou-a até a abertura para o exterior.

— Salve a Rainha Apis! — gritava a multidão ensurdecidamente. — Salve a Rainha Apis!

Ela acenava a todas, sem vê-las de fato. Seus pensamentos estavam em Frisch.

Na saída de sua fortaleza, a soberana tornou a admirar a manhã dourada. Mas estava completamente concentrada dessa vez.

Bela.

Sensual.

Deslumbrante.

— Afastem-se! — ordenou.

As mais próximas obedeceram prontamente.

A Rainha Apis inalou o ar o mais que pôde e estendeu os dois pares de suas magníficas asas reais. Elas refletiram e refrataram cintilações iridescentes, provocando exclamações admiradas. Em seguida, alçou vôo o mais velozmente que pôde, acima das copas das árvores e mais além. Regozijou-se por, apesar da longa inatividade em seus aposentos reais e, principalmente, nos berçários, as asas cumprirem bem o seu papel. Sentiu-se livre feito uma semente de dente-de-leão e, ao menos isso, era bom demais. Atrás de si, foi deixando um irresistível rastro de feromônio.

Em Própolis, todos *eles* aguardavam impacientes.

Eram maiores e mais robustos que as súditas.

Encontravam-se no apogeu de suas vidas.

O momento era a sua razão de existir.

Estavam consumidos pela volúpia.

— Depressa! — urravam feito bestas selvagens no cio.

— Atenção! — gritaram as súditas em coro. — É um... É dois... É três... AGORA!

Então, a um troar de trombetas, os mais de trezentos machos da colônia também partiram numa multidão alvoroçada e altamente competitiva em perseguição à soberana. Estavam completamente cegos pela excitação a ofuscar-lhes as mentes. Só enxergavam imagens carnis. Uma ânsia de brutos. Aquele que primeiro conseguisse alcançá-la, teria a alegria de ver seu desejo satisfeito e a honra de copular com a Rainha Apis e, assim, perpetuar seu gene. Fariam amor sem amor numa ejaculação duradoura, abundante, o êxtase supremo, primeiro e último ato de uma vida até

então regada a pão e mel nos aposentos confortáveis da fortaleza. Sim, a vida era um deleite para os machos, acreditavam.

— Lá se vão os vagabundos — comentou sem esconder o alívio, uma das laboriosas operárias da Rainha. — Finalmente!

— Você viu aquele ali? Tão tarado... Não desprendeu os olhos do traseiro de Sua Alteza!

— Vi sim, menina, porém, o balofo vinha comendo tanto que, agora, mal consegue voar!

— Gozará pelo caminho! — E riu.

— Se tiver culhões para isso...

— Mas, agora, chega! Enfim, bocas a menos para alimentar. Não recebíamos nada em troca.

— Ah, mas receberemos, querida! Não seja injusta. Logo virão novos bebês... Milhares deles.

— Sim, sim, eu sei. Mais bebês para cuidarmos e aguentarmos a choradeira! Ou seja, mais trabalho e dor de cabeça para nós.

— Fale baixo, menina — preveniu. — Nós precisamos estar sempre contentes com nossas funções.

— Eu sei... Obrigada, irmãzinha. É que é só isso o que esses trastes deixarão. Não trabalham. Não se cuidam. Não sabem arranjar comida sozinhos... Temos que fazer tudo! Tampouco têm ferrão para ajudar-nos na defesa. Só servem para esse momento e, de todos eles, apenas um conseguirá. Ou seja, o resto não prestou para nada além de consumir nossas provisões. E ainda têm a regalia de viver duas vezes mais do que nós. Para quê? Não é justo!

— Não sei... Você preferiria o destino que recairá sobre eles em breve?

A outra refletiu e, ao final, teve de admitir:

— Tem razão, irmãzinha. Eu não os invejo... E os pobres diabos nem suspeitam.

— Por isso, quiete-se. As coisas foram feitas como deveriam ser. E isso já dura cem milhões de anos. É uma fórmula que deu certo. Triunfamos onde outros pereceram. Esse é o lema. Não devemos questionar. Ademais, eles não têm culpa de terem nascido machos. Não estava nas mãos dos não fecundados decidir.

Antes que a outra pudesse falar, a maioria começou a berrar:

— FECEM OS PORTÕES!

E puseram-se a vigiar todas as entradas e saídas de Própolis.

— Depressa! Todas aos seus postos!

Somente Sua Alteza Real poderia adentrar à colônia.

— Vamos lá, irmãzinha, ao trabalho!

— Trabalho, trabalho... sempre trabalho.

— Olhaaa...

— Eu sei, eu sei...

Própolis foi lacrada.

Logo, as súditas mais experientes puseram-se em guarda.

### 3 - FRISCH

Enquanto isso, nos ares, a competição prosseguia acirrada.

A Rainha Apis sentia a aproximação daqueles brutamontes impulsivos, contudo, inexperientes.

O vôo nupcial não lhe era um evento desconhecido. Já procedera a outros e sabia como começaria e a forma que findaria, entretanto, nesse intervalo

de tempo, tivera a oportunidade de conhecer Frisch...

Frisch, o forasteiro, nascido em alguma outra fortaleza mais ao sul, segundo falara. Frisch, o aventureiro virgem que, dizia, procurava uma soberana especial a quem pudesse entregar a sua semente. Frisch, o galanteador, que desejava oferecer-se de corpo e alma a uma Rainha que soubesse roubar-lhe não somente a vida, mas também seu coração. Frisch, que enamorara-se pela bela Rainha Apis tão profundamente quanto esta sentiu por ele algo que jamais julgara possível ocorrer.

Ainda que não soubesse trabalhar, ele mostrava-se solícito.

Embora sem saber se alimentar, tranquilizava o sono dos bebês.

Apesar de levar uma boa vida, dedicava-se a auxiliar as mais velhas.

Não obstante sua juventude, fazia a Rainha Apis sentir-se uma donzela.

"Espero que seja você, meu doce e ingênuo Frisch", pensou ela, prosseguindo seu agitar frenético de asas. "Que o nosso amor de alguns instantes possa valer até o restante de minha própria existência."

Ela refletiu inadvertidamente sobre o futuro imediato e, tomada de melancolia, perdeu velocidade.

Pôde ouvir o bater de centenas de asas, o zumbido cada vez mais forte. Sentiu o odor maciço de masculinidade a explodir de hormônios e luxúria carnal. Arrepiou-se toda. Acelerou, efetuando vôos sinuosos e por entre as copas das árvores e seus ramos, a fim de despistar os mais fracos e distraídos.

"Não facilitarei nada para vocês, ganhões! Desejam acariciar meu corpo, possuir-me em seus braços, despetalar

minha flor até alcançarem o próprio êxtase. Pois eu também almejo o prazer. Sinto sede de sedução. Porém, somente aquele que mostrar-se digno o suficiente será merecedor do prêmio que ora me tornei. Venham! Até mesmo eu, a soberana suprema do Reino de Própolis, não posso violar a lei escrita a ferro e fogo no pergaminho de nossas almas."

Desviou-se habilmente dos galhos.

Deleitou-se diante do aroma das flores.

Continuou a voar e a ouvir a turba esfaimada.

Ao descrever uma curva, atreveu-se a olhar para trás.

Para alguém despreparada — como ela fora em seu primeiro vôo do gênero —, tratava-se de uma visão assustadora — uma "nuvem" viva, escura e tenebrosa vindo em sua direção —, pior do que se avistasse um milhão de aranhas esfaimadas prestes a abocanhá-la.

Escutava as expressões obscenas.

Percebia o aproximar da horda perversa.

Tornara-se a ilustração maior de um delírio erótico.

Sentiu-se um objeto sexual, um punhado de pólen e mel a ser deglutido de forma lambuzada. Se isso não a ofendeu, tampouco lisonjeou. Era a Sua Alteza Real Soberana do Reino de Própolis Rainha Apis! Mas também fazia parte de uma peça na qual se via obrigada a representar seu papel.

"E não somos todos objetos, pequeninas peças em prol do organismo maior de nossa coletividade, nossa fortaleza, nossa colônia, nossa colméia? Interesses pessoais não têm importância. Nossa existência enquanto indivíduo é irrelevante. Nosso propósito é o grupo, a irmandade, o todo."

Ainda assim, continuava a perturbar-lhe a determinação de ter de fazer amor com um de seus próprios filhos, pois assim o era a quase totalidade de seus perseguidores. "Somos frutos de um incesto milenar". E, por isso, fazia suas preces à divindade do mel para que o vencedor fosse o seu amado e querido...

— Frisch! — gritou ela logo após contornar um ramo.

Ele sorriu, embora visivelmente esbaforido.

— Quem mais seria? Pretende ir a algum lugar, Alteza?

E, antes que ela pudesse responder, Frisch tomou-a em seus braços, na mesma medida em que centenas de contendores cercaram-nos. Todos atônitos diante do que viram.

Antes que pudesse consumir o ato, o vitorioso Frisch bramiu aos adversários:

— Ei, gente, poderíamos ter um pouco de privacidade?

E, sem esperar resposta, disparou para longe, abraçado à Rainha Apis.

A soberana não podia acreditar. Não seria surpresa se explodisse, tamanha era a sua felicidade. Sua ansiedade terminou e ela entregou-se aos instintos que a consumiam, agarrando-se a ele. Pousaram sobre uma roseira, procuraram a flor mais bonita e acomodaram-se dentro dela. Foram envolvidos pelo perfume adocicado. Seria um leito nupcial bastante apropriado aos amantes. Conversaram, riram, tocaram-se, beijaram-se e entrelaçaram seus membros, usufruindo as delícias das preliminares. Cada apalpada de Frisch — ora sutil, ora atrevida — excitavam-na e ela sentia-se umedecer por dentro.

— Eu queria tanto que este momento nunca acabasse — sussurrou a Rainha num desabafo.

— Não terá fim enquanto permanecer viva em suas recordações — disse ele, afagando suas antenas de encontro as dela.

— Às vezes, desejaria que as coisas fossem diferentes — confidenciou, o que, em outras circunstâncias, seria uma falta tremenda —, contudo, nosso mundo não é assim.

— O mundo por si nunca fará a diferença. Cabe a nós torná-lo diferente.

— Como?

— Seus pensamentos revolucionários são o princípio, minha bela Alteza. Cuide de sua segurança no cárcere de seus deveres, mas, no paraíso de sua mente, permaneça livre para voar e, quem sabe, algum dia encontrará as respostas que procura.

Ela agarrou-o mais forte, desejando prolongar seu primeiro e derradeiro encontro com Frisch ao máximo. Percebeu pelos toques deles que o desejo o consumia tanto quanto a ela. Por fim, Frisch penetrou-a. Desajeitado a princípio, porém, rapidamente ganhando ritmo. Usufruindo. Saboreando. Tornando-se um com ela.

As estocadas eram brutas, urgentes e esfomeadas.

Os olhos de Frisch tinham se tornado vidrados.

A Rainha Apis deu-lhe uns tapinhas no dorso.

— Ei! Ei!... Devagar, meu querido — pediu. — Vou ensinar-lhe uns truques.

— Está bem — arfou ele, quase no clímax.

E ela mostrou-lhe como fazer gentilmente, desfrutar a delícia da jornada

e não apenas a satisfação da chegada. Morno. Molhado. Vibrante. Toda vez que Frisch estava prestes a atingir o orgasmo, a soberana tirava-o de dentro de si e trazia-o à razão. E o jogo ritmado de carícias recomeçava. Embriagado de luxúria, pulsando nas partes baixas, ele implorou:

— Não posso mais... Eu preciso!

— Ah, então venha... Venha!

Ele arremeteu, selvagem.

Urrou repetidamente.

Quando a Rainha Apis sentiu o volume de Frisch escorregar para dentro dela, intumescido e rijo, vibrou de prazer e seus gemidos agudos ecoaram por entre as aveludadas pétalas da rosa. "Ah, delicioso Frisch! De todos os amantes, você é o único realmente querido. Fantasiei que me possuía desde que me foi apresentado. Agora, aqui estou tal qual uma bacante. Você em mim, e suas mãos a percorrer minha intimidade." Os movimentos cadenciados de Frisch tornaram-se mais delirantes. Subitamente, a soberana sentiu ser inundada por dentro. Ela própria viu surgir diversas cintilações diante de seus olhos a medida em que atingia o ápice. Seus gemidos transformaram-se em gritos. E, por um segundo, imaginou-se retornar no tempo, à visão das derradeiras estrelas no céu matinal. Depois, todo o tremor e rigidez de seu corpo e membros cedeu lugar ao relaxamento. Seu abdômen estava repleto. E, em meio à respiração ofegante, a imensa alegria foi substituída pela tristeza do porvir diante do conhecimento sobre o que se seguiria.

Como se lesse seus pensamentos, Frisch retirou-se de dentro dela e sussurrou-lhe carinhosamente:

— A eternidade em um segundo e um segundo pela eternidade. Não se esqueça de mim, minha nobre Apis. Eu continuarei a viver... em você!

E partiu veloz.

— Frisch!

Foi-se sem dar oportunidade à Rainha Apis de matá-lo... Matá-lo? Exatamente. Teria sido um fim digno e rápido. O derradeiro gesto de amor... Amor? Sim, por mais que o coração protestasse e desejasse que tudo fosse diferente, amor.

Ela perdeu-o rapidamente de vista. Cansada, ficou a observar a relva e as árvores distantes, depois, voltou-se para as rosas ao redor e a rosa na qual pousara.

— Oh, meu jovem Frisch! Que destino cruel espera por você agora? Voará a esmo pelos campos, incapaz de alimentar-se, e perecerá de inanição em meio às folhas secas? Ou será devorado por algum pássaro, escorpião ou outra terrível criatura? Por que não ficou? Adeus, meu amado Frisch! Não, eu não o esquecerei. Eu estou em você; e você, em mim.

Sim, ainda podia sentir a ânsia de suas estocadas...

... e a viscosidade que, por baixo, escorria.

As futuras gerações estavam garantidas.

A Rainha Apis demorou algum tempo até abandonar a roseira e retornar à Própolis. Sabia o que estava prestes a acontecer e, ao menos dessa vez, não queria macular a memória daquele encontro presenciando um massacre.

#### 4 - O MASSACRE

Os machos perdedores, frustrados, desorientados e lascivos a princípio, retornaram à fortaleza decididos a acasalarem-se com a primeira operária que vissem pela frente. A necessidade premente de aliviarem-se quase tirava-lhes a razão. O vôo havia sido extenuante. Não estavam habituados a tamanha atividade e, sim, a ficar em seus alojamentos, sendo limpos, servidos e alimentados pelas obreiras.

— Caramba! Esse vôo abriu-me o apetite!

— Me engana que eu gosto... Você está sempre de apetite aberto!

— É verdade, mas agora que perdi a Rainha, eu seria capaz de devorar um favo inteiro.

— Pense em comida o quanto quiser, gordão. Meu apetite continua outro. Tô com vontade de pegar uma das meninas. Uau!... Ainda sinto o perfume da Rainha... Isso me enlouquece!

— Você sempre foi meio ninfomaníaco.

— Eu diria ninfomaníaco e meio!

Outro intrometeu-se na conversa:

— Vou pegar nem que seja uma babá!

— Ahá, gosta de ninfetas...

— Estou apurado!

— De que adianta, são estéreis!

— E não são todas? Ora, miolo mole, olha pra minha cara. Estou lá pensando em procriação?

Os zangões mais próximos riram e riram, a medida em que se aproximavam da colméia. Como desciam das alturas, não obstante o cansaço, o retorno foi bem mais fácil. E o vento colaborava. A maioria era da mesma opinião do pervertido, entretanto, o vôo abriu-lhes também a fome, o que os motivava a retornar mais depressa para casa. E

quanto mais perto chegavam, mais forte tornava-se o odor de mel.

— Lá está Própolis!

— Eba... Mel!

— Opa... Sexo!

Entretantes, qual não foi a surpresa de todos os trezentos ao depararem-se com as aberturas seladas com própolis e cera, ou fortemente guardadas pelas fêmeas mais experientes, que assumiram seus papéis de soldado, defensoras de Própolis.

— O que está acontecendo? — perguntou o gorducho. — Deixe-nos entrar!

— Vocês já cumpriram a missão pela qual foram criados — falou a líder de um dos pelotões. — Não têm mais utilidade para nós. Sumam daqui!

— Sumam daqui! Sumam daqui! SUMAM DAQUI! — gritaram as demais, num coro sibilante.

O mais fofo dos zangões, insistiu:

— Mas nós não conseguimos obter nosso alimento. Não dispomos de ferrões. Não sabemos o que fazer! E quanto ao frio da noite? E a chuva?... Não sobreviveremos!

— Sumam daqui! — repetiram uma última vez.

— Eu tenho fome!

Os machos mais tímidos ficaram aguardando, pousados em ramos, no mato, nas folhagens próximas. Porém, os mais insistentes, insultados, famintos e, de fato, amedrontados, formaram bandos e procuraram forçar a passagem.

A barricada das fêmeas prontamente iniciou um inesperado e temível ataque. Liberando feromônio de alerta, elas colocaram toda a colméia em estado de emergência. Embora menores que os machos, eram mais ativas e hábeis. E possuíam um ferrão

envenenado que, em ataque a outro inseto, geralmente não era perdido, o que as permitia golpear e golpear até matar o oponente. Ademais, contavam com suas mandíbulas para morder, rasgar e cortar. Quão laboriosas, dedicadas e cumpridoras de seus deveres elas eram. E, também, quão determinadas, terríveis e sanguinárias poderiam ser!

— O que é isso, garotas? Nós somos de boa paz!... PAREM!

Os machos preguiçosos não foram páreos diante daquelas incontáveis amazonas.

O gorducho foi o primeiro a ser alcançado. Perdeu parte de seus membros e, finalmente, a cabeça.

Outros seguiram destino semelhante, tendo seus membros decepados, asas arrancadas, ou decapitados. Aqueles que foram envenenados, pouco depois despencaram em meio aos corpos esquartejados, agonizando até o doloroso fim.

— Não!

— Por favor!

— Deixe-me viver!

— Nós somos inocentes!

Súplicas, lamúrias e lágrimas foram ignoradas.

As guardas realizavam suas tarefas com uma frieza amedrontadora. Não havia rancor naquilo que faziam. Era somente um trabalho a ser desempenhado com a melhor eficiência possível, consoante sua espécie sempre fizera no decorrer de milênios.

A chacina prosseguiu metodicamente.

Tomadas pelo frenesi, mais e mais guardas emergiram por entre os favos e partiram sedentas para o ataque. Lutavam até em pleno vôo, atacando numerosas e repetidas vezes cada zangão, fazendo-os

caírem. Uns poucos desesperados conseguiam apanhar o pescoço de uma operária desprevenida e cortar-lhe a cabeça ou rasgar-lhe uma das asas. Todavia, tratavam-se de vitórias efêmeras, pois logo eram trucidados por dezenas de outras numa fúria avassaladora.

Certas operárias, mais impetuosas, enterravam seu ferrão tão profundamente no corpo da vítima que as farpas mantinham-no preso. Quando isso ocorria, ao tentarem se libertar, perdiam o ferrão e parte de seus órgãos, e assim, mutiladas, morriam algum tempo depois.

Os machos mais covardes e desengonçados, prontamente eram abatidos. Outros, ao fugir, perdiam-se na mata, escapando de um fim rápido para perecer de fome ou frio. Se tivessem sorte, terminariam no bico de um pardal ou na língua grudenta de um sapo.

Corpos e mais corpos acumularam-se aos pés das muralhas do Reino de Própolis.

Ao final, no interior da colméia, restaram os zangões mais preguiçosos de todos, que sequer tinham participado do vôo nupcial. Estes foram humilhanamente arrastados e exterminados antes sequer de sentirem o frescor da relva.

Finalmente, as súditas festejaram.

— Um, dois, três...

— VIVAAA!!!

E repetiram isso diversas vezes.

Trezentos e vinte e cinco zangões foram assassinados. Quarenta e três conseguiram escapar. Vinte e uma obreiras perderam a vida.

Tudo dentro da normalidade.

— Vocês aí! — apontou e gritou uma das guardas mais velhas, abatida e

sem um dos braços, mas ainda vigorosa.  
— Reúnam o pelotão de limpeza e levem toda essa sujeira para longe daqui antes que Sua Alteza retorne... Depressa!

— Sim, senhora! — gritaram em unísono.

Quando tudo parecia ter terminado e o alívio tomava conta de cada uma, ouviu-se um grito distante.

Uma babá assustada surgiu de dentro da colméia, através de uma das aberturas anteriormente lacrada e berrou:

— Ladrões!... LADRÕES!  
Estamos sendo atacadas pelas carregadeiras da Rainha Mellifera!

## 5 - O REINO VIZINHO

A poderosa Rainha Mellifera.

Diziam que seus olhos cintilavam fogo.

Que forjaram suas mandíbulas em ferro fundido.

Que seu coração era feito de um enorme bloco de gelo.

Majestade Real e Monarca do Reino Dourado de Lepeletier.

Sua fortaleza situava-se em torno de oito quilômetros a nordeste de Própolis. Era maior, mais antiga e mais bem armada do que a da Rainha Apis. Contava oitenta mil habitantes, a maioria constituída por guerreiras excepcionais em razão do sangue que lhes corria nas veias. Havia mais de seis décadas, uma fusão ocorrida com uma estirpe africana trazida por humanos e inadvertidamente solta deu origem às ancestrais das lepeletierianas. Eram mais ferozes, mais fortes e seu veneno possuía maior quantidade de toxinas.

Em face da redução do número de flores, a disputa pelo precioso pólen e

néctar tornara-se cada vez mais ferrenha, levando a crescentes hostilidades entre as duas colméias, cada vez que suas batedoras se encontravam. Quase sempre, eram as obreiras da Rainha Mellifera que invadiam o território vizinho. E, no confronto, sempre levavam a melhor.

Embora fosse mais forte, Lepeletier esquivava-se de uma guerra declarada. A vitória, apesar de certa, seria conquistada ao custo de dezenas de milhares de vidas de ambos os lados. Então, enfraquecida, a Rainha Mellifera e sua corte seriam igualmente presas fáceis para qualquer outra colméia rival. Por isso, suas servas agiam através de escaramuças, emboscadas isoladas, táticas de intimidação e, como no caso presente, roubo. E jamais a monarca híbrida assumiria a culpa, alegando tratar-se de atividades isoladas e não autorizadas.

Aproveitando-se da cerimônia do vôo nupcial da Rainha Apis e subsequente massacre dos machos, batedoras híbridas de Lepeletier fizeram um orifício numa parede desguarnecida de Própolis. Agora, centenas delas saqueavam mel e pólen dos alvéolos expostos. Pior, ao invadirem os berçários, eliminaram as babás de plantão e assassinavam sistematicamente tantos bebês quanto podiam, enfraquecendo a geração vindoura.

As operárias da Rainha Apis reagiram.

— Agrupem-se! Vamos à luta! Cerquem-nas por fora e nós iremos por dentro... RÁPIDO!

— Depressa, irmãs! As provisões estão em perigo.

— Provisões? Estão matando nossas crianças!

— Miseráveis! Vamos acabar com as bandidas ao preço de nossas vidas.

— VAMOS!

Foi um conflito terrível.

Milhares se mobilizaram.

Uma única guerreira da Rainha Mellifera era capaz de abater cinco ou dez guardiãs de Própolis.

O melhor recurso das súditas da Rainha Apis era juntar um grupo numeroso, fincar suas mandíbulas nas patas e asas da adversária, evitando a todo custo serem mordidas por esta e picadas por seu temível ferrão, e, então, esquartejá-la ou ferroá-la até dar cabo de sua vida. Cenas assim repetiram-se as centenas. E foi a vez das fêmeas estéreis da colônia sentirem as sombras da morte sobre suas cabeças. Novamente, cadáveres acumularam-se abaixo da colméia, compondo um cenário pavoroso.

Que lutadoras formidáveis eram as inimigas!

As defensoras do Reino de Própolis foram obrigadas a reconhecer.

Não demonstravam o menor temor diante do perigo. Eram de uma agressividade e espírito de luta formidáveis. Grandes combatentes, cruéis, impiedosas, obstinadas. Não se rendiam e tampouco imploravam por suas vidas, satisfeitas em morrer levando consigo o máximo de oponentes possível. Mas não se podia dizer menos em relação à coragem das operárias da Rainha Apis. Sua dedicação ao dever e espírito de sacrifício contiveram as oponentes. No final, devido ao número superior e às repetidas inoculações de veneno, as cidadãs de Própolis conseguiram matar as híbridas africanas. O Reino de Própolis venceu.

Só depois de concluído o caos, algumas das guardas perceberam alguém especial em meio às tropas. E saudaram simultaneamente, admiradas:

— Vossa Alteza!

Houve um burburinho geral de surpresa.

Afastaram-se da Rainha Apis a uma distância respeitosa.

Excetuando-se pela agonia daquelas mais feridas, o silêncio predominou.

## 6 - MENSAGEM VIVA

Elas estavam ofegantes.

Algumas mancavam.

Outras rastejavam.

Inacreditável.

Admirável.

Apis.

As moribundas foram mortas rápida, discreta e dignamente, a fim de calar seus gemidos e dar-lhes o merecido e honroso repouso.

— Vossa Alteza... — repetiu uma súdita que abrira passagem. Era uma das criadas pessoais da soberana, parte da comitiva real e aquela que censurara sua irmãzinha. Também participara da batalha. — A senhora poderia ter morrido!

Havia uma preocupação autêntica no tom de sua voz e em todos aqueles rostos exauridos.

A soberana retornava nostálgica para a sua fortaleza quando, ainda distante, sentira o feromônio de alarme emitido pelas filhas em luta e o odor inconfundível de veneno no ar. Tratara de acelerar e, ao aperceber-se da gravidade do que ocorria, não pensara duas vezes antes de participar do

confronto sob o risco da própria vida e das futuras ninhadas. Poucas Rainhas teriam feito isso e nem fazia parte de suas obrigações. Entrementes, apesar de não saber o nome de suas dezenas de milhares de filhas, a Rainha Apis possuía um instinto díspare: preocupava-se com o bem-estar de todas elas. Todavia, fora um descuido gravíssimo. Se seu ato fosse interpretado como debilidade, aquelas que foram o motivo de sua preocupação seriam a razão de sua morte... Agora, encontrava-se completamente exausta e ferida. O brilho de suas asas tornara-se opaco. Seu perfume dissipara-se. Seus sonhos se foram.

Felizmente, sentiu-se cercada pelo olhar admirado, orgulhoso e subserviente das sobreviventes.

Quase duas mil súditas — filhas — tinham ido de encontro à morte no cumprimento do dever.

Quantas perdas de seu próprio sangue uma governante — mãe — poderia suportar?

A grandeza da Rainha Apis assim se revelou no saguão de Própolis ao falar:

— O que posso dizer para todas vocês e aquelas que se foram? Nosso mundo é rígido, impiedoso e implacável... como nossos inimigos. Eu deveria meramente salientar que vocês cumpriram bem o seu papel, ordenar que retornassem ao trabalho e restaurassem aquilo que fora destruído. A seguir, retornaria aos meus aposentos reais para ser limpa, cuidada e bem alimentada. Mas... Como eu poderia ser dominada por tamanha frieza? Aqui, perante nossa divindade do mel e diante de minhas corajosas filhas, atrevo-me a afirmar em alto e bom som: um obrigado jamais será o bastante! Desmedida é a minha admiração e o meu reconhecimento a

todas que lutaram tão bravamente. E o meu pungente pesar pelas inestimáveis e preciosas vidas que se foram nesta trágica manhã para que todas nós pudessemos viver.

Por mais extraordinária que fosse tamanha quebra de protocolo, todas gritaram vivas à Rainha Apis.

Antes que a soberana desaparecesse no labirinto de favos e alvéolos da colméia, uma das guardas destacou-se da multidão.

— Vossa Alteza!

— Sim.

— Mil perdões por importuná-la. Nós... Hã... Fizemos uma prisioneira.

Seguiu-se o silêncio.

A Rainha ergueu sua cabeça.

— Prisioneira?

— Sim, senhora. As outras morreram, porém, nós achamos que ao menos uma delas poderia ser útil.

— Vocês acharam?

A Rainha Apis ficou intimamente surpresa. Suas filhas não foram programadas para terem iniciativa própria além daquilo que lhes era exigido pelo código genético. Toda a organização e eficácia de sua sociedade partia do princípio de que cada qual nascia com o seu destino predeterminado e a ele deveria atender e cumprir zelosamente, nada mais, nada menos. As operárias, cujo tempo de vida era de cerca de quarenta dias, eram subdivididas em batedoras, carregadeiras, guardas, engenheiras, babás, cuidadoras, faxineiras e demais funções dentro da colméia. E isso variava conforme a idade e a experiência. Entretanto, uma operária jamais seria Rainha e vice-versa. Um zangão nunca conseguiria ser guarda. E uma Rainha não sobreviveria se abdicasse de sua coroa. O indivíduo não

tinha nenhuma preponderância sobre a coletividade. A soberana perguntou-se se a estranheza de sua própria personalidade fora dos padrões não teria sido de algum modo transmitida a algumas súditas.

"Será possível?"

A prisioneira híbrida foi trazida. Estava completamente imobilizada por quase uma dezena de guardas. Em vez de temor, trazia ódio no olhar e uma expressão de desafio. Parte de sua mandíbula direita fora perdida e, ainda, uma das patas traseiras e a antena esquerda. Nada que a impedisse de ser, ainda, uma adversária mortal, especialmente por causa do ferrão e seu instinto agressivo. Tão agressivo que, ao ficar diante da Rainha Apis, tentou desvencilhar-se de suas carcereiras e avançar para a soberana. Foi detida e mordida repetidamente. Gritou antes de raiva do que de dor.

— Ela tentou atacar Sua Alteza!  
— disse uma das guardas.

— Devíamos tê-la matado de início, como falei — emendou outra.

— Segurem mais forte!

— Acabem com ela!

A Rainha Apis ergueu seu braço, pedindo silêncio.

— Antes de mais nada — falou.  
— Arranquem o ferrão dessa salteadora.

Fizeram o que foi ordenado, mutilando parte do abdômen da guerreira. Esta procurou demonstrar não sentir dor, o que, evidentemente, não era verdade. Sem sua arma, pouco ou nada poderia fazer.

A Rainha Apis aproximou-se da inimiga.

— Agora, você é menos que nada. Pelos órgãos arrancados junto com o ferrão, sua vida em breve cessará. Mas dou-lhe um último benefício: a liberdade.

— Mate-me de uma vez, ordinária!  
— vociferou a híbrida. — Sua Majestade Mellifera arrancará sua cabeça!... Meu único pesar é não estar viva quando isso acontecer.

Houve manifestações de indignação.

Tais palavras carregaram o peso de uma maldição... ou profecia.

A Rainha Apis não se deixou abalar. Caminhou ao redor da adversária e falou:

— Talvez sim, talvez não. Neste instante, a mutilada será você, matadora de bebês... Isso é por atacar o meu reino!

Usou suas poderosas mandíbulas e cortou uma das cinco patas remanescentes.

A guerreira sufocou um gemido.

— Isso é por roubar nosso alimento!

Outra pata foi decepada.

— Isso é por assassinar meus recém-nascidos!

Mais um membro foi arrancado.

A híbrida emitiu um silvo de dor.

— Isso é por matar minhas súditas!

Nesse ponto, a prisioneira desabou, agitando sua pata restante.

— E isso é para o meu prazer!

E a Rainha Apis cortou a última pata da inimiga.

Um lamento de dor, enfim, foi ouvido.

— Agora, enxotem-na daqui!

Assim foi feito. Sem ter onde se apoiar, a híbrida estropiada alçou vôo. Desorientada a princípio e sem estabilidade, percorreu erráticamente os arbustos até ganhar altura e, tropegamente, desaparecer.

A soberana de Própolis dirigiu-se à guarda que trouxera a prisioneira:

— A desgraçada será útil de fato. Retornará a Lepeletier para morrer, levando consigo a minha mensagem: eis o que acontece àquelas que se atrevem a nos atacar!

Mais tarde, sozinha em seus aposentos — e relembando os trágicos eventos do dia —, todo o fardo do poder caiu sobre seus ombros. Chorou. E, ao observar a tarde que se iniciava, pensou consigo que nunca se sentira tão só em sua vida.

## 7 - PRELÚDIO DA GUERRA

O Reino Dourado de Lepeletier era uma fortaleza impressionante. Seu volume ocupava o dobro do volume do Reino de Própolis. Refletia ouro sob os raios de sol vespertinos. Seus arredores encontravam-se calmos, todavia, no interior o clima era tenso e salpicado de ira.

— Miserável! — bradou a Rainha Mellifera em seu trono, observando a serva mutilada a seus pés. — Aquela miserável fez isso? Está pedindo guerra? Maldita Apis! Pois levarei a guerra até Própolis... Até as entranhas daquela prostituta!

A multidão de híbridas ao redor emitiu um brado marcial:

— Guerra! Guerra!... GUERRA!

Se, diante da escassez, o desespero em sustentar a enorme colônia levava suas operárias a agirem feito ladras, isso não justificava submeter uma de suas servas a tamanha tortura e humilhação. Era indigno a uma guerreira, uma afronta!

— Ela pagará por isso — jurou a monarca. — Pagará!

Depois, ergueu-se do trono e desceu os degraus até ficar diante da infeliz.

— Obrigada, minha querida. Seu relatório foi valioso.

— Servi-la sempre foi e será a minha missão e o meu prazer, Majestade.

— Abreviarei o seu tormento.

— Sinto-me, honrada.

A híbrida moribunda ergueu seus olhos em adoração. Enquanto a Rainha posicionava-se ao seu lado. Teve tempo de dizer:

— Vida longa a Lepeletier!

— VIDA LONGA A LEPELETIER! — repetiu a turba.

E, de um único golpe de suas formidáveis mandíbulas, a Rainha Mellifera degolou a filha.

Todas as guerreiras aquietaram-se e baixaram a cabeça numa homenagem silenciosa.

— Dêem-lhe um funeral honroso! — ordenou a Rainha Mellifera às servas que a rodeavam. — Sua coragem será exaltada, sua memória não será esquecida... E nem a vingança que isso implicará.

De agora em diante, havia um estado de guerra entre Própolis e Lepeletier.

## 8 - EMBOSCADA

Ela sentia-se finalmente livre.

Sonhava com isso desde criança, afinal, uma larva tinha tão pouco espaço para se movimentar... E, depois, precisou trabalhar como babá, sempre trancada no interior escuro da colônia. Foi faxineira, engenheira, cuidadora e camareira da Rainha.

Embora apreciase sobremaneira seus serviços de camareira real, agora que fora promovida a coletora, não trocava essa função por nada. A própria Rainha Apis sorria de seu contentamento infantil. E dissera-lhe em tom de cumplicidade:

— Eu sei como é isso.

Essa intimidade inesperada emocionara a súdita.

A Rainha Apis era enérgica, reservada, mantida em geral no alto do pedestal de sua posição. Suas raras demonstrações de empatia eram brechas através das quais era revelado o seu verdadeiro e solitário interior. Então, punha-se a mirar um ponto distante que somente ela via. Que pensamentos a acometiam nessas horas, somente ela poderia dizer. E uma cortina de tristeza caía sobre seu rosto. Porém, logo recompunha-se e a fisionomia pétrea tornava a ocupar seu lugar.

A nova coletora observara o pesar nos olhos da soberana e isso a fizera sentir um misto de orgulho e remorso, todavia, ambas sabiam que era o ciclo natural de trabalho de uma operária na colméia. Os interesses da coletividade sempre se sobrepunham a vontade do indivíduo, incluindo Sua Alteza. Era a velha cantinela. E, logo, outra operária a substituiria.

Mas agora não era momento para pensamentos tristes. Poder voar junto à brisa da manhã até algumas horas antes do dia findar, sentir o frescor do orvalho, bailar entre a folhagem, observar outros insetos, admirar o azul do céu e o branco das nuvens... Ah, não existia nada igual! Sua diversão maior era competir com as borboletas na coleta do néctar e invejar descaradamente aquelas asas maravilhosas. Um trabalho cansativo sim,

mas tremendamente prazeroso. Era capaz de percorrer cerca de dez flores por minuto, armazenando o pólen em pequenas cestas das patas traseiras e o néctar em um reservatório na garganta. Simultaneamente, polinizava cada flor, possibilitando a frutificação. Voava até dez quilômetros longe de Própolis sem se perder, o que era um feito e tanto.

No momento, terminava de colher mais um pouco de pólen sobre uma flor de laranjeira quando uma brisa trouxe-lhe uma fragrância forte, arrebatadora. Suas antenas farejaram, até estremeceram. Seus sentidos arrepiraram-se todos.

— Minha nossa!

Geralmente, reconhecia o aroma de cada flor e, agora, sabia por experiência o seu significado em quantidade de alimento. No entanto, aquele odor era muito penetrante e misturado, como se partisse de uma variedade surpreendente de flores em um único ponto. O que seria? Não pôde resistir à curiosidade e dirigiu-se para lá.

Logo atrás de um eucalipto, a ex-criada real avistou o que parecia um sonho: gotas inteiras de mel. Não néctar, mas mel, cujo néctar já fora desidratado e tratado com as enzimas de outras abelhas. Estavam depositadas sobre um galho da árvore. Como pararam lá? Humanos, por vezes, deixavam água açucarada para colibris. Seria obra deles? Olhou para um lado e para o outro, desconfiada, mas não detectou nenhum sinal de perigo. Então, voou até lá para examinar o achado, já antevendo a amostra que levaria e a dança em "oito" que faria prazerosamente para as irmãs, informando a localização.

Aproximou-se, pousou e provou.

— Uau!... Delicioso! Preciso retornar depressa para avisá-las.

— Não haverá aviso algum.

Virou-se, chocada.

De trás de uns galhos, elas surgiram. E também...

— VOCÊ!

## 9 - TRAIÇÃO

Nos dias seguintes, outras obreiras de Própolis desapareceram em circunstâncias misteriosas. Era como se um vórtice as tivesse tragado para o limbo. Temores míticos a respeito de criaturas maléficas dos bosques principiaram a despertar e, antes que a situação assumisse grandes proporções, as controladoras de vôo decidiram: em vez de partirem solitárias, as operárias começariam a coletar mel e pólen em duplas ou até em grupos de três, por mais que isso representasse um atraso.

Todavia, estas tiveram semelhante destino.

O pânico se espalhou.

A Rainha Apis cuidava da postura de centenas de ovos diários, um para cada alvéolo: a nova geração de operárias e zangões. Estes eram em número reduzidos: somente cinco por cento, e ocupavam alvéolos maiores, porém seus ovos, ao contrário das outras, eram não fecundados. Era uma missão tediosa, todavia, a razão de ser de sua existência. Ao menos, dava-lhe tempo para divagar e até sonhar acordada, o que era sempre perigoso. Por vezes, invejava uma simples batedora que saía todas as manhãs para procurar alimento. Sentiu falta de sua criada favorita. A outra era eficiente e sabia ser errado fazer diferença entre as filhas, contudo, aquela era especial, tão doce quanto o mel. Oh, e que tristeza as meninas viverem tão

pouco! Quantos adeuses a soberana não dissera ao longo de sua vida? Mais do que a maioria suportaria.

Sua comitiva real e outras serviçais não quiseram levar-lhe o problema dos sumiços das irmãs. Acreditavam poder resolver a questão por conta própria.

Mas as desapareições não pararam.

E as reservas de mel, pólen, própolis e cera começaram a diminuir.

Chegou num ponto que mesmo a Rainha Apis não deixou de perceber ao verificar o número relativamente reduzido de alvéolos vazios disponíveis à postura dos ovos. Exigiu esclarecimentos.

Quando foi posta a par de tudo, perguntou:

— Por que não me contaram?

A comitiva real tremeu da cabeça aos pés.

— Não queríamos importuná-la, Vossa Alteza. Acreditávamos solucionar a questão antes dela tornar-se urgente. Todavia...

— A ausência de uma única filha minha sem explicação é urgente. Pode significar um problema maior para as demais, como, de fato, demonstra ser o caso. Talvez um predador desconhecido rondando a região. Um grupo de louva-a-deus ou bando de pássaros migratórios, por exemplo.

— Ninguém avistou pássaros sazonais, Vossa Alteza.

— É somente um exemplo! Eu deveria...

Repentinamente, uma obreira esbaforida penetrou no recinto real.

— Vossa Alteza! Vossa Alteza!

Toda a comitiva dirigiu-lhe olhares raivosos e preparou-se para trucidá-la ante tamanho desrespeito ao protocolo real. Porém, a Rainha Apis impediu.

— Parem! Vamos ouvi-la.

A velha súdita fez uma mesura. Devia ter quase um mês de vida, uma idosa para os padrões, mas insistia em trabalhar como as demais.

— Agradeço, Vossa Alteza. Desculpe-me a intrusão. Uma de nossas irmãs desaparecidas retornou. Ela traz informações sobre o que ocorreu às outras.

— Ordeno que apresente-se a mim.

— Ela não pode caminhar por si.

A Rainha Apis ficou intrigada, sentindo uma névoa escura toldar-lhe a visão.

— Nesse caso, tragam-na a minha presença!

— Sim, Vossa Alteza.

A impressão que, feito um verme, corrou a soberana internamente adquiriu contornos de realidade quando a desafortunada criatura adentrou no aposento real e arrancou exclamações espantadas.

Seu estado era deplorável, quase idêntico ao que a Rainha Apis deixara a prisioneira da Rainha Mellifera: desprovida de ferrão e das patas. Ainda carregava sinais de tortura por todo o corpo. Era evidente que apelava as suas derradeiras reservas de energia e a vida esvaía-se de segundo a segundo.

A soberana forçou-se a engolir sua compaixão e, fingindo-se impessoal, mandou:

— Relate-me o que houve.

E o farrapo que um dia fora uma súdita alegre, laboriosa e dedicada contou sobre como realizava seu ofício entre as flores silvestres quando se vira rapidamente cercada por várias guerreiras de Lepeletier que fizeram-na prisioneira. Prenderam-na juntamente com outras

irmãs em uma área no interior da colméia severamente vigiada. Aquelas que resistiram foram imediatamente mortas. Levaram uma a uma na presença da Rainha Mellifera, cada qual submetida a rigoroso interrogatório sobre as defesas de Própolis, a planta da colônia, as principais fontes de alimento e o número de habitantes.

— Não dissemos nada, Vossa Alteza.

— Estou certa que não.

— Mesmo quando nos martirizavam, nada revelamos. Podemos ser mais fracas fisicamente, entretanto, o nosso caráter é inabalável, ao contrário de Lepeletier. E a maior prova disso eu tive diante de meu algoz!

— O que quer dizer?

A operária ferida hesitou.

— Responda à Sua Alteza — pediu-lhe gentilmente a irmã idosa que a amparava.

E a infeliz desabafou:

— Meu torturador foi um zangão! Foi o zangão forasteiro que Própolis acolheu!

Os olhos da Rainha Apis arregalaram-se. Um nó formou em sua garganta. O estômago revirou-se e a visão ficou turva. Sem conseguir conter-se, sua boca murmurou:

— Frisch!

Frisch, o seu amado.

Frisch, o vencedor do vôo nupcial.

Frisch, seu romântico e galanteador amante.

Frisch, aquele que dissera entregar-se somente a ela.

Frisch, cuja lábia desfazia-se em pó, revelando nele um traidor.

Desnorteada, lutando consigo para não aparentar fragilidade e o quanto a informação perturbara-lhe, afinal,

ninguém sabia que havia sido ele o contemplado, que ele era o pai da nova ninhada e futuras gerações. E, no sangue destas, circulava o sangue da deslealdade e da própria Rainha Mellifera e sua estirpe africana. "Por isso ele venceu facilmente seus adversários no vôo nupcial... É um híbrido!" A semente que ela ainda guardava dentro de si, agora pesava feito chumbo e queimava-lhe as entranhas.

"Frisch! Como pôde?"

Contudo, se ele era originário de Lepeletier, por que não fora morto após o vôo nupcial feito juntamente com outros, atrás da Rainha Mellifera? O pensamento desta fazendo amor com Frisch deixou-a nauseada. Talvez Frisch tivesse sido expulso após a ocasião e, em vez de perecer de fome, viera a Própolis buscar abrigo. Nesse caso, era provável que sequer fosse o virgem que alegara e tampouco, o apaixonado cujo coração presumidamente entregara-se somente a ela, a Rainha Apis. "Não, é inadmissível! Ele seria imediatamente morto pelas guerreiras de Mellifera ao retornar agora para Lepeletier. A menos... Exceto se levasse para ela informações cruciais sobre mim e Própolis! Será possível? As híbridas teriam violado uma lei de milhões de anos por isso?" A Rainha Apis nutria dúvidas, embora não pudesse afirmar com certeza. No final, concluiu que a melhor hipótese seria a de Frisch ainda fazer parte de Lepeletier porque fora intencionalmente enviado a Própolis antes de realizar qualquer vôo nupcial e, portanto, mantinha o direito de lá permanecer, ao menos por enquanto. E, assim sendo, tudo se passara de caso pensado, inclusive sua suposta paixão, as palavras sobre recordações, diferença e eternidade. Para arrematar, ele era filho

de sua arqui-inimiga. "Frisch está a par de minhas fraquezas e meus anseios!"

Um amálgama de emoções tomou conta da soberana: frustração, ódio, vergonha, repulsa. Ainda sentia o órgão de Frisch a pulsar dentro dela, seu fluido, suas carícias íntimas, seus sussurros...

"NÃO! Frisch, seu desgraçado traidor, vil torturador e assassino de minhas filhas!"

Procurou recompor-se por mais que seu sangue fervesse e seu espírito fosse tomado pelo frêmito da ira. Bradou a sua comitiva:

— REÚNAM O CONSELHO DE GUERRA!... Vamos atacar Lepeletier!

Tinha certeza da iminência de um conflito em largas proporções e o Reino de Própolis não ficaria de braços cruzados, aguardando.

Todas gritaram vivas, todavia, sabiam ser suicídio. Jamais conseguiriam vencer as hostes híbridas. Mas, se tinham que perecer, que fosse com honra e não sob as garras da fome ou do martírio. Ainda que vitoriosas, aquelas bárbaras sentiriam na pele a perda de milhares de suas próprias irmãs. Entoaram um antigo hino, um cântico marcial:

— *Até na morte venceremos. Os inimigos nunca esquecerão. Somos a fúria dos elementos e sob a borrasca cairão!*

A soberana aproximou-se da súdita moribunda. Delicadamente, tocou seu rosto, agradeceu sua lealdade e devoção.

A outra sabia o que viria a seguir e balbuciou:

— Tudo por Própolis!

Sem o saber, a Rainha Apis repetiu o gesto de sua rival, dando um fim rápido ao sofrimento de sua filha.

## 10 - PREPARATIVOS PARA A GUERRA

Quando uma das batedoras saiu para a frente da colméia a fim de organizar as tropas, teve uma horripilante surpresa. Um monumento macabro a aguardava: uma pirâmide de cabeças decepadas. Centenas de olhares mortos a fitavam. Voou até lá, boquiaberta, atenta a qualquer sinal de emboscada. Algumas eram suas amigas pessoais. Retornou depressa para Própolis e deu o alarme.

Rapidamente, aquela coisa pavorosa foi cercada por centenas de guardas. E todas prantearam. Lá estavam as irmãs desaparecidas, sequestradas, torturadas, mortas. Entre elas, a camareira real favorita da Rainha Apis. De todas as filhas, a mais meiga. A soberana lamentou amargamente. Em segredo, dera àquela delicada criatura um nome jamais pronunciado: Florzinha. Acariciou suas faces. Viu que uma súdita também lamentava a perda dessa operária em particular, talvez fosse sua companheira mais próxima. Convidou-a a chegar mais perto e desabafar seu luto. Então, no topo da pirâmide, a Rainha reconheceu. Retrocedeu um passo, tal o seu espanto.

— Frisch...

Não sentiu pesar, nem ódio, nem tristeza. Somente um vazio. Pouparam-na de uma tarefa. Mas... Por quê? Por que eliminaram o seu espião, alguém que, evidentemente, gozava de algum prestígio em Lepeletier e mostrara-se bastante eficaz?

A resposta encontrava-se em uma carta escrita sobre uma fina folha de cera. Em letras elegantes e floreadas, dizia:

*Rainha Apis*

*Se tinha alguma dúvida sobre o paradeiro de suas servas, soluciono-lhe o mistério.*

*Cento e setenta e três ultrajes por um ultraje, esse foi o meu preço e aqui está o seu troco.*

*Apreciou a obra de arte?*

*Quanto a "ele", um traidor jamais merecerá confiança, esteja de que lado estiver.*

*A partir de agora, nossos reinos encontram-se em guerra.*

*Não há flores o bastante para nós e, assim, fica intimada a mudar-se deste território até o findar do dia ou suportar as consequências: milhares de pirâmides como essa com sua própria cabeça no topo de uma delas e as sobreviventes de seu reino transformadas em escravas.*

*Decida-se depressa, pois não lhe resta muito tempo... minha nora.*

*Assinado pela Excelentíssima Majestade Real e Monarca do Reino Dourado de Lepeletier.*

*Rainha Mellifera.*

"Minha nora"...

... Era o derradeiro tapa na cara.

Não havia mais tempo para longos planejamentos. A declaração de guerra fora uma inesperada deferência por parte daquelas sanguinárias. Agora, o melhor que se podia esperar era um enxame de mortíferas guerreiras as suas portas a qualquer momento.

— Movam-se! Quero quarenta mil guardas preparadas! Atacaremos agora! As demais, continuarão nos cuidados de Própolis, dos bebês e da segurança do reino.

— Sim, Vossa Alteza!

— Vitória ou morte?

— VITÓRIA OU MORTE!

— Então, mexam-se!

Houve um rebuliço geral.

A atmosfera encheu-se de zumbidos.

Todas estavam cientes da derrota. Quarenta mil guardas contra até oitenta mil guerreiras híbridas, mais fortes e mais agressivas. As defensoras de Própolis dariam suas vidas corajosamente em uma guerra que não seria esquecida por todos os seres da floresta. Dariam cabo de tantas inimigas quanto pudessem antes de atravessarem as margens do existir.

Contudo, para a sua comitiva real, a Rainha Apis emitiu ordens sigilosas.

— Vou deflagrar a luta perto do território de Mellifera. Preparem-se para a mudança. Todas as vinte mil súditas que ficarem na colméia deverão carregar tantas larvas e os ovos quanto puderem, bem como mel, pólen, cera e própolis. Fundem um novo reino em segurança, distante daqui. É a minha última ordem!

— E quanto a Vossa Alteza? — indagou uma das serviçais.

— Meu lugar é na frente de batalha.

Houve protestos generalizados que beiraram a indisciplina.

A Rainha Apis exigiu silêncio.

— Não abandonarei os meus nobres deveres e, espero, não abandonarão os seus. Levem geléia real o bastante para fazerem emergir uma nova soberana. Tratem-na tão bem quanto me têm tratado. Cumpram o que ordenei. Eu... Eu as amo.

Todas ficaram atônitas com tamanha declaração. Em vez de interpretarem como um sinal de fraqueza conforme a soberana tanto temera, receberam suas últimas palavras com devoção redobrada. Haveriam de cumprir os desígnios reais custasse o que custasse.

— Sim, Vossa Alteza! — responderam em uníssono.

## 11 - CONFRONTO DE RAINHAS

A guerra que se seguiu foi das mais terríveis já presenciadas na floresta, nos campos, nas colinas e nos prados adjacentes.

Uma coisa era um enxame caótico de centenas de operárias atacar algum animal que viera roubar o mel. Outra, muito diferente, era a formação organizada de dezenas de milhares enfrentando-se no céu. Era uma massa compacta, mudando constantemente de forma, porém, mantendo uma espécie de coesão. Agia como um único e imenso organismo, cada membro tornando-se uma célula. Tão fluido quanto a água ou tão sólido quanto um arbusto espinhento. Causava arrepios. Animal algum seria insano o suficiente para enfrentá-lo.

Ambos os lados mergulhavam um em direção ao outro qual enormes revoadas de andorinha e, após se encontrarem e confundirem-se, centenas ou milhares de combatentes despencavam numa chuva de corpos mortos ou em agonia. O vento cuidava de espalhar restos mutilados em um festival de horrores. Num arremate pavoroso, algumas criaturas no chão — principalmente suas parentes distantes, as formigas — regalavam-se no banquete formado pelos cadáveres e moribundos. Zumbidos cortavam os ares ininterruptamente em diferentes frequências. Ordens. Gritos. Gemidos. Feromônios espalhavam-se, atizando o frenesi de luta de cada lado.

— Por Própolis!

- Por Lepeletier!
- Pela Nobre Rainha Apis!
- Por Sua Majestade Mellifera!

Quem escrevia sobre as glórias da batalha e atos de heroísmo, jamais devia ter participado de uma guerra. Apenas floreava ações imaginárias no conforto de seus aposentos. Não havia glória alguma nos assassinatos sistemáticos e deliberados, nas vidas interrompidas, no sofrimento indescritível e na dispersão de toda e qualquer civilidade. Somente imbecis exaltavam a guerra. A única glória a ela relacionada era o seu término. Heróis se sobressaíam por defender e salvar vidas, não por destruí-las. O resto era ignorância, sadismo, hipocrisia de oportunistas e psicopatas.

As guardas da Rainha Apis pereciam bravamente. Cinco, seis, até mais eram derrotadas antes que uma única guerreira de Lepeletier fosse abatida. Entrementes, não temiam a morte. Lutavam freneticamente, dilacerando membros, asas, antenas e cabeças. Eram terrivelmente fanáticas em seu propósito de defender o Reino de Própolis.

Mesmo ferida e esgotada, a Rainha Apis viu-se obrigada a admirar as adversárias. Eram assustadoramente bem sucedidas. De igual para igual, a soberana de Própolis conseguia abater uma híbrida, como de fato o fez várias vezes no decorrer das lutas. Os tamanhos de ambas eram comparáveis, todavia, a Rainha possuía a vantagem da inteligência, da experiência e da agilidade, conseguindo alcançar o pescoço de suas adversárias ou uma das asas, antes que estas fizessem uso de seus ameaçadores ferrões. E, sem uma das asas, ainda que ílesa no resto, híbrida ou não, podia considerar-se morta. Todavia, agora, a

soberana de Própolis encontrava-se muito cansada. Podia ser apanhada desprevenida a qualquer momento por uma ou mais daquelas jovens e implacáveis guerreiras.

A depender de sua vontade, a Rainha Apis idealizara seu derradeiro combate. Seria contra a Rainha Mellifera. Conseguira observá-la durante os vôos de encontro dos enxames. A monarca rival, embora mais poderosa entre todos os que lutavam, via-se permanentemente cercada por pelo menos cinco guarda-costas. Se a ameaça fosse maior, juntavam-se dezenas, centenas e até milhares de outras, formando uma esfera ao redor da monarca. Não havia maneira de uma guarnição de Própolis superar aquela linha de defesa. E quando o grupo de Lepeletier partia para a ofensiva utilizando tal estratégia, literalmente triturava as oponentes em seu caminho.

O conflito prosseguiu encarniçado.

Por volta de um terço das súditas da Rainha Apis havia sucumbido. Mais de treze mil filhas! Um verdadeiro genocídio. Cada perda era um punhal fincado em seu peito. Só esperava que estivessem ganhando tempo o bastante para que as vinte mil deixadas para trás tivessem encontrado um local seguro para implantarem uma nova colônia.

Em dado instante, o pior aconteceu: a Rainha Apis viu-se alvo das guarda-costas da poderosa Rainha Mellifera. A esfera viva rolou no céu em sua direção, abriu um orifício e, a semelhança da bocarra de um monstro, engoliu a soberana.

- Vocês viram aquilo?
- Vamos salvá-la!
- Ao ataque!

As guardas de Própolis avançaram em massa sobre aquela coisa. Chegaram a organizar uma formação em cunha a fim de penetrá-la. Todavia, era uma bola oca, espessa e inexpugnável constituída por milhares e milhares de híbridas entrelaçadas, impossível de ser atravessada. Ademais, as outras guerreiras que não faziam parte daquela estrutura continuavam combatendo nos arredores às dezenas de milhares.

O conjunto desceu até o galho de uma árvore próxima, pousando sobre ele, mas mantendo o contorno esférico.

No interior, uma guerreira impetuosa, particularmente enfurecida, saltou para matar a soberana de Própolis. Sua irmã mais íntima havia sido uma das salteadoras mortas e o desejo por vingança cegava-lhe os sentidos. A Rainha tentou defender-se e foi empurrada para trás. A agressora sorriu a premonição dos vencedores.

— Morra, meretriz! — vociferou.

Estava prestes a atirar-se sobre a Rainha inimiga e liquidá-la sem clemência. Entretanto, foi surpreendida por um peso às costas e, antes que pudesse entender o que ocorria, teve a sua cabeça arrancada em um único golpe.

A Rainha Apis ficou perplexa até perceber a Rainha Mellifera sair de trás do cadáver da outra, ainda a estrebuchar.

A líder de Lepeletier esbravejou em voz alta:

— Se há uma lei sagrada comum a todas nós, é: "Uma Rainha somente será morta por outra Rainha"! Ninguém deverá interferir. Entenderam?

— Sim, Vossa Majestade! — responderam.

"Então, é isso", refletiu a Rainha Apis. "Será aqui que tudo terminará. Pois bem, dos cinco anos de vida de uma

Rainha, vivi quase quatro. Foi um bom tempo e procurei dar o melhor de mim. Pena que falte muito para o anoitecer. Gostaria de observar as estrelas uma última vez... Ah, sempre a boba sentimental! Nunca aprenderá? O Universo não existe para atender aos seus desígnios, não pertence a você, pelo contrário, você é uma ínfima porção dele. E ao seu pó retornará. Desde o princípio você sabia: o mundo é governado por uma rigidez cruel, desapiedada e implacável. Agora será somente mais um desfecho de infinitos princípios que surgirão após a minha morte."

A soberana de Própolis levantou-se. No interior daquela esfera formada por milhares de olhares hostis, ajeitou-se o melhor que pôde para o combate. Não era páreo para a Rainha Mellifera, mas não cederia sua cabeça tão facilmente.

— É uma mulher de fibra — falou a monarca de Lepeletier —, isso eu reconheço. Tem o meu respeito, assim como suas servas que continuam a nos atacar, sacrificando-se por você.

— Não por mim... Por Própolis!

— Por *you* — insistiu.

De fato, milhares e milhares de zumbidos desesperados eram ouvidos do lado de fora, bem como o rilar das mandíbulas inimigas.

— Torturou minhas filhas! — acusou a Rainha Apis.

— O que pensa que fez ao ridicularizar minha serva?

— Suas servas destruíram meu berçário!

A Rainha Mellifera fez ouvidos moucos.

— Você matou Frisch — prosseguiu a Rainha Apis.

— Frisch? Quem é... Oh, você deu-lhe um nome! Interessante... Sim,

matei meu filho. Se ele a traiu, cedo ou tarde trair-me-ia também. Contudo, não fui completamente sincera naquela missiva. Quer saber o verdadeiro motivo que levou-me a sacrificá-lo?

— Tenho opção?

— Receio que não — A monarca de Lepeletier sorriu. — Matei-o porque ele realmente a amava. Não acredita? Não posso culpá-la. Ele só fez o que fez porque ameacei-o de humilhá-la e torturá-la vagarosamente antes de, finalmente, destruí-la. Assim, a contragosto, ele martirizou suas filhas. Contudo, esse amor por você eu nunca poderia admitir. De todas as traições imagináveis, essa foi a maior. Como bem sabe, é outra regra inquebrantável: "Não servirás a duas Rainhas". Todavia, cumprirei minha parte no acordo: seu fim será rápido... Prepare-se, Apis!

A Rainha Mellifera afastou-se de suas guarda-costas e caminhou para o centro do que se tornou uma pequena arena sobre o galho.

A soberana de Própolis assumiu uma postura defensiva, apoiando-se nos dois pares de pernas traseiras flexionadas. No último instante, pretendia projetar-se a toda velocidade sobre a oponente maior, disposta a atacá-la com a mandíbulas e o ferrão simultaneamente. Sua chance era mínima, porém, se iria morrer, que fosse em pé e, jamais, de joelhos.

A adversária, por seu lado, estava decidida a acabar com a outra através de uma ou mais ferroadas. Usaria suas possantes mandíbulas, mas não para decapitá-la. Cortaria uma antena, depois outra, talvez um ou mais membros e as asas. Contudo, o final seria sob a ponta aguçada de seu agulhão cravada no coração da Rainha Apis.

Estavam prontas a engalfinharem-se.

Então...

## 12 - NOVA AMEAÇA

O destino, entretanto, tinha vontade própria e traçara suas linhas.

Ora irônico.

Ora vingativo.

Ora indiferente.

Ora zombeteiro.

Os zumbidos aflitos do lado de fora foram substituídos por gritos. E não eram das súditas da Rainha Apis, mas de guerreiras da Rainha Mellifera.

— O que está acontecendo? — gritou a monarca de Lepeletier.

Um novo orifício se abriu na esfera e, através do túnel formado em sua espessura, algumas servas ofegantes penetraram.

— Vossa Majestade, estamos sendo atacadas! Lepeletier foi invadida!

A enorme Rainha Mellifera voltou-se para a Rainha Apis.

— Tramou algo traiçoeiro enquanto lutávamos?

— Se houve traição, não foi de minha parte — retrucou.

A obreira de Lepeletier, ainda sem fôlego, acrescentou de supetão:

— Não são elas, Vossa Majestade... São... são os monstros!

A monarca franziu a testa.

— Monstros?

— Vespas... Imensas! Vespas gigantes, Majestade! Estão destroçando nosso povo, mastigando nossas irmãs ainda vivas! Vieram do norte e caíram sobre nós. Nossas mandíbulas e ferrões não conseguem atravessar a blindagem

delas. Estamos sendo dizimadas! Estamos...

E caiu morta aos pés de sua Rainha, deixando ver o buraco por onde o veneno viscoso de uma vespa escorria lentamente.

Vespas comuns eram antigas e tradicionais ameaças para as abelhas. Atacavam não apenas para roubar o mel, mas, principalmente para capturar bebês e operárias, pois suas próprias crias eram vorazmente carnívoras. Só a idéia de servir de alimento para tais criaturinhas era o suficiente para fazer até uma guerreira híbrida tremer.

Todavia, pelo que as outras obreiras descreveram, as forasteiras gigantes eram muito piores.

A Rainha Mellifera ficou petrificada, sem saber como agir talvez pela primeira vez em sua vida.

Então, a Rainha Apis pôs-se a frente e bradou:

— Parem de lutar!... Pela divindade do mel... PAREM DE LUTAR!... Trégua, que haja uma trégua entre nós. Um inimigo comum nos varrerá deste mundo se não o enfrentarmos juntas.

A monarca de Lepeletier emergiu de seu torpor e também emitiu ordem semelhante.

— Cessem a batalha! OBEDEÇAM!

A esfera viva desfez-se lentamente em meio ao burburinho, seus elementos ainda em prontidão.

A Rainha Mellifera aproximou-se da Rainha Apis.

— Nosso assunto aqui não terminou.

— Sei disso.

— Então, por que irá me ajudar?

— Não ajudo você. Protejo meus filhos. Se seu reino for destruído, em seguida, essas coisas virão atrás do meu. Prometa-me: aconteça o que acontecer, poupará minhas crianças!

A Rainha híbrida sorriu.

— Prometo, afinal, agora elas são minhas também.

### 13 - UNIÃO FAZ A FORÇA

As vespas gigantes não eram muitas, todavia, se as guerreiras da Rainha Mellifera eram temíveis, aquelas representavam a própria morte de asas. Perto delas, as híbridas eram tão pequenas quanto as súditas da Rainha Apis em comparação às híbridas.

Foi um confronto pavoroso.

Esses demônios alados conseguiram atravessar um oceano e cruzar um continente. Nada aparentava detê-los. Não havia argumento capaz de impedir seu ataque sangüinário. Para o supremo terror, não demonstravam o menor interesse por pólen ou mel. Vespas gigantes adultas nutriam-se do sangue de suas vítimas. E esquartejavam os corpos para alimentar suas larvas. Queriam carne! Atacavam e decapitavam suas adversárias — presas, na verdade — numa rapidez avassaladora, feito criaturas saídas dos piores pesadelos. Uma única vespa gigante era capaz de eliminar trinta guerreiras de Lepeletier em um único minuto. Não podiam ser subornadas. Não havia acordo, assim como uma aranha não negociava com uma mosca. O único propósito a guiá-las era fincar suas colossais mandíbulas e triturar o que houvesse entre elas.

— E reclamamos do ataque das híbridas! — queixou-se uma guarda de Própolis.

— Ao menos, valeu a pena viver para vê-las se borrarem de medo.

— Ficou doida? Andou tomando mel fermentado?

— Ora, que sintam o temor que sentimos...

— Se elas perderam, nós perdemos.

— E já não era assim?

— Oh, cale-se!

Os dois enxames unidos ainda contavam dezenas de milhares, porém, não conseguiam fazer frente às mandarinas — como as estrangeiras se autodenominavam. Nenhuma estratégia parecia funcionar. Centenas de vítimas logo tornaram-se milhares, dezenas de milhares. O solo aos pés da árvore onde estava encravado o reino de Lepeletier logo ficou coberto de cadáveres, mais ou menos devorados.

A serva morta tinha razão: a couraça das invasoras era impenetrável aos ferrões. As mandíbulas mostravam-se ineficazes contra as asas das inimigas que, de resto, não esperavam imóveis para serem mutiladas.

Milhares e milhares de súditas de Própolis e Lepeletier estavam sendo derrotadas por somente algumas dezenas de mandarinas... Dezenas!

— Seremos extintas!

— Pensem, irmãs... Pensem!

— Eu... Hã... Eu tive uma idéia! Ouçam...

E a operária de Própolis expôs rapidamente seu plano.

O estrategema consistia em formar uma esfera semelhante a que envolvia as Rainhas, todavia, completamente comprimida a ponto de não dar espaço à

agressora para mover-se, dificultando a sua respiração pelo acúmulo de gás carbônico e limitando seu ataque. E, então, agitando-se velozmente as asas, aumentar a temperatura interna a fim de tentar provocar o colapso dos órgãos internos da vespa gigante.

— Mas aquelas de nós que estiverem perto demais também não... Oh, sim, entendi.

Colocaram isso em prática na mandarina mais próxima, a qual terminara de arrancar a cabeça de uma híbrida e sugava o líquido de seu tórax. Reuniram duas centenas de aliadas e, simultaneamente, envolveram a inimiga. Formaram uma espécie de nuvem que foi se compactando mais e mais até o tamanho de uma laranja que caiu e rolou pelo chão. Lá, prosseguiram a comprimir e fazer vibrar as asas. No interior da bola, como previsto, a temperatura subiu. Quanto atingiu acima de quarenta graus centígrados...

— Funcionou! — gritou alguém, ofegante. — Está morta!

Finalmente! Ao menos uma estratégia havia dado resultado.

Várias súditas de Própolis e híbridas de Lepeletier deram suas vidas no esforço, principalmente as que encontravam-se mais próximas do centro, seja devido as mandíbulas da vespa, seja pelos próprios efeitos de calor e sufocamento que ajudaram a provocar. Contudo, eliminaram a oponente, até então invencível.

A operária que tivera tal lampejo de gênio fora uma das que se sacrificaram. Não chegara a provar do gosto da vitória, porém, deixara uma preciosa semente. E ela rapidamente germinou por entre todas. Guardas de Própolis e guerreiras de Lepeletier

lutaram juntas, unidas umas pelas outras, independentemente a qual colméia pertenciam. Defendiam uma causa comum e a ela entregaram-se vigorosamente, inúmeras pagando o maior dos preços, conforme era o seu dever.

No final, após esforços tremendos, as poderosas mandarinas foram derrotadas.

Mas o custo da guerra foi inominável.

E ainda não tinha terminado.

#### 14 - UMA ÚNICA COLMÉIA

Após inacreditáveis sacrifícios de ambos os lados, as populações dos reinos de Própolis e Lepeletier encontravam-se perigosamente desfalcadas. Ademais, quase toda a colméia da Rainha Mellifera fora devastada. Muitos de seus bebês tinham morrido ou sido levados para um destino mais cruel do que a morte. E, pior ainda, nada garantia que uma nova incursão de mandarinas não iria acontecer num futuro próximo, já que o caminho fora demarcado e os feromônios daquelas selvagens ainda permaneceriam por muito tempo no ar.

As Rainhas tornaram-se a se encontrar face a face.

A monarca de Lepeletier encontrava-se em estado de choque. O receio de ver seu reino fragilizado finalmente se concretizara. E também, apesar de que jamais confessaria, devido ao extraordinário número de filhas mortas. Seu reino sempre fora o agressor; nunca, o agredido.

A soberana de Própolis, por sua vez, num ato inusitado, propôs algo que

jamais passara pela cabeça de qualquer Rainha.

— Unamos nossos reinos para formar uma só fortaleza. Própolis continua intacta, assim, sugiro que você e suas súditas instalem-se lá junto com minhas filhas, levem o que sobrou de seus recursos, adaptem os alvéolos para a sua postura ou criem alvéolos novos adequados ao tamanho de suas novas guerreiras.

A monarca de Lepeletier, esgotada da batalha, fitou a outra, desconfiada.

— O que deseja em troca? — perguntou.

A Rainha Apis respirou fundo, recordando-se de uma certa manhã feita de Sol, colinas, brisa, das derradeiras estrelas e do perfume das flores do campo.

— Que haja paz entre nossos povos.

Foi uma atitude revolucionária, um gesto histórico sem precedentes dentro da rígida e estratificada sociedade das abelhas. Concomitantemente, a soberana de Própolis colocou-se em uma posição extremamente delicada. Se a Rainha Mellifera não aceitasse, provavelmente as serviçais da Rainha Apis tratariam de eliminar sua soberana por julgarem a sua atitude de uma fragilidade extrema, praticamente entregando o reino à inimiga. E o conflito entre ambos os reinos seria imediatamente reiniciado. Outras milhares de mortes se seguiriam. Por outro lado, se a monarca de Lepeletier aceitasse, colocaria em risco a própria cabeça por idêntico motivo diante de suas guerreiras. Mas, se a Rainha Mellifera sobrevivesse ao acordo, as guardas de Própolis pensariam duas vezes antes de tentarem matar a Rainha Apis diante das novas aliadas.

"Em verdade, é um sonho dentro de outro sonho", pensou a soberana de Própolis. "Minha única certeza é a conclusão a que cheguei no interior daquela horripilante bola viva: o desfecho de minha vida está próximo."

Como se lesse seus pensamentos, a Rainha Mellifera sussurrou:

— Você sabe o que isso significa...

A soberana do Reino de Própolis fixou seus olhos na monarca de Lepeletier.

— Eu sei... Significa que não quero minhas filhas transformadas em escravas ou... obras de arte! Prometa que zelará por elas como se fossem suas guerreiras, suas próprias filhas.

Então, diante de milhares de súditas exaustas e, mais ainda, das dezenas de milhares de corpos a jazer no solo empoeirado, a Rainha híbrida pensou e decidiu-se:

— Eu prometo e aceito seus termos!

E assinou embaixo o crucial momento de uma nova história.

Aguardou ser atacada por suas servas, todavia, tal não aconteceu.

As súditas da Rainha Apis tampouco se manifestaram, cansadas da batalha e, provavelmente, fartas de todas as lutas que já enfrentaram.

Assim, as lendas futuras cuidariam de narrar esse novo princípio, bem como o corajoso e inevitável epílogo que estava por vir.

## 15 - RAINHA HERDEIRA

Era um momento solene, heróico e trágico.

Todas sabiam disso, tanto de um lado quanto do outro.

E rendiam suas homenagens antecipadamente em total silêncio.

— Apis.

— Mellifera.

As duas Rainhas encontravam-se frente a frente, diante de suas súditas, tornadas um só povo.

Aquilo que fora adiado na arena improvisada diante da invasão das mandarinas, agora teria seu desenlace.

— Por que não foge, Vossa Alteza — indagara uma das criadas à Rainha Apis, a segunda mais próxima da soberana após Florzinha.

A Rainha não se sentira ofendida, pois compreendera a sincera preocupação da outra.

— Por que eu as amo e nunca as abandonaria. E uma promessa de tal envergadura, feita diante de todas, não poderá ser quebrada. Tampouco eu daria as costas aos meus deveres reais, Orvalho. Por mais "diferente" que eu seja, há coisas que nem mesmo eu posso, devo ou quero evitar.

— "Orvalho"? — dissera a criada, confusa.

A Rainha Apis sorria.

— É o seu nome, minha filha. E o de sua irmã era Florzinha.

A Rainha Apis lembrou o espanto da súdita e a forma como ela correria para fora do aposento real a fim de que suas lágrimas não fossem vistas.

Sim, o mundo de sua espécie era rigoroso demais, porém, havia lugar para a sensibilidade, a inocência... e a esperança.

Trombetas soaram na manhã cheia de promessa de sol, vento e céu azul.

— Pronta? — indagou à Rainha Mellifera.

— Estou. Acabemos logo com isso.

— Sim. Enquanto ambas existirmos, uma sempre viverá sob a sombra da ameaça que a outra representa. "Não haverá mais de uma Rainha a governar um reino". É a nossa lei mais sagrada entre todas.

— Bem sei.

A Rainha Mellifera murmurou aos ouvidos da oponente:

— Nossa vida é trágica. Agora que a conheço melhor, lamento não a ter como amiga.

A soberana de Própolis não soube responder. Jamais esperaria isso da outra. E, a contar pela expressão de espanto da Rainha Mellifera, ela própria surpreendeu-se com suas palavras.

Talvez a solidão não fosse um sentimento isolado, afinal.

As trombetas emudeceram.

O combate teve início.

Ao redor, fileiras e mais fileiras concêntricas de súditas. Mais do que uma platéia, estavam lá para testemunhar a contenda e, se necessário, aniquilar aquela que procurasse escapar.

As Rainhas começaram a dar voltas, uma atenta a outra, em círculos cada vez menores. Asas agitadas, corpos trêmulos de excitação, antenas cautelosas e mandíbulas abertas como tenazes. A exceção do som sibilante provocado pelo tremeluzir de asas, o silêncio era absoluto, tão denso e tenso que poderia ser fatiado.

Finalmente, atracaram-se.

A Rainha Apis era grande em comparação às suas filhas, porém, sem chance alguma contra a monarca de ascendência africana.

Rolaram para cá e para lá no chão poeirento inúmeras vezes até a Rainha Mellifera conseguir agarrar a adversária por trás e fincar seu ferrão no abdômen

da Rainha Apis. A dor foi intensa e esta arquejou, relaxando os músculos.

A Rainha Mellifera sussurrou nos ouvidos da outra, acelerando o bater de asas a fim de que as operárias não escutassem:

— Lamento, Apis. Com sua morte, minha promessa irá com você.

A Rainha Apis, agonizante, respondeu:

— Eu suspeitava. Não posso dizer que lamento... minha sogra!

Intrigada, porém ansiosa por dar um fim àquilo, a Rainha Mellifera abandonou a idéia do ferrão e posicionou suas mandíbulas afiadas ao redor do pescoço da adversária.

A Rainha Apis gritou:

— Cadê as estrelas?... Por um mundo diferente... Oh, Frisch!

Num rápido movimento da híbrida, a vitória foi consumada.

Houve um longo burburinho de pesar.

Até as guerreiras da Rainha Mellifera lamentaram discretamente.

Cumprira-se a profecia daquela híbrida a qual a Rainha Apis mutilara.

Entretanto, o resultado em si não fora surpresa. A soberana de Própolis servira ao seu desígnio e sua obrigação honradamente, e assim seria lembrada. Quanto ao destino de suas obreiras e bebês, seria sombrio nas mãos da monarca de Lepeletier não fosse...

— EU DESAFIO A RAINHA MELLIFERA!

Todas voltaram-se, surpreendidas.

A Rainha Mellifera não pôde crer em seus olhos.

— Que-quem é você? — balbuciou.

Do interior de Própolis, surgira uma nova Rainha no completo vigor de

sua juventude e força. Trazia em suas veias o sangue da Rainha Apis e de Frisch. Falou:

— Sou sua nêmesis... minha avó!

A pequena criada, Orvalho, sorriu. Alimentara a bebê nos últimos dias com a geléia real. Cuidara pessoalmente dela. Vigiará a pupa. Preparara-a. Sua amada Rainha Apis, nos termos da lei, seria vingada. Assim como as irmãs que pereceram sob tortura e nos campos de batalha, e, em especial, a querida e saudosa Florzinha.

As lendas da floresta falariam sobre batalhas, mortandades, bravuras e traições. E também contariam a respeito de uma monarca, cujo reinado sobre duas antigas colônias, durara menos de um dia.

Então, a nova Rainha, carregando em suas veias a fusão de dois reinos rivais, cerimoniosamente rebatizou a antiga colônia de Própolis.

— Doravante, este reino será chamado de... Apis!

Mas, um pouco distante dali, para além das colinas douradas, outra Rainha estava prestes a emergir, em uma nova colméia, entre aquelas que a Rainha Apis ordenara que partissem. Provavelmente, em algum lugar no futuro, a trágica e

solitária vida dessas soberanas viria a se cruzar, e velhos episódios repetir-se-iam.

Foi registrado nas crônicas de cera:

"Sob as estrelas no escuro do céu, e sob aquela estrela, a 'Estrela Rainha', jazem os corpos de Suas Excelências, Sua Alteza, a Rainha Apis e Sua Majestade, a Rainha Mellifera. A cada Rainha que surge, outra deve partir, contudo, a espécie, enquanto um todo, prosperará."

A coletividade sempre o exigira:

O bem maior de sua maioria.

A bela e eterna sociedade.

Onde muitos eram um.

E sempre o seriam.

## EPÍLOGO

*Que forças regem a vida  
acima da própria vontade?*

*Qual a importância do indivíduo  
perante a sua sociedade?*

*De sua história, quem se lembrará  
nos amanhã que estão por vir?*

*Ah, mas eu vivi, amei e sorri  
e clamo, na minha essência,  
a importância do existir.*

*(Rainha Apis)*

\*\*\*



**Biografia:**

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" - não obstante a Guerra Fria - que hoje não existe mais. Ainda criança, colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Lia pelos cantos os pockets da série "Trevo Negro" do legendário R. F. Lucchetti. E apavorei-me com o episódio "O Monstro Invisível", de Jonny Quest. Ah, sim, fui um garoto que amava os monstros. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Fui agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Em 2020 fui um dos vencedores do concurso "Os Três Melhores Contos", também pela "Conexão Literatura", com a história "O Quinto Cavaleiro", publicado em sua edição nº 60. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc. Atualmente, participo de várias antologias, entre as quais: "Aquela Casa" (Verlidelas Editora), "Dossiê Macabro: Táxi" (Editora Diário Macabro), "Epopéias Modernas: Vilões" (Épos Editora), "Dossiê Macabro: Táxi" (Editora Diário Macabro), "Insólito" (Porto de Lenha Editora), "Kamishibai" (Dark Books), "Leyendas Mexicanas" (Dark Books), "Lua Negra" (WebTV), "Malignidade" (Editora MWG), "Mundos Fantásticos", vol. 1 (Selo Nebula), "O Amor está nas Nuvens" (Editora Ruppell), "O Espantoso Mundo da Antecipação - Vol. 1" (Elemental Editoração), "Presença Oculta" (EHS Edições) etc. O conto "A Teu Dispor" foi premiado como conto destaque na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse).

**Obs:** Informações: *Google*, *Uiclap*, *Efuturo* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://br.pinterest.com/robertoschima/>

**Contato:** [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br)

REVISTA  
**CONEXÃO LITERATURA**

**PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS**

NO AR  
DESDE 2015

# CONECTANDO **AUTORES E LEITORES**

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.12.2020

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

**ACESSE O NOSSO SITE**

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

**Fanpage** @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura